

COMUNICAÇÃO EM TEMPOS DIGITAIS:
CRÍTICA E PROFECIA

EDITOR RESPONSÁVEL
Claudemir Francisco Alves

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Rodrigo Ladeira

CAPA
Dayane Amabile dos Santos

REVISÃO
Robson Sávio Reis Souza

FICHA CATALOGRÁFICA

C741 Comunicação em tempos digitais: crítica e profecia / organizado pelo Observatório da Comunicação Religiosa. – São Paulo : Editora O Lutador, 2026.
172 p.
Textos compilados do programa “Igreja em saída”, da TV Aparecida.
ISBN 978-85-7907-159-1

1. Comunicação de massa - aspectos religiosos - Igreja Católica. 2. Rede Aparecida de Comunicação. I. Observatório da Comunicação Religiosa. II. Título.

CDU: 61:659.3

Observatório da Comunicação Religiosa

COMUNICAÇÃO EM TEMPOS DIGITAIS: CRÍTICA E PROFECIA



Belo Horizonte-MG
2026

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
PREFÁCIO	17

PARTE I: POR UMA COMUNICAÇÃO HUMANIZADORA

I. UM OLHAR PARA A COMUNICAÇÃO DA IGREJA NO BRASIL	
O que é o Observatório da Comunicação Religiosa?	25
Comunicação e Igreja em defesa da casa comum	27
A Igreja escuta-te	29
Análise crítica e propositiva da comunicação	31
II. COMUNICAÇÃO, VÍNCULO E PARTILHA	
Por que a comunicação é social?	33
O corpo e a comunicação	35
Comunicação e comunhão	37
Comunicação e diversidade cultural	39
III. PRESENÇA PLENA DOS CRISTÃOS NAS REDES	
A presença da Igreja nas redes sociais	41
A qual rede nos conectamos?	43
O ambiente digital é espaço público	45
Rumo à presença plena	47
O testemunho nas mídias sociais além da fama	49
O fenômeno dos influenciadores digitais católicos	51
Missionários digitais e o anúncio do Evangelho	53
IV. OS DESAFIOS DA ERA DIGITAL	
Infoxicação	56
Riscos e possibilidades dos aparatos de comunicação	58
Redes digitais: possibilidades, limites e perigos	60
Desinformação, <i>fake news</i> e política	62
Os pecados do jornalismo	63
Imprensa e tragédias	65
O cavalo Caramelo	67
V. FORMAR PARA COMUNICAR COM ÉTICA	
Leitura crítica da comunicação	69
Educação para a mídia	71
As novas tecnologias e a comunicação humanizada	73

Quando a pauta positiva se torna negativa	74
Silêncio conivente	76

PARTE II: FÉ, VERDADE E RESISTÊNCIA

I – DEMOCRACIA AMEAÇADA	
Democracia e desinformação	81
A violência e a comunicação	83
II - A FÉ MANIPULADA	
Política e religião	85
Desinformação por grupos católicos	87
Religião e desinformação na mídia	89
A saúde do papa Francisco	91
III - O VENENO DO ÓDIO: DA POLARIZAÇÃO AO FANATISMO	
Cultura do ódio	93
Discursos de ódio	95
IV - CAMINHOS CRISTÃOS DE RESPOSTA: ÉTICA, PAZ E VERDADE	
Comunicação profética para enfrentar o fundamentalismo	97
Ética e comunicação: compromisso com a verdade	99
Liberdade, responsabilidade e transparência na internet	10
O projeto de lei das <i>fake news</i>	104
Omissão e silenciamento na comunicação	106
Quando as palavras falam e gritam, isso não é mais sobre palavras	108

PARTE III: COMUNICAÇÃO E CAMINHOS DE PAZ: HORIZONTES

I. JESUS, MODELO E FONTE DA COMUNICAÇÃO CRISTÃ	
Jesus comunicador	113
Jesus, o Comunicador, vem a nós no Natal	115
Jesus usaria as redes digitais?	117
II. COMUNICAÇÃO E MISSÃO NA IGREJA DE HOJE	
Comunicação na Igreja: desafios e oportunidades	119
Comunicação para uma Igreja sinodal	121
A missão do comunicador e da comunicação cristãos	123

III. A INSPIRAÇÃO DO PAPA FRANCISCO PARA OS COMUNICADORES	
Falar com o coração	125
Lições do papa Francisco para Comunicadores Cristãos	127
Os gestos do papa Francisco	129
A Mensagem do papa Francisco para uma comunicação verdadeira...	131
IV. COMUNICAR EM ESPÍRITO DE COMUNHÃO E ESPERANÇA	
Jubileu do mundo das comunicações	133
Conferência Jubilar Global com religiosos	136
O Dia Mundial da Liberdade da Imprensa e das Comunicações	138
V. COMUNICAÇÃO PARA A PAZ E A JUSTIÇA	
Comunicação não-violenta	141
Comunicação para uma cultura da paz	142
A esperança não engana	144
A fome e o “Quarto de Despejo”	145
Uma reportagem da TV Aparecida sobre a população de rua	147
Dia dos Pobres	149
VI. COMUNICAÇÃO E COMPROMISSO SOCIOAMBIENTAL	
A comunicação da Comissão de Ecologia Integral e mineração nas eleições	151
O pacto educativo global e o desafio da cultura do encontro	153
O chamado da <i>Laudato Si'</i> para o cuidado da casa comum	155
As mudanças climáticas e a comunicação	157
VII. DESAFIOS ÉTICOS E TECNOLÓGICOS DA ERA DIGITAL	
Os riscos da Inteligência Artificial	159
Um pouco mais sobre inteligência artificial	161
Vida acelerada	163
VIII. FÉ, POLÍTICA DISCERNIMENTO COMUNICACIONAL	
Religião e política	165
Religião, política e fanatismo na comunicação	167
Comunicação e encarnação	169
SOBRE OS AUTORES	171

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBJP	Comissão Brasileira de Justiça e Paz
Cepacs	Comitê Episcopal Pan-Africano para as Comunicações
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CRB	Conferência dos Religiosos e Religiosas do Brasil
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii gaudium</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et spes</i>
OCR	Observatório da Comunicação Religiosa no Brasil
ONU	Organização das Nações Unidas
Pascom	Pastoral da Comunicação
UCBC	União Cristã Brasileira de Comunicação

APRESENTAÇÃO

UMA COMUNICAÇÃO SOB O SIGNO DA ALEGRIA E DA ESPERANÇA

Claudemir Francisco Alves

Este livro reúne textos produzidos, originalmente, para o programa *Igreja em Saída*, que foi ao ar pela TV Aparecida, em episódios semanais, entre 2022 e 2025. A diversidade de vozes, de abordagens e de gêneros textuais é portadora da riqueza de olhares e da complexidade da comunicação religiosa hoje. No caso específico da comunicação evangelizadora da Igreja Católica, percebe-se um tensionamento crítico entre essa rica variedade, a necessária unidade doutrinária e a desejável convergência pastoral.

Em outras palavras, este livro nasce como uma resposta à demanda urgente da sinodalidade, veementemente convocada nos anos do pontificado do papa Francisco. O caminho que se faz juntos, tal como expressa o termo *sínodo*, não está dado. Pelo contrário, existem muitas vozes dissonantes e inúmeras propostas de direção. O esforço para construir uma trajetória compartilhada é uma das maiores urgências para a Igreja, tal como reiteradamente declarado por Francisco.

Sem dúvida, o cenário da comunicação na Igreja Católica é desafiador nesta primeira parte do século XXI. Numerosos modos de ser Igreja têm se traduzido em concepções pastorais diversas, por vezes, destoantes. A riqueza agregada pela pluralidade comporta também estridências. As múltiplas vozes sobrepostas, às vezes conflitantes, revelam as muitas visões sobre o que é ser Igreja. Nem sempre isso se dá de forma harmônica: não é raro que uma ou outra voz queira sobressair e calar as demais.

Essa polifonia, contudo, pode encontrar um tema condutor nos ensinamentos de Jesus e na doutrina multissecular da Igreja. Esse conjunto de referências foi insistentemente revisitado nos últimos anos pelo papa Francisco. Assim, as páginas seguintes revelam um permanente contraponto entre, de um lado, o Evangelho e a doutrina que fundam a Igreja e, de outro, as diferentes manifestações pastorais e evangelizadoras presentes nos meios de comunicação de inspiração católica. Evoca-se um princípio que orienta

– como modelo e critério – a avaliação da mensagem que é transmitida: as vozes podem ser múltiplas, mas não podem contrariar o fundamento.

As perspectivas várias que convivem na Igreja Católica tornaram-se mais visíveis – como ocorre em muitos outros contextos – com o advento das tecnologias digitais, que tiveram um enorme efeito não apenas ao ampliar as possibilidades de expressão para um número maior de pessoas, mas também pela forma como estruturam a produção da informação e, por assim dizer, criam mundos. Os desdobramentos dessas mudanças na reorganização dos modos de vida foram profundos e geraram, entre outros efeitos, realinhamentos sociais, econômicos e políticos – não apenas no Brasil, mas em todo o mundo.

A Igreja Católica não poderia se inserir nesse ambiente sem ser afetada. As mesmas ferramentas que favorecem novas formas de evangelização e catequese também abrem espaço para a emergência de muitos ruídos. A riqueza da diversidade inerente à Igreja é, ao mesmo tempo, criadora de tensões. Tudo isso se dá numa complexa conjuntura em que o discurso religioso ocupa um espaço cada vez mais relevante – e, por vezes, problemático – no ambiente público e midiático, influenciando opiniões, comportamentos e decisões políticas.

Foi nesse contexto que, em 2020, nasceu o Observatório da Comunicação Religiosa (OCR), por uma iniciativa da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e da Comissão Brasileira de Justiça e Paz (CBJP), com a participação também da Comissão Episcopal para a Comunicação da CNBB. Por sua própria razão de ser, o Observatório serve à Igreja acompanhando os meios de comunicação de inspiração católica, tanto tradicionais (TV, rádio, jornais) quanto digitais (redes sociais, plataformas *online*).

No Observatório, mulheres e homens, leigos e consagrados, aplicam sua experiência no campo da comunicação para analisar e interpretar criticamente como a religião – em especial a católica – é tematizada, representada e mobilizada, sobretudo nos meios de comunicação eclesiais, assim como nos demais canais. É papel do Observatório monitorar o modo como temas religiosos são representados na mídia, denunciando distorções, instrumentalizações políticas e manipulações da fé.

Ao longo desses anos de atuação, o Observatório tem trabalhado para oferecer subsídios de formação crítica a comunicadores, agentes pas-

torais e pesquisadores, com a perspectiva de promover uma comunicação ética, comprometida com os direitos humanos, a justiça social e a verdade.

O programa *Igreja em Saída* é uma das formas encontradas para fazer tal formação alcançar esse público amplo. Esse material, que também foi publicado no *site* do Observatório da Comunicação Religiosa, é agora editado neste livro, reunindo pela primeira vez, na íntegra e com alguns ajustes pontuais de linguagem e de conteúdo, o teor completo dos programas.

No entanto, apesar desse vínculo formal e histórico com suas condições de produção e enunciação, este livro não tem apenas um valor propriamente documental, pois não se limita a transcrever o conteúdo já publicado. O livro propõe um novo escopo para o programa televisivo de modo a alcançar outros públicos e, ao mesmo tempo, registrar a atuação do Observatório da Comunicação Religiosa.

Todos os temas aqui abordados foram tratados abundantemente durante o pontificado do papa Francisco (2013-2025), o qual é inspiração e contexto de interpretação para toda a produção do Observatório, em especial para este livro. Cada um dos programas *Igreja em Saída* foi produzido enquanto o papa Francisco reiteradamente tratava da comunicação na complexa conjuntura social, política e econômica desses últimos anos.

A expressão que serve de título ao programa – “Igreja em saída” – apareceu já em 2013 e foi retomada por Francisco, no mesmo ano, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, um documento inaugural e programático de seu pontificado: uma Igreja missionária, pobre com os pobres, próxima das periferias, em saída. O Observatório da Comunicação Religiosa se encarregou de receber e aplicar esses ensinamentos do papa, traduzindo-os em pílulas de reflexão, nos episódios do programa de televisão.

Os textos que agora compõem este livro podem ser lidos como um esboço ou uma recapitulação dos ensinamentos do papa Francisco, mas ao mesmo tempo desejam servir como uma homenagem a esse papa que marcou enormemente a história da Igreja nesta quadra do presente século. É com o olhar ainda voltado para Francisco que se abre agora, com esperança, a nova era do pontificado de Leão XIV.

Cada um dos blocos internos às três partes do livro, apresentadas a seguir, é acompanhada de sugestões de leitura *Para aprofundar a reflexão*. A proposta é sugerir documentos da Igreja, pronunciamentos do papa,

filmes, documentários, músicas, literatura... É referenciada toda sorte de materiais citados nos textos e que tem potencial para explicitar as fontes e fundamentos a partir dos quais o Observatório da Comunicação Religiosa reflete sobre os dilemas e desafios da comunicação contemporânea na Igreja.

Este livro é precedido por um *Prólogo* que Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães intitula *A boa comunicação é um poliedro*. Partindo de uma imagem sugerida pelo papa Francisco, o bispo reflete sobre a comunicação servindo-se de um sólido tridimensional – uma figura geométrica –, com várias faces interligadas, denominada poliedro, na qual se simboliza metaforicamente a pluralidade, a diversidade e a interconexão entre as partes de uma realidade maior, seja a sociedade, a Igreja ou a humanidade. Dom Mol – assim como antes dele o papa – considera que o poliedro representa uma alternativa aos muros que dividem e às esferas que uniformizam. No poliedro diferenças são integradas, sem que sejam apagadas, de modo a se promover unidade na diversidade. Essa visão fundamenta o ideal de uma Igreja sinodal e fraterna, onde ninguém se salva sozinho e todos participam das causas comuns.

A comunicação “poliédrica” expressa não somente a concepção de base que organiza a reflexão proposta neste livro. Ela expressa a natureza dos pressupostos que enformam o modo como pensa e atua o Observatório da Comunicação Religiosa. A comunicação aqui preconizada deve ser aberta, diversa, crítica e comprometida com a justiça e com a verdade. A comunicação não pode ser linear (limitada), esférica (ilusoriamente pacífica) ou plana (elitista e superficial), mas deve denunciar desigualdades, promover a dignidade humana e dar voz aos excluídos.

Fiel ao simbolismo poliédrico, a primeira parte deste livro inaugura a reflexão com um apelo a uma comunicação obediente ao Evangelho, transformadora e profundamente comprometida com a vida. Os cinco blocos temáticos que compõem essa seção – **Por uma comunicação humanizadora e crítica** – reúnem textos que lançam um olhar sobre a prática comunicacional da Igreja.

O primeiro bloco – *Um novo olhar para a comunicação da Igreja no Brasil* – propõe uma sintonia com os sinais dos tempos e uma disposição ao diálogo com a cultura contemporânea, reconhecendo a importância do

Observatório da Comunicação Religiosa como espaço de reflexão e de ação políticas na vivência da fé.

O segundo bloco – *Comunicação, vínculo e partilha* – destaca a comunicação como experiência humana de comunhão, capaz de acolher a diversidade, fortalecer vínculos e resistir às lógicas mercantis e excludentes, valorizando o cotidiano, a escuta e a alteridade.

O terceiro – *Presença plena dos cristãos nas redes* – reflete sobre a necessidade de uma atuação cristã consciente no ambiente digital, marcada pelo testemunho, pela escuta ativa, pela promoção da dignidade humana e pelo cuidado com o outro, combatendo a indiferença e a superficialidade.

O quarto bloco – *Os desafios da era digital* – analisa criticamente os riscos contemporâneos, como a desinformação, o discurso de ódio e a manipulação algorítmica, enfatizando a urgência de uma comunicação ética, solidária e orientada pelo bem comum.

Por fim, o quinto bloco – *Formar para comunicar com ética* – reforça a importância de uma formação integral para os comunicadores, centrada na verdade, na justiça e na sensibilidade diante do sofrimento humano, com base na espiritualidade e no compromisso com os pobres.

A segunda parte – **Fé, verdade e resistência** – é composta de quatro blocos em que se analisam os desafios enfrentados pela comunicação católica no atual cenário sociopolítico brasileiro. A primeira seção – *Democracia ameaçada* – discute como a desinformação, a manipulação algorítmica e a radicalização política têm fragilizado o debate público e os vínculos sociais, exigindo uma comunicação ética e voltada à reconstrução comunitária.

A segunda seção – *A fé manipulada* – denuncia o uso político e ideológico da religião, inclusive por setores identificados como católicos, mas que promovem intolerância e ataques ao papa Francisco, o que compromete a comunhão com a Igreja e a vivência genuína do Evangelho.

O terceiro bloco – *O veneno do ódio* – trata da crescente polarização e do fanatismo, que transformam divergências políticas em inimizades e alimentam discursos violentos, inclusive no interior da Igreja, exigindo uma resposta cristã baseada na justiça, no diálogo e na fraternidade.

Por fim, a seção *Caminhos cristãos de resposta* propõe uma comunicação ética e profética como resistência ao ódio e à mentira, promovendo

dignidade, paz e verdade, com base na mensagem evangélica e na orientação do papa Francisco.

A terceira parte do livro – denominada **Comunicação e caminhos de paz: horizontes** – tem por objetivo pensar os paradigmas de uma comunicação fiel ao Evangelho e à doutrina da Igreja. Está organizada em oito blocos temáticos.

O primeiro – *Jesus, modelo e fonte da comunicação cristã* – apresenta a conduta de Jesus Cristo como critério último para os comunicadores cristãos, ressaltando a simplicidade, a humildade e o amor incondicional que ele dispensa a todos que com ele se encontram. Destacam-se também o uso das parábolas, da escuta compassiva e a coerência entre palavra e prática, inclusive propondo uma reflexão sobre como Jesus comunicaria hoje nas redes digitais.

O segundo bloco – *Comunicação e missão na Igreja de hoje* – discute a comunicação como elemento vital da vida eclesial e da missão evangelizadora, especialmente no contexto digital, defendendo uma comunicação aberta, respeitosa, promotora da sinodalidade, da comunhão e do contato humano.

O terceiro – *A inspiração do papa Francisco para os comunicadores* – ressalta o apelo do pontífice para uma comunicação cordial, sensível e empática, mesmo em tempos de conflito, apontando exemplos concretos de sua prática comunicativa marcada pela mansidão, misericórdia e proximidade com os excluídos.

No quarto bloco – *Comunicar em espírito de comunhão e esperança* –, destaca-se a importância da comunicação para fortalecer vínculos e cultivar a esperança e a paz, inspirando-se em eventos como o Jubileu do mundo das comunicações (2025), na figura do Beato Carlo Acutis, e na defesa da liberdade de expressão como fundamento da democracia.

O quinto bloco – *Comunicação para a paz e a justiça* – aprofunda a comunicação como instrumento para superar a violência e cultivar justiça e empatia, chamando atenção para a realidade dos mais pobres e o compromisso da Igreja em saída com os marginalizados, à luz do Dia Mundial dos Pobres.

O sexto bloco – *Comunicação e compromisso socioambiental* – articula a comunicação com o cuidado da ‘casa comum’, a justiça socioambiental e os direitos humanos, destacando iniciativas da Igreja, como o Pacto

Educativo Global e a encíclica *Laudato Si'*, que convocam à conversão ecológica e ao combate à desinformação ambiental.

No sétimo bloco – *Desafios éticos e tecnológicos da era digital* – são analisados os benefícios e riscos da inteligência artificial, os dilemas da vida hiperconectada e o impacto da aceleração tecnológica sobre as relações humanas e a democracia, propondo uma comunicação que recupere o cuidado, a justiça e a espiritualidade.

Por fim, o oitavo bloco – *Fé, política e discernimento comunicacional* – examina a manipulação da fé por projetos políticos autoritários, alertando para os riscos da instrumentalização religiosa nas redes sociais e defendendo uma comunicação fundamentada na dignidade humana, na escuta dos excluídos e na encarnação da Palavra como modelo de proximidade e compromisso.

O momento em que estes textos, agora em novo formato, vêm à luz não é menos dramático do que o contexto em que cada um deles foi pensado por seus autores nos três primeiros anos do programa *Igreja em Saída*. Resta entregar este livro em suas mãos, prezada leitora, prezado leitor, colocando-o sob o signo da alegria e da esperança. Aquela mesma alegria que marcou o pontificado de Francisco, e a mesma esperança que, nas palavras do Apóstolo, é a esperança que não engana.

PREFÁCIO

A BOA COMUNICAÇÃO É UM POLIEDRO

Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

A METÁFORA DO POLIEDRO

Poliedro é uma palavra desconhecida do grande público. Não é comum ouvir pessoas falando de poliedros por aí. É pouco mencionada mesmo nas escolas, onde se ensina a geometria, que trata das figuras geométricas. O poliedro (*poli* = muitos + *hedro* = face) é uma figura tridimensional, que reúne várias faces, que são segmentos de reta que se encontram, e cada face deve fazer fronteira com uma, e apenas uma, outra face. Dessa forma, ele possui arestas, que são as interseções das faces, e vértices, interseções das arestas. Os poliedros, então, são figuras de várias faces e cada face pertence ao todo. Podem ser regulares ou irregulares, convexos ou côncavos. Pensem em cubos, pirâmides, prismas ou objetos sólidos de mais faces.

O papa Francisco, esse homem de Deus e do povo de Deus – talvez a pessoa mais necessária ao mundo hoje –, do alto de sua sabedoria e da pequenez de sua frágil existência, escolheu essa figura geométrica, o poliedro, para expressar como ele vê, com esperança fundamentada, a humanidade, a sociedade e a Igreja. As várias facetas de um poliedro representam o respeito à pluralidade e às diferenças entre pessoas, culturas, manifestações da fé e formas de compromisso com as transformações necessárias em todos os âmbitos (Francisco, 2023).

Para Francisco, o poliedro ilustra a estratégia para superar as crises do nosso tempo, decorrentes da grande variedade de muros e da negação das pontes. Ao contrário dos muros: as pontes são estruturas arquitetônicas de comunicação, que servem para aproximar e unir (pessoas, grupos, países, religiões) sem uniformizar. O poliedro, além disso, é democrático, pois permite o particular e o coletivo, o local e o global, o todo e a parte, sem a depreciação de uns em relação aos outros, permitindo a convivência dos diferentes, integrando-os, enriquecendo-os e iluminando-os reciprocamente. É evidente que não estamos legitimando desigualdades sociais. É apenas por causa de processos injustos – que resultam de estruturas in-

justas – que pessoas se tornam desiguais. Estamos falando de diferenças. Pessoas são diferentes, mas não deveria haver desigualdades entre elas.

Dessa maneira, o poliedro é uma metáfora usada pelo comunicador Francisco para dar importância à pluralidade e à construção de uma sociedade fraterna e de uma Igreja sinodal, onde ninguém se salva sozinho, onde todos precisam fazer a escolha pela unidade geradora de comunhão, mas também pela efetiva participação e pelo comprometimento comum, nas mesmas grandes e pequenas causas.

O poliedro é, portanto, uma “figura que nos orienta para saber que ser Igreja em saída significa ir em busca de todas as partes, a fim de uni-las no poliedro, arquétipo de construção social. Por isso é necessário assumir o desafio de converter o olhar e o método de interpretar a realidade a uma dimensão sistêmica da vida”, tal como sintetiza o cardeal Tolentino Mendonça (citado por Rocha, 2022).

O POLIEDRO DA COMUNICAÇÃO

Quando falamos da intensa interconectividade entre as diferentes faces, referimo-nos ao mais básico e, simultaneamente, ao mais sofisticado processo comunicacional pelo qual se observa que “o todo é mais do que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas” (EG 235), pois as partes reunidas geram algo novo. As duas ilustrações a seguir, a de um objeto poliédrico e a de uma humanidade poliédrica, ajudam a compreender o alcance do uso da metáfora e as consequências que dela decorrem.



IMAGEM 1

A foto é a imagem de um poliedro que deixa transparecer o todo que se revela maior do que a simples soma das partes. © Mauro Borghesi/Pixabay. (Imagem reproduzida por Rocha, 2022).



IMAGEM 2

Esta outra mostra apenas uma de várias faces de um poliedro. Essa imagem, que se chama “Regra de Ouro”, reproduz uma pintura de Norman Rockwell (1985). A obra expressa que somos um povo, de incontáveis diferenças, compartilhando um mundo e uma humanidade comum. Presente dado às Nações Unidas, em 1985, está em exibição na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York.

É assim a comunicação: revolucionariamente poliédrica.

A comunicação não pode ser linear, como que em tom reto, porque a sinfonia da vida é plural: há infinitas nuances a serem captadas pelos ouvidos afinados dos comunicadores e comunicadoras. Isso instiga a comunicação a contestar o pensamento único, o nivelamento das pessoas e das realidades, a supervalorização do global e a detração do local, do micro, das alternativas, das comunidades. A comunicação tem uma saudável vocação à ousadia e uma afinidade com a rebeldia diante do controle e da manipulação.

A comunicação não pode ser, também, esférica, como se não houvesse arestas existenciais e sociais, geográficas e políticas, religiosas e ambientais, não permitindo que os comunicadores denunciem os conflitos e fazendo-os apresentar a paz irênica como se fosse a única paz possível. Isso exige uma postura da comunicação, para que ela se afirme como comunicação a serviço da vida, dos direitos humanos, da formação da consciência crítica, quebrando a ideia de uma pretensa comunicação isenta, neutra, de autorreferencialidade, defensora cega de uma institucionalidade que se sobrepõe às pessoas e suas relações. A comunicação, profeticamente, deverá sempre posicionar-se no lado certo da história, principalmente quando o lado certo não é o lado dos vitoriosos. Ela é altruísta porque, ao colocar-se

no lado certo, coloca-se no lado de quem precisa se fortalecer, soerguer-se, caminhar, seguir adiante na busca incansável da dignidade, da igualdade, da fraternidade, da paz e do amor, o que vale, sobremaneira, quando se trata da comunicação religiosa.

Por fim, a comunicação não pode ser plana, como se fosse uma camada, uma casta, uma classe, porque as sociedades são heterogêneas, diversas e desiguais entre si e em cada uma há um mosaico de interesses dos mais nobres e bonitos aos mais espúrios, tóxicos, abjetos, obcecados pela morte e dominados pelo poder que encabresta a comunicação. Isso interpela a comunicação e desafia os comunicadores a identificarem os pontos nevralgicos e a se tornarem reveladores dos fatos. Os comunicadores são desafiados a serem hermenutas dos fatos na busca por significados, às vezes escondidos, às vezes dissimulados (ou até revelados, porém escamoteados pelas inverdades num mundo afeiçoado à mentira) a ponto de fazer sofrendores, pobres, excluídos e humilhados a desenvolverem vínculos emocionais de admiração e amor para com os seus algozes, defendendo-os, como na síndrome de Estocolmo.

A comunicação precisa ser profeticamente poliédrica, porque poliédrica é o que esperamos que a humanidade seja, assim como esperamos que o sejam a sociedade e a Igreja. Nesse sentido, a comunicação tem a tarefa de provocar a todos a se reconhecerem no poliedro, como ensina Francisco.

OBSERVATÓRIO: UM HERMENEUTA DA COMUNICAÇÃO

Nesse contexto, um grupo de pessoas especializadas, estudiosas da comunicação e de senso crítico agudo e construtivo, compõe o Observatório da Comunicação Religiosa no Brasil (OCR).

Esse observatório é uma feliz, necessária e profética iniciativa da Conferência dos Religiosos e Religiosas do Brasil (CRB), que anima os trabalhos de 36.722 religiosas e religiosos, distribuídos em 391 institutos religiosos e sociedades de vida apostólica no Brasil, cada um com suas várias comunidades, como revelam os estudos feitos pelo pesquisador Fernando Altemeyer (cf. Modino, 2021). A CRB tem grande capilaridade no território brasileiro e possui grande variedade de frentes de trabalho evangelizador e de promoção do bem viver para todos. São consagradas e consagrados que atuam e animam comunidades periféricas, escolas e universidades, paró-

quias, instituições sociais; na área da saúde, na comunicação, na missão *ad gentes* em diversas nações.

Foi uma iniciativa conjunta com a Comissão Brasileira de Justiça e Paz (CBJP), operante em muitas cidades e dioceses no Brasil. A CBJP, vinculada ao Dicastério para o Serviço de Desenvolvimento Humano Integral, no Vaticano, tem uma extensa trajetória de serviços no Brasil, na defesa da justiça e da paz e dos valores do Evangelho do Reino. É uma Comissão que conta com pessoas de alto nível de representatividade, com articulações vitais para a defesa e promoção dos empobrecidos, sempre sob a forte iluminação da espiritualidade cristã encarnada. CRB e CBJP são instituições potentes a serviço da evangelização, com o objetivo de tornar o Reino de Deus presente no mundo (EG 176).

A Comissão Episcopal para a Comunicação, da CNBB, foi convidada a participar dessa iniciativa, considerando suas atribuições de promover eventos formativos, de espiritualidade e articulação no campo da comunicação e de animar a Pastoral da Comunicação (Pascom) em todo o Brasil.

A finalidade do observatório é “oferecer uma análise acurada, permanente e concreta das diversas formas e dos meios de comunicação da Igreja no Brasil, incluindo os veículos de massa (televisão, rádio e jornal), as mídias digitais e a interação da comunicação religiosa com a sociedade” (OCR, 2023).

O Observatório já produziu diversos informes sobre temas pertinentes à comunicação e os colocou à disposição da Conferência Episcopal para reflexão e aprofundamento sobre a comunicação. Foram feitos, em profundidade e por meios diversos, análises e estudos de situações eclesiais sob o ponto de vista da comunicação, resultado de pesquisas densas e importantes.

Para tornar as reflexões acessíveis ao público em geral e a membros das comunidades eclesiais espalhados pelo Brasil, o Observatório, em parceria com a TV Aparecida – fiel ao seu chamado para evangelizar –, produz, semanalmente, para o programa *Igreja em saída*, uma reflexão, sob o prisma da comunicação, sobre algum tema atual. O programa do Observatório é veiculado na TV Aparecida e esta o disponibiliza para que também as demais TVs de inspiração católica o reproduzam, contribuindo para uma boa formação sobre comunicação.

Este livro reuniu essas reflexões que, como um poliedro, têm vários ângulos e formam um todo, para que todos aproveitem melhor de uma boa prática de comunicação. O leitor terá uma bela experiência de poliedro ao ler cada reflexão, numa grande aventura de comunicação, que atravessa todos os âmbitos da vida, da sociedade, da Igreja.

Assim como deve ser, as reflexões aqui contidas, dão o que pensar!

E, pensando melhor, quem sabe as escolhas serão melhores?

REFERÊNCIAS

BORGHESI, Mauro. [Sem título]. 1 fotografia. *Apud* ROCHA, Georgino. Poliedro pastoral. **7margens**. 29 ago. 2022. Disponível em: <https://setemargens.com/poliedro-pastoral/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Discurso do papa Francisco aos participantes do encontro de capelães e responsáveis pela Pastoral Universitária, promovido pelo Dicastério para a Cultura e a Educação**. Roma, 24 nov. 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/november/documents/20231124-pastorale-univ.html>. Acesso em: 22 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Roma, 24 nov. 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 2 jul. 2025.

MODINO, Luis Miguel. Professor Fernando Altemeyer Jr: o rosto da Igreja na América Latina e no Caribe. **Vatican News**. 6 dez. 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-12/professor-fernando-altemeyer-rosto-da-igreja-na-america-latina.html>. Acesso em: 22 jul. 2025.

OBSERVATÓRIO DA COMUNICAÇÃO RELIGIOSA [OCR]. **Informe do Observatório da Comunicação Religiosa**. nov. 2023. Disponível em: <https://ocr.crbnacional.org.br/wp-content/uploads/2024/04/OCR-Informe-06-Apresentacao-OCR-NOV2023.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2025.

ROCHA, Georgino. Poliedro pastoral. **7margens**. 29 ago. 2022. Disponível em: <https://setemargens.com/poliedro-pastoral/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

ROCKWELL, Norman. **Regra de Ouro**. 1985. Mosaico. Instagram: [nacoesunidas](https://www.instagram.com/nacoesunidas/p/CWV4F0KtQi6/). Disponível em: <https://www.instagram.com/nacoesunidas/p/CWV4F0KtQi6/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

PARTE I:

POR UMA COMUNICAÇÃO HUMANIZADORA

I. UM OLHAR PARA A COMUNICAÇÃO DA IGREJA NO BRASIL

O QUE É O OBSERVATÓRIO DA COMUNICAÇÃO RELIGIOSA?

Venício A. de Lima

O Observatório da Comunicação Religiosa (OCR) é uma entidade autônoma, que surgiu em meados de 2020, por iniciativa da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e da Comissão Brasileira de Justiça e Paz (CBJP). Inspira-se na centralidade da comunicação no processo evangelizador e na construção do que o papa Francisco chamou de “cultura do encontro”. É uma cultura que “constrói pontes e abre janelas para os valores e princípios sagrados que inspiram os outros. Derruba os muros que dividem as pessoas e as mantêm prisioneiras do preconceito, da exclusão ou da indiferença” (Francisco, 2023).

As referências fundamentais do OCR são as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora e o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil. Aliás, a edição de 2023 desse documento, no capítulo que trata da dinâmica da comunicação da Igreja, incluiu o OCR entre as “organizações parceiras” e afirma que seu objetivo é “oferecer uma análise acurada, permanente e concreta das diversas formas e dos meios de comunicação da Igreja no Brasil, incluindo os veículos de massa (televisão, rádio e jornal), as mídias digitais e a interação da comunicação religiosa com a sociedade” (CNBB, 2023).

O OCR tem uma equipe voluntária permanente de dez a doze pessoas, religiosas e religiosos, leigos e leigas, indicados pela CRB e pela CBJP, além da presença fixa da presidenta da CRB e do Secretário Executivo da CBJP. A maioria de seus membros é de pessoas com formação específica e experiência profissional na área de comunicação social.

O Observatório da Comunicação Religiosa se reúne pelo menos uma vez por mês e faz encontros extras quando necessário, sempre em bus-

ca de diálogo com o Conselho Permanente e com a Comissão Pastoral para a Comunicação da CNBB.

Desde sua criação o OCR tem produzido informes sobre diferentes aspectos da comunicação religiosa para a CNBB, sugerido temas para estudo e pesquisa à Comissão Pastoral, feito sugestões sobre o Plano de Comunicação da CNBB, elaborado análises sobre conteúdos específicos de veículos de comunicação de inspiração católica, emitido notas públicas e participado, por meio de seus membros, de cursos e debates sobre questões ligadas à comunicação religiosa.

Além de todas essas atividades, o OCR tem também feito participações semanais no programa televisivo *Igreja em saída*. Já houve mais de uma centena de participações nesse programa, sem contar as eventuais reprises.

COMUNICAÇÃO E IGREJA EM DEFESA DA CASA COMUM

Pe. Dário Bossi

A comunicação tem um papel fundamental na sociedade e na vida da Igreja. Atualmente, as redes sociais, por exemplo, têm possibilitado que a informação, mas também os boatos e a desinformação se façam presentes na vida das pessoas de forma instantânea.

Foi nesse contexto que a Conferência dos Religiosos do Brasil e a Comissão Brasileira de Justiça e Paz criaram o Observatório da Comunicação Religiosa – uma iniciativa a serviço da Igreja no Brasil. O Observatório da Comunicação Religiosa pretende realizar a análise permanente das diversas formas de comunicação da Igreja e monitorar criticamente sua produção no contexto eclesial.

Assim, o Observatório procura ajudar as pessoas a terem um olhar crítico e consciente da comunicação religiosa, evitando as manipulações ou a banalização da fé cristã. O programa *Igreja em saída* se mantém como um espaço permanente de reflexão, na esperança de estabelecer um bom diálogo com o espectador.

Desde o programa de estreia do Observatório tem-se valorizado, em diversos episódios do programa *Igreja em saída*, a passagem do Dia Mundial da Comunicação, que se celebra na solenidade da Ascensão do Senhor. A mensagem do papa Francisco por ocasião desse dia em 2022 – ano em que a série foi inaugurada na TV Aparecida – trouxe a temática “escutar com o ouvido do coração”.

Escutar é o primeiro dos sentidos que se desenvolve em nós, ainda no ventre de nossa mãe. O papa nos desafia a aguçar esse sentido para humanizar nossas relações. Ele nos convida a escutar a Deus, a nós mesmos, a sociedade e à Igreja – escutando-nos mutuamente em comunidade.

Essa mensagem é inspiradora para a missão do Observatório de Comunicação Religiosa, que se propõe a “inclinando o ouvido do coração”, para discernir os caminhos da comunicação em tempos conturbados, que exigem de nós a escuta atenta da diversidade social e eclesial, para sermos eficazes na fidelidade ao Evangelho.

O papa Francisco nos exorta a “descobrir uma Igreja sinfônica, na qual cada um é capaz de cantar com a própria voz, acolhendo como dom as vozes dos outros, para manifestar a harmonia do conjunto que o Espírito Santo compõe” (Francisco, 2022).

A IGREJA ESCUTA-TE

Venício A. de Lima

A principal tarefa do Observatório da Comunicação Religiosa é oferecer, pelos canais institucionais existentes, o acompanhamento permanente das diferentes formas de comunicação que ocorrem no âmbito eclesial, colaborando para que estejam sempre em sintonia com as diretrizes de comunicação da Igreja no Brasil, emanadas da CNBB, atualizadas e complementadas pelos documentos pastorais específicos. Um exemplo desses documentos são as mensagens que o papa publica a cada Dia Mundial das Comunicações Sociais, que é celebrado no domingo que antecede a festa de Pentecostes.

Uma das preocupações daqueles que trabalham na comunicação religiosa tem sido adaptar-se ao novo mundo da internet diante das imensas possibilidades que ela oferece, sobretudo pelo acesso às redes digitais, hoje disponíveis universalmente por meio dos telefones celulares e dos computadores pessoais.

Uma iniciativa chamada *A Igreja escuta-te*, do Dicastério para a Comunicação da Santa Sé e da Rede Informática da Igreja na América Latina, ouviu mais de 110 mil pessoas sobre suas atividades digitais de evangelização em sete idiomas e em 115 países. O Relatório do Sínodo Digital foi encaminhado ao Sínodo sobre Sinodalidade em outubro de 2022. Nele há o reconhecimento da enorme importância dos influenciadores e evangelizadores digitais (sacerdotes, religiosos, catequistas, leigos) e a proposta de que a Igreja tenha uma Pastoral Digital – orgânica, sistemática e institucional – para “animar e coordenar a vida já existente de múltiplas ações evangelizadoras” no Continente Digital.

Torna-se necessária uma Pastoral Digital, segundo o relatório, diante da constatação de que a utilização das redes digitais por influenciadores religiosos tem também exacerbado divergências e polarizações dentro da própria Igreja. Um conceituado organismo de assessoria pastoral constatou, em recente análise da conjuntura brasileira, que “os portais de notícias e as redes sociais captam o interesse dos que navegam no mundo virtual e os colocam em contato com os que possuem interesse parecido, criando o fenômeno” dos influenciadores, que determinam gostos e opções em

seus seguidores, “tanto no âmbito estético quanto ético, político e religioso” (Inapaz, 2023).

A análise vai além dizendo ainda que “boa parte da polarização ocorrida no Brasil nos últimos anos se deu através das redes sociais” e seus influenciadores, muitos deles também com apelo religioso. Contata ainda que “o uso da religião para fins políticos ganhou nova configuração. Muitos grupos religiosos, católicos ou não, têm sido bombardeados com uma avalanche de notícias (muitas delas falsas) sustentadas na negação da ciência e da evidência” (Inapaz, 2023).

É preciso, portanto, que todos fiquemos ainda mais atentos com as inúmeras mensagens que chegam até nós pelos diferentes meios de comunicação, em especial pelas redes digitais. É necessário que aprendamos a discernir o verdadeiro do falso. Fiquemos, então, com um ensinamento do papa Francisco em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2018. Diz ele:

Para discernir a verdade, é preciso examinar aquilo que favorece a comunhão e promove o bem e aquilo que, ao contrário, tende a isolar, dividir e contrapor. Por isso, a verdade não se alcança autenticamente quando é imposta como algo de extrínseco e impessoal; mas brota de relações livres entre as pessoas, na escuta recíproca. Além disso, não se acaba jamais de procurar a verdade, porque algo de falso sempre se pode insinuar, mesmo ao dizer coisas verdadeiras. [...] A partir dos frutos, podemos distinguir a verdade dos vários enunciados: se suscitam polêmica, fomentam divisões, infundem resignação ou se, em vez disso, levam a uma reflexão consciente e madura, ao diálogo construtivo e a uma atividade profícua (Francisco, 2018).

Assim seja!

ANÁLISE CRÍTICA E PROPOSITIVA DA COMUNICAÇÃO

Ir. Helena Corazza, FSP

Em 18 de outubro de 2024, dia de São Lucas evangelista, o Observatório da Comunicação Religiosa publicou a centésima edição do programa *Igreja em saída*, na TV Aparecida. Esses programas cumprem o objetivo principal do Observatório, que é “oferecer uma análise permanente, crítica, propositiva e concreta das diversas formas e meios de comunicação religiosa no Brasil” (OCR, 2022?). Os vídeos foram transcritos em forma de texto no *site* da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e, posteriormente, adaptados para compor este livro.

Mas por que analisar de forma crítica a mídia e, especialmente, por que acompanhar detidamente as produções católicas? Porque a Igreja não se serve da mídia para promoção pessoal, nem para interesses que não estejam de acordo com o Evangelho e com o ensinamento da própria Igreja. Por isso, é essencial desenvolver o letramento digital, que hoje faz parte do currículo das escolas já no Ensino Fundamental.

O letramento digital é a capacidade de compreender, analisar, comunicar e aplicar habilidades cognitivas ao contexto digital, em diversas situações. Talvez a expressão ‘letramento digital’ seja nova, mas o conceito não é. Quem conhece os documentos da Igreja sobre a comunicação social sabe que, desde o momento em que ela decidiu se servir da mídia para evangelizar, vem recomendando formação, educação e atitude crítica a partir da família, da escola, da Igreja. Então, analisar de forma crítica tudo o que vemos nos meios de comunicação – rádio, televisão, jornais ou internet – faz parte dos procedimentos de quem segue o caminho de Jesus de Nazaré e quer viver e construir uma comunicação a serviço da vida, da paz e da solidariedade.

Precisamos ser propositivos: assumir o caminho da história com criatividade e abertura à mudança neste mundo em que tudo muda e a Palavra de Deus permanece. A Igreja nos ensina que precisamos ser sujeitos eclesiais, ou seja, pessoas capazes de propor, mobilizar, fazer acontecer onde estamos atuando – nos bairros, nas pequenas cidades, no mundo do trabalho, da cultura, da comunicação.

As cem edições do programa Igreja em saída, agora reunidas neste livro, nos convocam a um processo de conversão: é preciso ir além de uma pastoral de mera conservação e assumir uma postura decididamente missionária.

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

CNBB. **Diretório de comunicação da Igreja no Brasil**. 4.ed. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CNBB. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora 2019-2023**. Brasília: Edições CNBB, 2019.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Discurso do papa Francisco à delegação da United Association of Humanistic Buddhism (Taiwan)**. Roma, 16 mar. 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/march/documents/20230316-buddismo-taiwan.html>. Acesso em: 5 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Mensagem do santo padre Francisco para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Roma, 29 maio 2022. Disponível em: <https://pascombrasil.org.br/mensagem=-dia-mundial-das-comunicacoes-sociais/#:~:text=A%20capacidade%20de%20escutar%20a,homens%20e%20mulheres%20para%20ouvir>. Acesso em: 3 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Mensagem do papa Francisco para o LII Dia Mundial das Comunicações**. Roma, 13 maio 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 13 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Sínodo Digital. A igreja te escuta. **Vatican News**, Roma, 19 set. 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-09/a-igreja-te-escuta.html>. Acesso em: 13 jul. 2025.

INAPAZ [Instituto Nacional de Pastoral Padre Alberto Antoniazzi]. **Análise de conjuntura eclesial**. mar./abr. 2023. p. 3-4: A Igreja escuta-te. Disponível em: <https://diocesegujaramirim.org.br/analise-de-conjuntura-ecclesial-inapaz-19-04-2023/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

OBSERVATÓRIO DA COMUNICAÇÃO RELIGIOSA [OCR]. **Sobre nós**. [2022?]. Disponível em: <https://ocr.crbnacional.org.br/#observatorio>. Acesso em: 22 jul. 2025.

II. COMUNICAÇÃO, VÍNCULO E PARTILHA

POR QUE A COMUNICAÇÃO É SOCIAL?

Ir. Helena Corazza, FSP

A pergunta pela natureza social da comunicação pode fazer mais ou menos sentido, dependendo do conceito que temos da comunicação mediada pelas tecnologias. Dizer comunicação social parece uma redundância porque toda comunicação é um ato social.

A Igreja, no Concílio Vaticano II, cunhou a expressão ‘comunicação social’ para lembrar o compromisso que a comunicação traz consigo na formação do pensamento, no compromisso ético, no colocar-se a serviço da vida. É por meio do decreto *Inter Mirifica* – entre as coisas maravilhosas – que a Igreja assume o direito e o dever de servir-se dos meios de comunicação para evangelizar.

Por que a comunicação é social? Porque não é apenas entretenimento nem somente informação. Não é apenas ocupar espaços para enviar mensagens e conteúdos de toda espécie ou como modelo de negócio.

Como concessões públicas, os meios de comunicação, em sua origem, estão a serviço da educação e da cultura. Contudo, a visão mercadológica os tem transformado em espaços para vender, vender, vender. As empresas de comunicação precisam, certamente, comercializar seus produtos tanto quanto necessitam de apoios culturais para pagar suas contas e para investir em inovação. No entanto, a autossustentação é um desafio que precisa ser administrado com muita criatividade e não pode justificar o esvaziamento de sua finalidade última, que é a comunicação social.

Quando fazemos a pergunta “por que a comunicação é social?”, estamos lembrando aos responsáveis pela gestão, aos programadores, aos produtores de conteúdo e aos responsáveis pela comercialização qual é a razão de ser da comunicação. Afinal, para muitos, a audiência e os cliques se tornaram mais importantes do que a formação e a mobilização em favor da solidariedade, da justiça, da paz.

Num decreto publicado em 1966, São Paulo VI já definiu a paz como “fruto da justiça”, da dignidade humana, da cidadania – de ações em favor da ‘casa comum’, como mais recentemente recordou o papa Francisco. Essa ‘casa comum’ tem estado muito descuidada: a maioria pensa em extrair lucros, e muito pouco se lembra dos pequenos, dos que sofrem as consequências do desequilíbrio ambiental.

A comunicação é social tanto no rádio quanto na televisão, no impresso ou na internet, com todos os tipos de redes sociais. Por isso, precisamos nos educar o tempo todo, acompanhando as mudanças tecnológicas, apropriando-nos do conhecimento para sermos produtores de conteúdo e críticos diante dos sistemas que regem a sociedade. Por sua finalidade social, os produtores de comunicação deveriam se preocupar mais com as causas humanitárias do que com os ganhos mercadológicas ou com os cliques de audiência.

O CORPO E A COMUNICAÇÃO

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, SSP

O Observatório da Comunicação Religiosa, em um esforço constante para observar, criticar e lançar luzes sobre o complexo fenômeno da comunicação, quer refletir sobre algo fundamental: o nosso corpo.

Diante das parafernalias das mais variadas plataformas em rede e das novidades da tecnologia da comunicação, e agora com o advento da inteligência artificial, por vezes, corremos o risco de esquecer do meio de comunicação primordial: o corpo que Deus nos deu, com suas fragilidades e potencialidades.

O corpo é verdadeiro meio de comunicação. Como disse certa vez Hermeto Pascoal: “Para mim, tudo é música, e o instrumento mais perfeito é o corpo [...]. Meu primeiro som foi no dia em que nasci” (Pascoal, 2017).

Sem um corpo vivo – e sem outros corpos – não há comunicação, apenas conexão. Mas do corpo não se espera só conexão: esperam-se vínculos. Nós precisamos de vínculos, dos afetos. O fôlego nosso de cada dia. Acordar, respirar, sentir aromas e sabores. Tocar a profundidade da alma.

O poeta Manoel de Barros soube bem dizer a vida: “Entendo bem o sotaque das águas. Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Prezo insetos mais que aviões. Prezo a velocidade das tartarugas mais que dos mísseis. Tenho em mim um atraso de nascença. Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos” (Barros, 2018).

A autêntica comunicação é calor humano, para além do lume frio das telas. Gostar de passarinho é humanizar-se. O passarinho, tão pequeno e frágil. Mas voa sem precisar de motor. A pequenina ave é nossa sede de voar até o eterno.

Ah, se aprendêssemos, com os sotaques das águas, o quanto é bonita a comunhão de toda a criação! Tudo está interligado e nenhum de nós foi feito para a solidão ou para o barulho mudo das conexões.

Nós precisamos urgentemente de mais vínculos e menos seguidores, de mais abraços e menos curtidas. Faz bem aguçar a nossa capacidade de perceber o outro para criar vínculos. Comunicar é criar vínculos.

Nos ambientes em que tecemos vínculos já não somos indivíduos, mas nós apoiados por outros nós e entrecruzamentos. Nisso consiste a comunhão, a fraternidade, a amizade. A comunicação.

COMUNICAÇÃO E COMUNHÃO

Venício A. de Lima

Em comemoração aos 50 anos do Comitê Episcopal Pan-Africano para as Comunicações (Cepacs), uma conferência em Lagos (Nigéria), no final de novembro de 2023, reuniu presbíteros, leigos, especialistas em comunicação, profissionais de mídia e acadêmicos, sob o lema “rumo à promoção de uma Igreja sinodal na África através das comunicações sociais”.

O Observatório da Comunicação Religiosa, mesmo de longe, acompanhou essa conferência em busca de lições que possam iluminar os comunicadores cristãos também aqui no Brasil.

Um dos palestrantes foi o bispo da diocese de Kondoa (Tanzânia), Bernardin Mfumbusa. Ele lembrou que o cenário da mídia na África hoje é muito diferente daquele de 1973, quando o Cepacs foi criado:

Os modelos lineares de mídia que permitiam um controle governamental mais centralizado e regulamentado acabaram. Também já se foi o tempo em que a Igreja tinha mais controle sobre o conteúdo por meio de instrumentos como o *nihil obstat* e o *imprimatur* [...]. Hoje, no entanto, a Igreja na África, como em qualquer outro lugar, tem de enfrentar um cenário de mídia que lembra uma Babel sem guardiões, um contexto no qual os jovens, às vezes inexperientes, são condicionados por influenciadores e criadores de conteúdo que são supremos [sendo tratados como se fossem deuses]. É nesse ambiente midiático de notícias falsas, desinformação e “doxxing” (a prática de buscar e disseminar publicamente informações pessoais e privadas *online*) que o Cepacs revitalizado terá que encontrar seu lugar (Mfumbusa citado por Samasumo, 2023).

Certamente, algumas dessas ponderações se aplicam também à Igreja no Brasil. Outra fala foi a do prefeito do Dicastério para a Comunicação do Vaticano, Paolo Ruffini. Ele lembrou que “comunicar e comunhão são duas palavras que têm a mesma raiz”. Para aqueles que trabalham na mídia, a consciência dessa conexão deve ser “uma bússola que orienta seu trabalho diário”. Ele ressalta ainda que a comunicação “é o dom que Deus nos concedeu, seres humanos criados à sua imagem, para nos relacionarmos

uns com os outros, para construirmos uma comunidade e tecermos a comunhão entre nós” (Ruffini citado por De Carollis, 2023).

O cardeal Ruffini conclui: “Juntos, por meio do rádio, da internet e das mídias sociais, podemos construir um sistema com a missão de nutrir a palavra da verdade, com base na experiência de Pentecostes entrelaçada com o espírito de compartilhamento, e não com o [espírito] de Babel”.

De fato, a palavra comunicação traz em si mesma uma ambiguidade representada em seus extremos por *transmitir*, que é um processo de mão única, e *partilhar*, que, ao contrário, é um processo comum ou mútuo. Estudiosos contrapõem essas duas definições possíveis de comunicação. No polo do *transmitir*, a comunicação é entendida como algo que pode ser enviado ou transportado; um processo através do qual mensagens são transmitidas e distribuídas no espaço, para controle da distância e das pessoas. No polo do *partilhar* – que se fundamenta nas raízes latinas da palavra, comum, comunhão, comunidade –, a comunicação é entendida como compartilhamento, coparticipação e associação. Nessa perspectiva, o jornalismo deve ser praticado como uma representação da realidade que dá à vida uma forma, uma ordem geral. E as notícias – histórias do cotidiano – deixam de ser vistas como informação e passam a ser entendidas como episódios do drama da experiência humana.

É preciso refletir sobre as lições que nos vêm da África e orientar nossa comunicação no espírito do compartilhar, e não no espírito da confusão de Babel, para torná-la cada vez mais sinodal e, portanto, mais cristã. Que assim seja!

COMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, SSP

Certa vez o escritor Ariano Suassuna (1927-2014) afirmou que há pelo menos dois fenômenos que unem o Brasil: a língua portuguesa e a cultura popular. Essa unidade não deve ser tomada na acepção de uniformidade, mas diz respeito a uma unidade de contrastes, na variedade. Envolve a pluralidade e as variações linguísticas, do Oiapoque ao Chui, com suas belezas de acentos de fala nos sotaques vários, as cores, as indumentárias, a culinária, as festas, os costumes múltiplos característicos de cada região e lugar deste país continental.

Nossa língua e nossa cultura popular podem ser comparadas a uma belíssima colcha de retalhos de muitas cores, feita de muitos tecidos. Colcha costurada pelas mãos sensíveis das mulheres de muitos partos, dores e olhares atentos e marcados pela esperança. Nossa língua e nossa arte, nascida do povo, podem ser comparadas também a um varal de roupas estendidas, que tantas vezes meus olhos viram na infância, infância vivida no sertão cearense. Havia roupas de todos os tamanhos e cores, colocadas de forma aleatória; no entanto, o varal, visto no conjunto, constituía uma obra de arte. O vento suavemente fazia as roupas dançarem. Aquilo era uma sinfonia. A luminosidade se enroscava em cada cor, dando a cada roupa a sua característica própria. Mesmo se surradas, de muitos usos e várias vezes lavadas, as roupas exalavam o cheiro de limpeza e transpiravam jovialidade pelo colorido. O azul intenso do céu parecia tocar a terra, e as flores vivas do flamboaiã estendiam e expandiam a beleza do simples ao alcance de meus olhos de criança.

O nosso Observatório da Comunicação Religiosa almeja uma comunicação assim, nessa utopia de união das variedades, dos coloridos vários do tecido de nossa cultura, sem impor a uniformidade. Isso é complexo, porque exige pensamento crítico para perceber as engrenagens da comunicação interesseira, desde as corporações da mídia hegemônica à confusão do universo das redes sociais digitais. Que nossas comunidades se empenhem por uma comunicação humanizadora, fazendo o bom uso dos novos aparatos técnicos, sem perder a dimensão encantatória da vida.

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018. p. 25: O apahador de desperdícios.

DE CAROLIS, Alessandro. Ruffini: comunicar com estilo cristão é transmitir uma mensagem de beleza. **Vatican News**, Roma, 23 nov. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-11/ruffini-comunicar-estilo-cristao-transmitir-uma-mensagem.html>. Acesso em: 9 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1963-1978: Paulo VI). **Decreto *Inter Mirifica* sobre os meios de comunicação social**. Roma, 4 dez. 1966. Disponível em: https://www.vatican.va/archi-ve/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html. Acesso em: 8 jul. 2025.

PASCOAL, Hermeto. ‘Para mim, tudo é música e o instrumento mais perfeito é o corpo’, diz Hermeto Pascoal. [Entrevista cedida a] Alexandre Kalashi e Débora Freitas. **CBN**, 1 dez. 2017. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/142033/para-mim-tudo-e-musica-e-o-instrumento-mais-perfei.htm>. Acesso em: 25 jul. 2025.

SAMUSUMU, Paul. Nigéria, conclusão do encontro de comunicadores do continente africano. **Vatican News**, Roma, 21 nov. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2023-11/nigeria-conclusao-do-encontro-de-comunicadores-2023.html>. Acesso em: 9 jul. 2025.

III. PRESENÇA PLENA DOS CRISTÃOS NAS REDES

A PRESENÇA DA IGREJA NAS REDES SOCIAIS

Ir. Helena Corazza, FSP

Queremos compartilhar alguns pensamentos a respeito de questões presentes na mídia, apoiando-nos na orientação da Igreja que nos convida a “discernir nossa presença nas redes sociais”, ajudando-nos a pensar, conforme a parábola do bom samaritano, quem é o meu próximo.

As notícias são uma forma de percebermos quem é o próximo nos veículos de comunicação, gerenciados por pessoas (e hoje também por robôs) que programam as notícias que vão ao ar. A gente se pergunta tantas vezes, por que tal assunto, de tal região do país ou do mundo... Por que se fala mais de certas pessoas enquanto outras são praticamente esquecidas ou delas se dá apenas uma nota?

É muito bom prestar atenção ao modo como são tratadas as notícias. Quem não se lembra – ou talvez já tenhamos esquecido? – do naufrágio e morte de mais de 300 cidadãos paquistaneses, na costa da Grécia, que migravam, num navio de pesca superlotado, para a União Europeia? Na mesma data, repercutiu na imprensa e nas redes sociais o desaparecimento do submarino que levava turistas milionários que iam ao encontro do *Titanic*, na costa do Canadá. Você lembra como foi a repercussão de um fato e do outro?

Trago esse caso para aguçar a nossa observação a respeito das notícias que vemos nas diferentes mídias (televisão, rádio, redes sociais). Resta a pergunta: por que determinadas notícias de pessoas ou situações repercutem mais que outras? Quais os critérios da notícia? É a questão humana ou financeira; de interesses econômicos, políticos, o que dá mais cliques?

Trago aqui o documento *Rumo a uma presença plena* (n. 43):

Reconhecer nosso próximo digital implica reconhecer que a vida de cada pessoa nos diz respeito, até quando sua presença (ou ausência) é mediada através de meios digitais. [...] Ser próximo nas redes sociais significa estar presente nas histórias dos outros, especialmente de quem sofre. Em síntese, defender melhores ambientes digitais não significa desviar o foco dos problemas concretos experimentados por muitas pessoas – por exemplo, fome, pobreza, migração forçada, guerra, doença e solidão. Pelo contrário, significa defender uma visão integral da vida humana que, atualmente, abrange o mundo digital. Com efeito, as redes sociais podem ser um modo de chamar mais atenção para tais realidades e construir a solidariedade entre aqueles que estão próximos e distantes.

Devemos lembrar que, de modo geral, as notícias e os conteúdos são guiados por interesses econômicos e políticos, e não pelos valores do Evangelho. Jesus coloca a pessoa no centro, sobretudo a mais esquecida e marginalizada. E nós, eu, você, somos convidados a seguir o caminho de Jesus.

A QUAL REDE NOS CONECTAMOS?

Janaína Gonçalves

Este é apenas o início de uma breve reflexão do Observatório da Comunicação Religiosa, mas o modo como formulamos (e respondemos) a pergunta – *a qual rede nos conectamos?* – certamente expressa o modo como compreendemos os problemas da comunicação hoje.

Estamos todos em redes sociais digitais; mas, afinal, qual é essa rede? Qual é a sua rede? Sabemos que já não é possível separar o que se vive na vida real, aqui e agora, da vida vivida do outro lado da tela. Passamos constantemente por diferenças geracionais e por atualizações de linguagem, e a comunicação evidencia isso.

Nesse ambiente onde muito se fala em redes sociais e em “tecer relações” – como bem orienta o papa Francisco, esse grande líder religioso –, qual é o tipo de rede que você, eu, todos nós estamos construindo? A rede que une sob um olhar acolhedor para as diferenças, ou a rede que prende em nome de uma doutrina ou de um moralismo? A rede que dá visibilidade às ações evangelizadoras, ou a rede que ataca violentamente em nome de Deus e das “pessoas de bem”?

Em um cenário tão complexo da comunicação nos tempos atuais, o papa Francisco nos lembrou que as redes sociais existem para fazer com que as pessoas se conectem mais. Esses espaços virtuais existem também para que as pessoas possam praticar a cultura do encontro e ajudar uns aos outros, buscar o sentido de comunidade, aquele lugar especial da presença viva e marcante do convívio entre todos.

Seria utópico, no entanto, acreditar que as redes sociais representam, de fato, uma comunicação dialógica. Comunidades de diálogo são sinônimos de partilha, de conhecimento mútuo e de solidariedade; a rede que cresce atualmente, nas estradas digitais, tende ao individualismo, com poucos vínculos sadios e fortes. Enquanto você se conecta com centenas ou milhares de pessoas, cada uma dessas pessoas pode se tornar um ser isolado.

Em sua forma contemporânea, a comunicação se dá de diversas formas e com frequência se faz uma distinção entre real e virtual como se fossem esferas diversas e alheias. Contudo, para além dessa distinção esté-

ril, a comunicação deve ser entendida como um diálogo. Seja no ambiente eclesial, no trabalho, nos círculos de amizade, na família, é como diálogo que ela precisa ser vivenciada.

É necessário tecer as nossas redes, mas que elas não sejam manipuladoras, individualistas e intolerantes. Ao contrário, nossas redes devem ser humanizadas e humanizantes.

O AMBIENTE DIGITAL É ESPAÇO PÚBLICO

Ir. Helena Corazza, FSP

São muitos os desafios para o modo cristão de estar nas redes sociais. É sempre bom lembrar que as redes sociais são um espaço público que nos coloca em contato com o mundo. No documento *Rumo à presença plena*, o Dicastério para a Comunicação (2023) diz que “o ambiente digital é uma praça, um lugar de encontro, onde é possível acariciar ou ferir, realizar uma discussão proveitosa ou um linchamento moral”.

Não é isso que vemos e acompanhamos? Quando pensamos na missão que temos como cristãos de evangelizar e testemunhar nas e pelas redes, isso nos impõe a responsabilidade de refletir: o que eu devo postar? O que vale a pena compartilhar?

O que faço quando vejo algum erro ou suposto erro na comunidade ou em alguma liderança? Conto para todo mundo nas redes ou chamo a pessoa e converso, procurando compreender o ocorrido? É a correção fraterna da qual Jesus tanto fala no Evangelho (Mt 18, 15-20). Se você tem alguma coisa contra o seu irmão, a sua irmã, deixe a oferta e vá se reconciliar. Ou se seu irmão pecar contra você, vai falar com ele. Se ele não escutar, chama mais alguém. E se não escutar mesmo, fale para a Igreja. Falar para a Igreja é rezar por essa pessoa.

Em geral, no dia a dia, a língua coça e a gente vai e fala para a primeira pessoa que encontra, divulga pelo *WhatsApp* ou até publica nas redes. Já viu o estrago feito? A rede é pública. Você vai jogar no mundo uma coisa que é pessoal, local, da sua comunidade, da sua igreja?

Num domingo em que se lia na liturgia o já referido texto do Evangelho de Mateus, comentando essa passagem, o papa Francisco disse:

O ensinamento de Jesus nos ajuda muito. Pensemos num exemplo: quando nós vemos um erro, um defeito, um escorregão de um irmão ou de uma irmã, normalmente a primeira coisa que fazemos é contar aos outros, fofocar. As fofocas fecham o coração à comunidade, impedem a unidade da Igreja. O grande fofoqueiro é o diabo, que sempre sai dizendo coisas ruins dos outros, porque ele é o mentiroso que tenta desunir a Igreja, afastar os irmãos e não fazer comunidade. Por favor, irmãos e irmãs,

façamos um esforço para não fofocar. A fofoca é uma peste pior que a covid (Francisco, 2020).

Daí a nossa responsabilidade, minha e sua, de usarmos as redes sociais para promover o bem, a solidariedade e a justiça. Jamais manchar a imagem de alguém. Isso sim, é evangelização e apostolado.

RUMO À PRESENÇA PLENA

Venício A. de Lima

Recentemente o Dicastério para a Comunicação do Vaticano divulgou um documento de grande importância para todos os cristãos e, particularmente, para o Observatório da Comunicação Religiosa. Trata-se de uma reflexão pastoral sobre a participação dos cristãos nas redes sociais, a qual recebeu o título de *Rumo à presença plena*.

A primeira parte do documento chama a atenção para os riscos que existem nas “rodovias digitais” e leva o subtítulo “aprender a ver a partir da ótica de quem caiu nas mãos dos ladrões”. Evoca, portanto, a *Parábola do bom samaritano* narrada no Evangelho de Lucas, em que Jesus, respondendo ao doutor da lei que o interpelou sobre quem seria “o próximo”, conta que o samaritano, ao contrário do sacerdote e do levita, foi o único que cuidou do homem que havia sido assaltado e ferido por ladrões.

O Dicastério constata que não se realizou “a esperança de que o mundo digital seria um feliz espaço de compreensão comum, informações gratuitas e colaboração”. Tampouco se efetivou a crença de que “a internet devia ser uma ‘terra prometida’, em que as pessoas pudessem contar com informações partilhadas com base na transparência, confiança e experiência”.

Quais são, afinal, os riscos que nos esperam nas rodovias digitais? Pelo menos quatro são mencionados. Primeiro devemos ter consciência de que, como usuários de redes sociais mercantilizadas, somos, ao mesmo tempo, consumidores e produtos. Como consumidores, somos alvo de anúncios criados sob medida para nos envolver e conquistar. Como produtos, nossos perfis e dados pessoais são vendidos a outras empresas com o mesmo objetivo. Como diz um conhecido ditado: se você não paga pelo produto, o produto é você.

O segundo risco é o fato de que está cada vez mais difícil verificar as fontes e a veracidade das informações que circulam nas redes sociais. Não podemos nos deixar aprisionar em bolhas que funcionam como mundos paralelos, em tudo distantes da realidade concreta vivida.

O terceiro risco é que essas bolhas nos impedem de encontrar o outro, o diferente. Elas nos levam ao isolamento, ou à convivência apenas com quem pensa da mesma maneira ou que cultivam os mesmos valores que nós.

O quarto risco mencionado pelo documento é que tais espaços isolados nas redes digitais encorajam comportamentos extremos. Nas bolhas, os discursos de ódio “propagam-se fácil e rapidamente, oferecendo um campo fértil para a violência, o abuso e a desinformação”. Assim, o Dicastério para a Comunicação (2023) conclui:

Estar cientes dessas ciladas ajuda-nos a discernir e desmascarar a lógica que polui o ambiente das redes sociais, e a procurar uma solução [...]. É importante apreciar o mundo digital e reconhecê-lo como parte da nossa vida. No entanto, é na complementaridade das experiências digitais e físicas que se constroem a vida e a jornada humanas. Ao longo das “rodovias digitais”, muitas pessoas são feridas pela divisão e pelo ódio. Não podemos ignorar isso.

Não podemos ser apenas viajantes silenciosos. A fim de humanizar os ambientes digitais, não devemos esquecer quem é “deixado para trás”. Só podemos ver o que acontece, se olharmos do ponto de vista do homem ferido na *Parábola do bom samaritano*. Como na parábola – onde somos informados a respeito do que o homem ferido viu – a perspectiva dos marginalizados e feridos digitalmente ajuda-nos a compreender melhor o mundo de hoje, cada vez mais complexo.

Que assim seja!

O TESTEMUNHO NAS MÍDIAS SOCIAIS ALÉM DA FAMA

Ir M. Neusa dos Santos, IIC

A missão dos comunicadores católicos e influenciadores digitais deve ir além da busca de popularidade e da obsessão por métricas como curtidas, seguidores e visualizações. A verdadeira influência não pode ser medida por números, mas pelo impacto real que suas palavras e ações têm na transformação social.

Os influenciadores digitais cristãos são chamados a se tornar um reflexo genuíno do amor compassivo de Jesus de Nazaré, que se compadece dos famintos e sedentos, não apenas no aspecto material, mas também na fome espiritual e na sede de justiça. No entanto, essa missão enfrenta um grande desafio: como realizar esse chamado quando muitas plataformas digitais perpetuam o vazio existencial de uma sociedade marcada por profundas crises sociais, como o abandono, a marginalização e a fome, que se tornam problemas cada vez mais visíveis?

É necessário refletir criticamente sobre o papel da Igreja e de seus comunicadores digitais, que, diante dessa realidade, não podem se limitar a discursos vazios ou à busca por fama. Sua missão é ser luz em um mundo digital que, muitas vezes, reforça a alienação e a indiferença. Para que a evangelização seja genuína, ela deve ir além da superficialidade das redes e confrontar as desigualdades reais, buscando, de fato, transformar a sociedade e oferecendo uma resposta para as necessidades urgentes da humanidade.

Nesse cenário, a missão evangelizadora da Igreja deve ser clara: a tecnologia deve ser usada não apenas para ‘engajar’, mas para transformar vidas. Não podemos ignorar as realidades de fome, marginalização e exclusão social enquanto nos deixamos guiar por métricas de popularidade ou fama. A verdadeira missão de um influenciador digital cristão é ser sensível à dor dos outros, usar sua voz para amplificar as necessidades dos excluídos e, principalmente, ser um ponto de apoio para aqueles que buscam não apenas informação, mas compaixão, solidariedade e justiça.

O papa Francisco, em suas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, já nos advertiu que a tecnologia, por mais sofisticada

que seja, não pode substituir a sabedoria do coração humano. A inteligência artificial, por exemplo, pode otimizar processos, mas não pode sentir, acolher ou transmitir a verdadeira compaixão humana.

A comunicação digital, sem o toque humano, corre o risco de se tornar vazia, distante e até prejudicial. Portanto, ao abraçarmos as ferramentas tecnológicas, devemos lembrar que elas precisam ser usadas para construir pontes entre as pessoas, não para aprofundar as divisões. Assim, o papel dos influenciadores digitais cristãos é mais do que simplesmente compartilhar mensagens: trata-se de construir uma verdadeira rede de solidariedade e compromisso social.

O FENÔMENO DOS INFLUENCIADORES DIGITAIS CATÓLICOS

Robson Sávio Reis Souza

As editoras *Ideias e Letras* e *Paulus* publicaram o livro *Influenciadores digitais católicos*. Essa obra traz uma instigante análise do fenômeno dos influenciadores digitais católicos no complexo ecossistema comunicativo e eclesial da atualidade.

Além de socialmente relevante, a ação dos influenciadores digitais religiosos é um processo que afeta de modo direto o desenvolvimento da pastoral, da evangelização, da teologia e da comunicação eclesial. É também uma questão cultural que atravessa as barreiras das religiosidades, uma vez que tais influenciadores alcançam e mobilizam milhões de pessoas por meio de poderosas dinâmicas tecnológicas.

O foco do livro é justamente compreender profundamente esse fenômeno e suas possíveis consequências para a sociedade e, principalmente, para a Igreja. O livro *Influenciadores digitais católicos* nasceu de preocupações do Observatório da Comunicação Religiosa que incentivou uma pesquisa cuidadosa sobre o tema. Essa pesquisa, realizada por estudiosos altamente qualificados, resultou numa análise apurada do fenômeno, registrada na publicação.

Influenciadores digitais religiosos podem promover uma cultura religiosa positiva, por meio de análise crítica do fenômeno religioso e apresentação das múltiplas formas da relação entre religião, cultura e modos de vida. Mas a relação entre influenciadores digitais e discursos de ódio tem chamado a atenção nos últimos tempos.

Muitas vezes, influenciadores religiosos usam as plataformas de mídia social como canais de disseminação de informações com opiniões extremistas, prejudiciais e violentas. Ademais, seguidores de influenciadores religiosos tendem a compartilhar crenças semelhantes às de seus ídolos digitais.

Infelizmente, há influenciadores que se autodenominam católicos, mas que prestam um desserviço à comunidade cristã, disseminando dúvidas e divisão na Igreja por meio de notícias falsas, discursos de ódio e

intolerância. Alguns desses influenciadores instrumentalizam ideias, ideais e valores cristãos para fins políticos e ideológicos. Outros transformaram suas mídias em mercadorias, gerando grande lucro para si, sem nenhum compromisso com a ética e a cultura católicas.

MISSIONÁRIOS DIGITAIS E O ANÚNCIO DO EVANGELHO

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, SSP

A expressão “missionários digitais” vem se tornando corrente nos meios eclesiais e teve certa repercussão por causa de um encontro promovido pela CNBB, em 2024, com os chamados “padres *influencers*”. É preciso considerar o fato de que vivemos na era digital. Esse é nosso tempo e contexto. É nesse universo que agora devemos também cumprir o mandato de Jesus: “Ide, fazei discípulos meus entre todos os povos” (Mt 28,19).

Antes de tudo, é fundamental considerar que todo batizado é missionário, desde as pessoas mais simples até aquelas revestidas de encargos e maiores responsabilidades. Esse dado é importante, porque, de certo modo, tira de cena a ideia equivocada de “classes missionárias”. Pelo batismo, todos temos a mesma dignidade. O batismo é a fonte de toda missão na Igreja. Ele é a porta de acesso para os outros sacramentos. Ninguém é ordenado diácono, padre, bispo se antes não foi batizado; ninguém faz os votos religiosos se antes não tiver recebido o batismo.

Então, o missionário digital é como qualquer outro batizado, inserido em uma comunidade de fé e comprometido com o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele tem o encargo de anunciar a Boa Notícia, que é Jesus mesmo.

É necessário reforçar isso, porque há o risco, sobretudo nas plataformas e redes sociais digitais, de apropriação dos símbolos e das coisas da fé para autopromoção e autorreferência; para ficar famoso e ganhar dinheiro na internet, utilizando-se de uma fachada de Igreja. Daí vêm as artimanhas próprias dos “subterrâneos da internet”, com certos conteúdos beirando o ridículo para mobilizar os algoritmos, atrair seguidores e monetizar. Há um tripé muito utilizado para promover o engajamento nas redes sociais: *likes*, lares e lucros. O missionário autêntico não cai nesse golpe.

Não adianta à Igreja se deslumbrar com grandes influenciadores, por causa de seus milhares de seguidores, se antes não houver catequese, formação bíblica, comprometimento com a profecia. Se antes não houver também um esforço conjunto por um letramento digital. Até os considera-

dos *nativos digitais* – isto é, aquelas pessoas que nasceram e cresceram em meio às tecnologias digitais – necessitam de organização desses saberes das redes, incluindo o saber da fé, porque as redes sociais são especialistas na dispersão, na distração e no negacionismo.

O campo da missão digital e suas linguagens, portanto, constituem um grande desafio. Trata-se de um ambiente complexo, sobre o qual já não temos como nos furtar de pensar.

Se, por um lado, o fenômeno das redes sociais digitais é um campo fértil para o Evangelho, por outro, reforça uma tendência à individualização da experiência religiosa, na busca daquilo que mais oportunamente responde às necessidades e gostos pessoais. Há também o apelo à privatização da experiência religiosa. A atuação de um padre, um religioso ou leigo *influencer*, por exemplo, é a atuação no âmbito da diocese ou da congregação a que pertence. Nossa missão é comunitária. Então, há o dever de cumprimento de diretrizes e de comprometimento com a Igreja local.

Para além do desejo e do afã de ter fama, é de suma importância a valorização das pequenas redes nas comunidades, dioceses e paróquias, como agentes mobilizadores de base. É ilusório considerar que os grandes *influencers* promovam alguma mudança no seio da comunidade de fé. A circulação em massa de mensagens pelas plataformas digitais, ao mesmo tempo que tem suas vantagens, carrega o risco da confusão, da desinformação e, o pior, até da desintegração comunitária. Aí reside o nosso papel na catequese e na formação da pastoral da comunicação e de todos os batizados, para o bom uso dos meios.

É bom nunca esquecer o que Jesus ensinou aos seus discípulos. O Reino de Deus é como uma semente de mostarda (Mt 13,31). O Espírito Santo nos ajude a viver e anunciar o Evangelho com a prudência das serpentes e a simplicidade das pombas (Mt 10,16). A verdadeira comunicação ocorre quando há vínculos, e não somente um emaranhamento de conexões frias. Jesus é o *influencer* por excelência. Somos aprendizes desse mestre da comunicação.

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Angelus**. Roma, 6 set. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_angelus_20200906.html. Acesso em: 9 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Dicastério para a Comunicação. **Rumo à presença plena: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais**. Roma, 28 maio 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html. Acesso em: 7 jul. 2025.

MEDEIROS, Fernanda de Faria *et al.* **Influenciadores digitais católicos: efeitos e perspectivas**. São Paulo: Ideias e Letras; Paulus, 2024.

IV. OS DESAFIOS DA ERA DIGITAL

INFOXICAÇÃO

Ir. Natanael de Melo Carvalho

O grande volume de informações gerado pelos meios de comunicação, como rádio, TV e principalmente por aplicativos em dispositivos conectados à internet é um dos desafios da era digital. É visível que temos produzido, acessado e compartilhado muitas informações. Embora não se possa negar que esse processo gerou benefícios à sociedade, é preciso reconhecer que também gerou sérios problemas, como a *infoxicação*.

Apesar de ter ficado em maior evidência apenas em 2020, com a pandemia de covid-19, o termo não é tão novo assim. Foi criado pelo físico espanhol Alfons Cornella, em 1996, a partir da junção das palavras informação e intoxicação. A *infoxicação* corresponde ao excesso de conteúdos que recebemos diariamente e não conseguimos absorver, afetando nossa saúde emocional, com sintomas como o estresse e a ansiedade, e comprometendo a qualidade do nosso tempo pela dispersão crescente. Cornella já observava naquela época que a era da informação traria uma ‘doença’ associada à sobrecarga informacional.

Estudos e pesquisas internacionais realizados em meados de 2021 constataram que, em um único minuto na internet, mais de 500 horas de conteúdo são carregadas no *YouTube*; 695 mil histórias são compartilhadas no Instagram e quase 70 milhões de mensagens são enviadas via *WhatsApp* e *Facebook Messenger*.

No Brasil, o tempo médio diário de conexão à internet por pessoa é de 9 horas e 29 minutos, ocupando o segundo lugar no *ranking* mundial de conectividade. Esse dado demonstra o grande volume de informações que é recebido diariamente por meio da internet. Na prática, isso equivale à leitura de milhares de livros.

A *infoxicação* prejudica a saúde das pessoas, que tentam absorver mais informações do que conseguem processar. Além disso, esse problema é um dos principais responsáveis pela rápida e crescente difusão das *fake news*, que tanto mal têm ocasionado à sociedade.

Para preservação da saúde mental e de seu bem-estar digital, escolha bem as fontes e concentre-se em temas que realmente sejam de seu interesse. Dessa forma, será mais difícil cair nas armadilhas das notícias falsas, além de reduzir os níveis de intoxicação pelas informações.

O Observatório de Comunicação Religiosa reafirma que, mesmo diante da desinformação e mesmo recebendo muito conteúdo durante o dia inteiro, é necessário substituir quantidade por qualidade, consumindo conteúdos que agreguem valores à sua vida. Decida o que você realmente precisa e o que você quer saber. Refine sua busca com bom senso e respeitando sua capacidade de absorver e compreender os conteúdos.

RISCOS E POSSIBILIDADES DOS APARATOS DE COMUNICAÇÃO

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, SSP

A nossa reflexão no Observatório da Comunicação Religiosa trata de alguns riscos e possibilidades que os meios de comunicação oferecem, especialmente a internet.

Entre os muitos refrões da atualidade, repete-se à exaustão que vivemos a melhor das fases no que se refere à comunicação e aos seus aparatos técnicos. Isso é bom e até verdadeiro. Ocorre que também devemos desconfiar dos exageros ou de um certo endeusamento de tudo o que cheira à tecnologia da comunicação, como se os meios, por si sós, tivessem poderes mágicos.

A comunicação humana é, em primeiro plano, a busca do outro. Comunicar é buscar construir e manter vínculos. Quem comunica partilha algo com o outro, num processo recíproco. Comunicar é coabitar. De modo que não há comunicação sem respeito ao outro. Não há comunicação quando o ódio é o combustível dentro ou fora das redes sociais digitais.

O papa Francisco nos exortou, desde o início de seu pontificado, sobre a urgente necessidade de uma autêntica comunicação para a “cultura do encontro”. Ele insiste na importância dos meios de comunicação como possibilidade de nos ajudar a sentir-nos mais próximos uns dos outros; “a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna” (Francisco, 2014).

O papa Francisco também critica de modo contundente as formas de exclusão e divisão causadas em um tempo em que os meios deveriam incluir e unir. Se é verdade que a internet constitui uma possibilidade extraordinária de acesso ao saber, é verdade também que se revelou como um dos locais mais expostos à desinformação, à distorção e ao ódio.

Diante das novidades advindas das tecnologias da comunicação e das mais variadas plataformas em rede, a internet constitui um universo complexo e em constante transformação. Com a força da inteligência artificial, tudo se acelera ainda mais, e ficamos com a sensação de que estamos

sempre correndo atrás de algo que nunca alcançaremos. Nesse cenário, por vezes, corremos o risco de nos perder entre os emaranhados e parafernália das redes sociais digitais. O desafio é aliar ferramentas de comunicação a valores sempre mais democráticos e humanizadores. Não se trata de condenar nem endeusar a técnica, mas agregá-la à construção de um mundo de paz, sem exploração, tirania, violência nem mentiras.

REDES DIGITAIS: POSSIBILIDADES, LIMITES E PERIGOS

Robson Sávio Reis Souza

Quando falamos de redes digitais, estamos nos referindo a uma variedade de serviços e possibilidades para a comunicação e para o acesso à informação e ao conhecimento. Entre eles, destacam-se as plataformas de mensagens instantâneas – que permitem a comunicação imediata entre as pessoas, independentemente da distância física – e as redes sociais, que criam conexão e favorecem o compartilhamento de informações, opiniões e experiências. Há ainda os aplicativos que facilitam o compartilhamento de vídeos, músicas e *podcasts*.

Esses e outros serviços compõem a internet, fornecendo acesso instantâneo a uma massiva quantidade de informações, permitindo tanto a educação à distância como o comércio *online*, ao mesmo tempo em que *websites* e *blogs* disponibilizam atualizações e notícias do mundo todo.

Mas esse *maravilhoso mundo novo* também apresenta muitos perigos, como a promoção e a glamourização de todo tipo de violência, inclusive crimes. As redes digitais têm sido usadas para difundir notícias falsas, propagar discursos de ódio, promover o fundamentalismo religioso e fortalecer movimentos políticos extremos.

Segmentos políticos e religiosos de extrema direita têm utilizado as redes digitais para a disseminação de discursos de ódio direcionados a grupos étnicos e religiosos, levando à radicalização e à polarização na sociedade. As redes digitais também se tornaram locais para recrutar seguidores e difundir ideologias religiosas extremistas. É comum observar nas redes sociais, por exemplo, ataques à CNBB, à Campanha da Fraternidade e ao papa.

Grupos e indivíduos de extrema direita encontraram nas redes digitais múltiplas plataformas para promover suas agendas violentas. Isso inclui a disseminação de teorias da conspiração, propaganda racista e xenofóbica, bem como a organização de eventos e manifestações contra a democracia e a justiça social.

Vários governos da extrema direita têm se beneficiado enormemente das redes digitais para a promoção de agendas violentas, racistas e antidemocráticas. O mais grave é que associam extremismo político com fundamentalismo religioso. Um exemplo dessa vinculação se observou no recente movimento político, nos Estados Unidos, que levou à eleição de Donald Trump.

Para preservar nossa saúde mental e garantir a democracia e a justiça social, é urgente a regulação das mídias digitais. Isso inclui legislação para responsabilizar individual e coletivamente quem atenta contra a democracia, manipula a religião e promove a violência. A legislação deve facilitar a remoção de conteúdo prejudicial à convivência saudável e a identificação de contas falsas. Além dos mecanismos de regulação, também é indispensável que se amplie a educação cidadã para o reconhecimento de fontes de informação seguras e confiáveis.

O Observatório da Comunicação Religiosa tem insistido: as redes digitais devem ser usadas com moderação, consciência e responsabilidade. Não permita que as redes digitais impeçam ou limitem sua convivência com os outros e ocupem sua mente e seu coração com ideias contrárias à ética cristã.

DESINFORMAÇÃO, *FAKE NEWS* E POLÍTICA

Ir. Natanael de Melo Carvalho

A desinformação e as *fake news* têm um impacto profundo na política, influenciando a opinião pública, o comportamento eleitoral e a integridade dos processos democráticos. A disseminação de narrativas falsas pode influenciar o modo como as pessoas percebem candidatos e políticos, bem como a forma como compreendem determinados eventos.

Essas informações podem alterar o comportamento dos eleitores, afetando a forma como eles votam. Candidatos e partidos podem ser alvo de ataques com base em informações falsas ou distorcidas, usadas intencionalmente para enganar os eleitores sobre questões importantes.

Esses efeitos são potencializados pelas redes sociais e por *sites* especializados na produção de notícias falsas. Eles criam e rapidamente espalham as *fake news*, graças a sua alta capacidade de alcançar vastos públicos, ampliada pela falta de filtros rigorosos. Esses meios têm o objetivo de gerar receita por meio de cliques, assim como o de promover agendas políticas.

O grande desafio é detectar e desmentir as falsas notícias, em especial porque se espalham rapidamente e é difícil rastreá-las até a fonte original. Por essa razão, embora ferramentas automatizadas e a intervenção humana sejam empregadas para reduzir esse impacto, o nível de desinformação continua a crescer.

A desinformação e as *fake news* representam uma ameaça significativa à política moderna, desafiando a integridade dos processos democráticos e exigindo esforços contínuos para promover a veracidade e a transparência na comunicação pública.

Existem muitas barreiras relacionadas à liberdade de expressão e à eficácia de regulamentações para combater a disseminação de desinformação. Por essa razão, o Observatório da Comunicação Religiosa reafirma: é necessário investir em legislação, educar-nos para o espírito crítico e estarmos vigilantes, buscando iniciativas para verificar a veracidade das informações, alertando os cidadãos sobre os riscos e consequências que esses fenômenos podem trazer à sociedade.

OS PECADOS DO JORNALISMO

Venício A. de Lima

Para além do acompanhamento permanente da mídia católica, uma das preocupações do Observatório da Comunicação Religiosa tem sido o exercício profissional dos comunicadores cristãos. É fundamental que ele nunca se afaste dos melhores princípios do jornalismo e do compromisso com a verdade.

Em 2023, o papa Francisco recebeu o prêmio *É Jornalismo*, de uma delegação de conceituados jornalistas italianos, em solenidade no Vaticano. O papa justificou a sua aceitação pela “urgência de uma comunicação construtiva que favoreça a cultura do encontro e não do desencontro, da paz e não da guerra, da abertura aos outros e não do preconceito” (Francisco, 2023). O papa falou sobre o que ele considera os quatro “pecados do jornalismo” no mundo atual:

1. a desinformação: quando o jornalismo não informa ou informa mal, propagando notícias falsas na tentativa de manipular a opinião pública.
2. a calúnia: consiste em acusar ou atribuir a alguém, falsamente, um fato criminoso.
3. a difamação: é a ofensa feita contra a honra de alguém com a intenção deliberada de desacreditá-lo na sociedade e provocar seu menosprezo público.
4. a coprofilia: esse nome estranho quer dizer, literalmente, o amor pelo escândalo, pela sujeira. Trata-se da preferência de um certo jornalismo por escândalos de todos os tipos, produzindo uma cobertura que, muitas vezes, ignora as boas ações e insiste apenas no escândalo que atrai audiência e, portanto, “vende”.

Lembrando a XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos – que se realizaria naquele mesmo ano – o papa Francisco pediu a ajuda dos jornalistas para falar desse “sínodo sobre a sinodalidade”. Pediu que falassem desse processo como ele realmente é, deixando de lado a lógica dos *slogans* e das histórias pré-confeccionadas: uma assembleia de bispos, presbíteros,

religiosas e religiosos, leigas e leigos de todo o mundo, presidida pelo papa, que tem como objetivo definir um caminho comum, um caminho não individual ou personalista, mas que se faz em conjunto.

Disse o papa: “toda a Igreja empreendeu um caminho para redescobrir a palavra *juntos*. Caminhar *juntos*. Questionar-nos *juntos*. Assumir *juntos* o discernimento comunitário, que para nós é oração, como fizeram os primeiros Apóstolos: é a sinodalidade, que gostaríamos de tornar um hábito diário, em todas as suas expressões” (Francisco, 2023).

Por fim, o papa falou aos jornalistas sobre a esperança:

A esperança é a seguinte: que hoje, numa época em que todos parecem comentar tudo, até independentemente dos acontecimentos e muitas vezes até antes de estar informados, redescubramos e voltemos cada vez mais ao cultivo do princípio de realidade — a realidade é superior à ideia, sempre — a realidade dos acontecimentos, o dinamismo dos eventos; que nunca são imóveis, evoluem sempre, para o bem ou para o mal, para não correremos o risco de a sociedade da informação se transformar na sociedade da desinformação (Francisco, 2023).

Esse deve ser o compromisso de todos os cristãos, profissionais da comunicação. Que assim seja!

IMPRENSA E TRAGÉDIAS

Ir. Helena Corazza, FSP

A imprensa tem papel fundamental não só na divulgação, mas na memória e análise dos fatos. Recentemente recordamos os 40 anos das Diretas Já – e o papel da imprensa em favor da democracia brasileira – e também celebramos o dia da liberdade de imprensa. Agora nossa atenção se volta para a cobertura jornalística das enchentes, em abril e maio de 2024, no Rio Grande do Sul.

Há um serviço enorme de jornalistas que, ao relatarem e mostrarem os fatos, sem buscar culpados, não deixam de mencionar causas como o crescente aquecimento global. De verdade, o planeta está dando seu recado sobre o cuidado do meio ambiente no Brasil e no mundo. A imprensa está prestando um serviço público, como é sua missão. Os meios de comunicação católicos se incluem nessa missão de informar, de falar não só da tragédia, mas também de seus desdobramentos e de esperança.

Sobressai a solidariedade de todos para todos, sem distinção. O poder público, as empresas, os cidadãos se dispõem a ajudar na seleção e organização das doações. É notável a ajuda por parte de paróquias e instituições diversas, mesmo de outros países. Também o papa Francisco liberou uma generosa doação.

Contudo, em momentos de tragédias, também há os que aproveitam para espalhar notícias falsas e provocar a desinformação. Disseminou-se, por exemplo, a *fake news* de que o Rio Grande do Sul estaria impedindo a entrada de doações por falta de nota fiscal. Houve mentiras alegando que caminhoneiros estariam sendo multados por trafegarem com excesso de peso. Mentiu-se sobre o número de mortos, sobre o gado sendo arrastado pelas águas, servindo-se de imagens de outro país. Isso só para citar algumas das notícias falsas que foram espalhadas. Há advertência também de como se proteger de golpes ao fazer Pix de doações para os atingidos pelas enchentes no Rio Grande do Sul.

Mesmo em momentos de dor e comoção, é preciso agir com o coração e com discernimento em relação às notícias, antes de acreditar nelas e compartilhá-las. Algumas perguntas ajudam: a informação tem *link*? O *link* abre ou está “quebrado”? A informação foi publicada em portal credível? É

assinada por alguém? Tem erros gramaticais? Começa de modo alarmista? Menciona terceiros sem dizer claramente o nome da pessoa mencionada (famoso médico, especialista conhecido, até padre famoso)? Há o pedido insistente para ser compartilhado com urgência, antes que seja tirado da internet?

Desconfie, pesquise, confirme a notícia e não compartilhe em caso de dúvida. É só digitar: “onde checar se é *fake News*”. Faça uma busca na internet ou consulte alguém que possa ajudar.

Nossa missão de cidadãos e cristãos, sejamos profissionais da comunicação ou não, está nas mãos de qualquer pessoa com um celular, capaz de produzir e compartilhar informações. Que a Imprensa possa estar sempre mais a serviço de uma cultura de paz e solidariedade.

O CAVALO CARAMELO

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, SSP

O cavalo Caramelo foi filmado e fotografado do alto, por drone e helicóptero, em meio à desolação. Embaixo, a dor sem nome provocada pela catástrofe climática que deixou o estado do Rio Grande do Sul submerso e sua população devastada, no dramático início de maio de 2024. Tão logo a televisão o mostrou, a imagem viralizou na internet e ganhou o mundo, comovendo a todos.

Caramelo ficou cerca de quatro dias se equilibrando em um pedacinho de telhado, quase sem poder se mexer, com olhar desolado naquele cenário de consternação. Viu a morte. Por sorte, foi resgatado depois da mobilização de autoridades e de influenciadores. O socorro foi transmitido ao vivo pelo principal canal de TV do Brasil, e as redes sociais logo o tornaram o assunto mais comentado.

Caramelo virou um símbolo forte. O símbolo une, reúne e representa. Nele se concentra a dor de tantos bichinhos inocentes, arrastados de seus ambientes, triturados pela ganância do agronegócio, macerados pela ignorância daqueles que negam a ciência e o grito da terra. No Caramelo se encerra o choro da gente, sem mais nem a roupa do corpo, com alma ferida. Os desterrados em razão do clima, no vale de lágrimas.

Caramelo é a síntese da resistência dos que acreditam na vida e por ela lutam. Relutam na contramão das bancadas ruralista, da bala e da Bíblia. Na contramão do mercado, de suas milícias e do poder da grana, que derrubam áreas verdes, erguem prédios e enterram rios.

A resistência, simbolicamente representada no Caramelo, se coloca na contramão das *fake news* – palavra importada que, em bom português, quer dizer mentira. Há uma indústria da desinformação que patrocina suas próprias crenças e preconceitos para confundir os fatos objetivos. Quem entra nessa é cúmplice da morte e de tantos corpos.

A catástrofe não é vingança da natureza, tampouco é a fúria de Deus. É urgente o cuidado pela ‘casa comum’. Não faltam apelos para isso. O papa Francisco tem sido uma voz que clama no deserto.

O olhar de Caramelo, seu corpo quase inerte e marcado pela fome, pela dor e pelo medo é a imagem de toda a criação, gemendo como em dores de parto. Caramelo é a imagem da esperança que vence quando a solidariedade é cultivada, mobilizada. A esperança vence quando as mãos se unem em nome da vida, nessa hora difícil da história.

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Discurso do papa Francisco à delegação do prêmio “É Jornalismo”**. Roma, 26 ago. 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/august/documents/20230826-premio-giornalismo.html>. Acesso em: 5 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Mensagem do santo padre Francisco para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Roma, 1 jun. 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 6 jul. 2025.

V. FORMAR PARA COMUNICAR COM ÉTICA

LEITURA CRÍTICA DA COMUNICAÇÃO

Robson Sávio Reis Souza

Nas décadas de 1970 e 1980, a Igreja Católica, por meio da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), investiu numa metodologia denominada *Leitura crítica da comunicação*.

Essa metodologia avaliava criticamente os conteúdos televisivos tendo como critérios de análise os princípios e valores cristãos, a ética e a cidadania. Concentrando-se no estudo de conteúdos veiculados na televisão de forma descontextualizada, o programa criticava o abuso na exposição das múltiplas formas de violência e na exploração do sexo, além de denunciar a naturalização de preconceitos contra certos grupos sociais.

Para formar bons comunicadores populares, eram oferecidos cursos de curta duração para agentes de pastorais, religiosos e estudantes secundaristas. Esses cursos práticos de comunicação tinham como objetivo instrumentalizar os estudantes para que tomassem consciência das contradições entre os valores cristãos, democráticos e republicanos e sua banalização proposta pela mídia.

Hoje, em pleno século XXI, uma nova realidade está posta: com a popularização da internet e das redes digitais todos somos produtores e divulgadores de comunicação. Não obstante certa democratização da mídia, o fato é que as redes sociais, que geram muitas oportunidades e encontros, também se tornaram terra fértil para a propagação de discursos de ódio e violência; de ataques à democracia e às instituições sociais; campo fértil para notícias falsas e até mesmo manipulação religiosa.

Antes, éramos apenas receptores de conteúdos produzidos pela mídia; agora somos também produtores e emissores. Manipulamos conteúdos para transmiti-los e retransmiti-los. Somos atores comunicacionais.

Esse novo papel do cidadão em relação à comunicação, sem a devida educação nessa área, não impede o fenômeno da manipulação, da produção de realidades paralelas e da criação de redes comunicacionais violentas,

perigosas e perversas. Redes sociais produzem também sujeitos passivos, acríticos, impotentes e, inclusive, replicadores de comunicação mentirosa, como, por exemplo, as *fake news* que recebemos diariamente em doses cavalares.

Como produtores de informação devemos ter uma apurada consciência ética e política do nosso papel social, político e religioso. Portanto, antes de comunicadores, precisamos ser bons receptores, leitores e avaliadores da comunicação que recebemos ininterruptamente.

Analisar criteriosamente os conteúdos recebidos, checar as fontes, pesquisar as origens das mensagens e quais interesses motivam determinados conteúdos – principalmente os conteúdos sensíveis, como temas morais, religiosos etc. – torna-se fundamental para o estabelecimento de novos modos de comunicação.

Nesse novo e desafiador contexto social, político e religioso seria muito importante retomarmos, como parte de um processo de educação política e à cidadania, os princípios que forjaram, no passado, o projeto da *Leitura crítica da comunicação*.

EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA

Venício A. de Lima

Uma das preocupações permanentes do Observatório da Comunicação Religiosa tem sido a educação para a mídia. Todos nós precisamos aprender como funcionam as instituições de comunicação, pois é por meio delas que *enxergamos* o mundo em que vivemos – tanto os antigos meios de comunicação social, como as empresas que surgiram a partir da internet, as chamadas *Big Techs*.

Muitos nem sequer se dão conta de que tudo aquilo que não faz parte da nossa experiência cotidiana direta chega até nós *mediado* por algum *meio* de comunicação, seja o rádio, a televisão, o jornal, as revistas ou, em nossos dias, sobretudo, por diferentes plataformas digitais como o *Google*, o *YouTube*, o *Facebook*, o *Instagram* e o *WhatsApp*, dentre outros.

Como o modelo brasileiro de comunicação social é predominantemente privado e comercial, os objetivos das empresas que exploram esse serviço público nem sempre priorizam o bem comum. É preciso lembrar sempre que as informações que chegam até nós foram selecionadas e passaram antes por vários filtros. Além disso, notícias sempre podem ser distorcidas ou até mesmo omitidas. Existem grupos sociais invisibilizados e silenciados, cujas perspectivas e interesses raramente aparecem nos noticiários.

Esse é um ponto importante porque dificulta – e muito – a observação da comunicação. Como observar aquilo que não aparece nos noticiários?

No que se refere às redes digitais, a situação se complica ainda mais. Elas se transformaram no espaço preferido da desinformação, isto é, das chamadas *fake news*, as notícias falsas. Os recursos tecnológicos disponíveis tornam possível manipular falas e imagens, comprometendo pessoas sem qualquer envolvimento real com o que está sendo apresentado. Nas redes digitais é muito mais difícil identificar a origem da (des)informação e, portanto, distinguir o que é verdadeiro daquilo que é deliberadamente falso.

Infelizmente, esses problemas ocorrem também no âmbito da comunicação religiosa. Alguns influenciadores digitais inescrupulosos, que se dizem católicos, divulgam como fatos o que sequer ocorreu; atribuem a autoridades eclesiais o que elas não fizeram; omitem, tendenciosamente, informações; promovem a divisão e estimulam antagonismos e discórdia dentro da própria Igreja.

Por tudo isso, precisamos ficar atentos e exercer o nosso juízo crítico, para que não sejamos induzidos a julgamentos equivocados. O desafio da educação para a mídia precisa ser compartilhado e debatido com nossa família e com nossos amigos. Uma boa maneira de evitar eventuais mal-entendidos é sempre nos apoiarmos nos ensinamentos do papa Francisco e nos documentos oficiais da própria Igreja. Que assim seja!

AS NOVAS TECNOLOGIAS E A COMUNICAÇÃO HUMANIZADA

Ir. Natanael de Melo Carvalho

As novas tecnologias transformaram a maneira como nos comunicamos. Com a internet, os *smartphones* e as redes sociais, estamos mais conectados do que nunca. No entanto, é importante lembrar que, mesmo com essas inovações, a comunicação precisa continuar sendo humanizada para mantermos relações saudáveis e significativas.

A ascensão das novas tecnologias trouxe muitas facilidades, mas o cenário da comunicação contemporânea é muito complexo: a comunidade virtual tende a ser muito individualista, com poucos vínculos sadios e fortes. Mesmo sendo centenas ou milhões de pessoas conectadas em rede, cada uma dessas pessoas pode acabar isolada.

O papa Francisco nos lembra que as redes sociais existem para fazer as pessoas se conectarem mais. Até mesmo nos espaços virtuais é possível praticar a cultura do encontro, estimular a ajuda mútua e promover um lugar especial de convívio.

Essa forma de comunicação defendida pelo papa tem por objetivo falar verdadeiramente ao coração das pessoas. Para alcançar tal objetivo, não são suficientes apenas tecnologias e informações supostamente neutras e objetivas, nem uma verdade abstrata e desencarnada. Estão em jogo as relações humanas, chamadas a ser cada vez mais humanizadas e humanizantes.

Nesse sentido, o Observatório de Comunicação Religiosa reforça que não devemos esquecer a importância de manter a comunicação humanizada. Usar a tecnologia de forma consciente e empática pode ajudar a fortalecer nossos relacionamentos e a melhorar a qualidade das nossas interações. Assim, podemos aproveitar o melhor de ambas as realidades: a eficiência das novas tecnologias e a riqueza da comunicação humana.

QUANDO A PAUTA POSITIVA SE TORNA NEGATIVA

Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães

Todos necessitamos receber boas notícias e informações positivas, assim como temos também a missão de retransmiti-las. Quando são boas, as repassamos com alegria, com sorriso nos lábios e nos olhos. No entanto, precisamos também denunciar e reportar os problemas da vida e o sofrimento humano.

Decidindo-se a dar apenas boas notícias, pode-se distorcer a realidade, mostrando somente uma boa imagem de uma ação, de uma pessoa ou de uma instituição. Esse embelezamento forçado da realidade tende a agradar diferentes grupos, mesmo aqueles que ocupam posições contrárias. Para evitar descontentamentos, faz-se uma limpeza na pauta da comunicação, trazendo a público somente assuntos positivos e agradáveis, que preservam uma imagem de aparente harmonia, sem ferir sensibilidades de certas pessoas e instituições.

Todavia, é preciso pensar muito sobre essa forma de comunicação, porque ela corre sérios riscos. O cuidado da imagem importa tanto quanto o cuidado da verdade do todo, que tem mais valor do que a parte, como ensina o papa Francisco.

No afã de mostrar só coisas boas, corre-se o risco de apresentar uma imagem muito melhor e maior do que a realidade dos fatos, das pessoas e das instituições, levando a todos a um engano. É um problema antigo, como ensinava o apóstolo Paulo, em Rm 12,3: “eu peço a todos e a cada um de vós que não tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que convém, mas uma justa estima, ditada pela sabedoria, de acordo com a medida da fé”. Isso vale também para as instituições.

Ao se tornar exclusiva a pauta positiva, mutilamos a comunicação, porque ela se torna parcial e prejudicial na medida em que dissimula os conflitos inerentes à sociedade. Esse tipo de mensagem truncada acaba por encobrir fatos ou condutas que ferem a dignidade humana e afrontam o amor que Deus direciona a cada uma de suas criaturas.

Desaparecem, assim, dos noticiários as desigualdades entre os grupos humanos que perpetuam alguns na miséria e outros na riqueza. Restam esquecidas – porque apagadas do discurso – as injustiças contra as pessoas que sofrem. Aparecem legitimadas as falsas informações e torna-se normalizada a disseminação do ódio, que busca destruir quem pensa e age diferente. A aparentemente inocente pauta positiva deixa passar despercebidos os casos de degradação socioambiental, os problemas relacionados à genética, a ausência de ética em variados campos, o incondicional posicionamento contra as guerras.

SILÊNCIO CONIVENTE

Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães

Como integrante do Observatório da Comunicação Religiosa no Brasil, eu o convido a refletir sobre o silêncio como forma de comunicação.

Nos dias em que se celebra o mistério pascal de Jesus Cristo, incluindo sua vida e seu anúncio do Reino de Deus; sua paixão, morte e ressurreição; vemos, várias vezes, publicado nas redes sociais que Jesus, pregado na cruz, fez a maior declaração de amor da história, em silêncio. Sabemos que Jesus foi brutalmente assassinado por gente poderosa da religião, da política, da riqueza, e em meio a uma grande gritaria do povo, aprovando o crime.

Proponho a você pensar sobre o silêncio, lembrando a tradição das monjas e monges cartuxos, ao ensinarem que, sem fazer silêncio, não se pode entender o Senhor que fala. Fazer silêncio sem escutar e entender o que o Senhor fala é praticar um silêncio estéril e perigoso.

Um místico contemporâneo, chamado Thomas Merton, disse que nada mudou tanto a natureza humana quanto a perda do silêncio; que o silêncio varre a cortina de fumaça composta de muitas palavras que usamos; que o silêncio nos coloca diante da realidade crua e nos ensina a conhecê-la, respeitando-a lá onde as palavras a profanaram; que o silêncio se relaciona com o amor, porque ele nos liberta e nos torna repletos de oração.

Todavia, silêncio e palavra se necessitam mutuamente. O silêncio valoriza e torna potente a palavra. A palavra nasce do silêncio e o pede, tão logo seja pronunciada. A alternância entre palavra e silêncio é uma forma universal de comunicação.

Não podemos ficar no silêncio, tampouco na palavra. Existe uma frase, de autoria incerta, segundo a qual palavras não podem ser guardadas. Se você não as fala ou não as escreve, elas sufocam você. Sufocam-se assim a profecia, o anúncio, a denúncia, a verdade, a justiça, a solidariedade, a paz, o Evangelho, as instituições que existem para serem sinais do Reino de Deus no mundo.

Em nosso país, com riqueza mais que suficiente para acabar com a desigualdade e onde o cristianismo existe pacificamente, em meio a injusti-

ças que provocam miséria e fome, ferindo de morte a dignidade de milhões de pessoas, o silêncio só faz sentido se impulsionar a palavra. É preciso falar, ainda que muitos revidem. É preciso dizer com clareza, ainda que muitos prefiram as trevas e o caos. É preciso proclamar, ainda que os aprisionados em sua falta de consciência difamem, maltratam, caluniem, mintam. É preciso, em alto e bom tom, defender os grandes valores ensinados por Jesus em seu Evangelho.

Se assim não for, o conveniente silêncio torna coniventes os que se acham pessoas e instituições sábias, e jamais se poderá dizer delas que fizeram uma “declaração de amor”, como fez Jesus no silêncio, no alto da cruz.

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

COLLET, Andressa. Papa aos jovens: usem as redes sociais para dividir uma palavra de esperança todos os dias. **Vatican News**, Roma, 14 nov. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-11/papa-francisco-mensagem-dia-mundial-da-juventude-26-novembro-23.html>. Acesso em: 15 ago. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Redes sociais**: o vídeo do papa. Roma, 5 jun. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r5jwhnvjl8g>. Acesso em: 15 ago. 2025.

UCBC [União Cristã Brasileira de Comunicação Social]. A comunicação na construção da paz. **UCBC Informa**, v. XIV, n. 125, jul./ago./set. 1985. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PUCBCRJ071985125.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2025.

PARTE II:

FÉ, VERDADE E RESISTÊNCIA

I – DEMOCRACIA AMEAÇADA

DEMOCRACIA E DESINFORMAÇÃO

Venício A. de Lima

Ao contrário do que ocorria até poucas décadas atrás, hoje o debate não é mais entre democracia e antidemocracia, mas entre diferentes conceitos de democracia. Todas as correntes políticas apresentam-se como defensoras da democracia. A questão passa a ser o que se entende por esse conceito.

Ao longo dos anos, a questão do significado da palavra se aprofundou a partir do surgimento das ideias socialistas de igualdade, no século XIX. A disputa refere-se à incorporação à democracia dos direitos econômicos e sociais como condição necessária ao exercício pleno da soberania popular. Como as experiências contemporâneas de democracia política ocorrem dentro do capitalismo – sistema produtor de desigualdade, por sua própria natureza –, a realização plena do ideal democrático vive em permanente contradição com a estrutura econômica que a sustenta.

No caso brasileiro, a democracia plena (política, econômica, ecológica, de raça e de gênero) está longe de ser conquistada. Somos um dos países mais desiguais do planeta: como falar em democracia diante dessa contradição?

Por outro lado, muitos consideram a revolução digital um fenômeno equivalente à revolução de Gutenberg, isto é, à invenção da impressora no final do século XV. Apesar de inegáveis benefícios para a interação virtual entre pessoas e grupos – e, inclusive, o fato de permitir o empoderamento de diversos grupos subalternos –, o surgimento da internet foi revelando que a esperança de que ela alavancaria a participação democrática no sentido da soberania popular revelou-se uma grande falácia.

A disputa política, sobretudo eleitoral, não ocorre mais em um espaço público no qual todos estão expostos às mesmas informações e onde os antigos meios de comunicação exerciam o protagonismo na formação da opinião pública. Na verdade, as preferências e escolhas de consumidores

e eleitores podem ser manipuladas por algoritmos que selecionam e hierarquizam as informações e desinformações distribuídas nas redes sociais.

A nova realidade no campo da comunicação e da informação possibilitou a manufatura e a disseminação em escala industrial da desinformação, isto é, da “informação comprovadamente falsa ou enganadora que é criada, apresentada e divulgada para obter vantagens econômicas ou para enganar deliberadamente, podendo prejudicar o interesse público” (Comissão Europeia, 2018).

A desinformação viola um pressuposto básico da democracia política, na medida em que corrompe a formação da opinião pública. Mais do que isso, ela cria o ambiente propício para o descrédito dos padrões e referentes da verdade. Passamos a conviver com múltiplas reivindicações de verdades concorrentes. Estimula-se o descrédito dos dispositivos de saber que, normalmente, avalizavam com sua autoridade o que era verdade. Estabelece-se uma desatenção deliberada aos critérios até então aceitos para validação das informações, criando-se uma cumplicidade da audiência com a desinformação.

Inaugura-se, assim, uma situação extremamente complexa na qual se perdem todas as referências do que é verdade. Surge um mundo paralelo em que o referente da verdade não são os fatos, nem a razão, mas os sentimentos e a emoção. É o novo mundo da pós-verdade.

Nestes tempos de desinformação e de pós-verdade, assistimos à utilização da religião como forma explícita de manipulação política, agora, sobretudo eleitoral. Setores fundamentalistas ultraconservadores – que se identificam como cristãos, embora não revelem qualquer compromisso com a ética do Evangelho –, contando com amplo apoio financeiro de grupos empresariais nacionais e globais de extrema direita, têm se utilizado do discurso de ódio e feito campanhas públicas contra cristãos identificados como progressistas, fomentando a discórdia e a intolerância.

Democracias como a nossa enfrentam um dilema: ou encontram um antídoto eficiente para combater a desinformação ou dificilmente conseguirão sobreviver. Resta-nos prosseguir combatendo o bom combate. Lutemos pela sobrevivência de uma democracia política representativa que garanta a realização periódica de eleições livres com sufrágio universal, mesmo sabendo que ela mascara as imensas desigualdades que impedem a realização de uma democracia plena.

A VIOLÊNCIA E A COMUNICAÇÃO

Pe. Dário Bossi

No longo período de campanha eleitoral de 2022, amplificou-se a divisão entre nós. Frequentemente, não conseguimos dialogar nem com velhos amigos e parentes próximos. Em nossas famílias, manifestou-se, de forma atualizada, a imagem evangélica do filho contra o pai, da filha contra a mãe...

Na verdade, a violência verbal e física que cresce entre nós é um mecanismo estrategicamente alimentado para empobrecer o debate político e impedir sua efetivação ao mesmo tempo em que transforma as eleições numa guerra, sustentada pela retórica do ódio.

Revelou-se ingênua a crença de que a fratura social iria acabar, ou pelo menos se enfraquecer após as eleições. Imaginava-se que, passado o objetivo imediato da conquista do poder, teríamos – pelo menos por um breve tempo – a dissolução do fanatismo e a dispersão da militância aguerrida que pretende eliminar o diferente.

Ao contrário, ainda se mantém muito viva a violência de grupos fanáticos que não aceitam o resultado das eleições. Tal violência vem associada a situações de agressão explícita muito graves: há religiosos e religiosas caluniados, bispos ameaçados de morte, representantes de outras igrejas, religiões ou expressões de fé discriminados e hostilizados; ataques armados que despejam toda a raiva e o ódio no coração da sociedade.

Continua muito forte a divisão. A retórica do ódio não dá sinais de diminuir. É um desafio para nós, cristãos e agentes de pastoral que nos preocupamos com a interseção de comunicação e fé. Temos uma missão urgente e decisiva de responder à questão sobre o tipo de comunicação que nos cabe regenerar na sociedade.

Precisamos distinguir, nessa pergunta, diversos grupos e situações. Há, primeiramente, os grupos mais fanáticos, por trás de cujas ações e pensamento não há uma lógica. João César Castro Rocha (2021) caracteriza esse tipo de ideias e condutas como um ‘caos cognitivo’. Em relação a esse segmento, podemos tentar evitar que esse caos se espalhe mais ainda, como uma dissociação entre a realidade e o discurso.

Há, porém, muitos outros casos de interrupção do diálogo e de violação das relações familiares e de amizade. Esses vínculos rompidos pela retórica do ódio podem ser regenerados pela ética do diálogo. A força do diálogo está na comunicação não-violenta, cujo exercício é uma das vocações mais importantes para os cristãos no tempo crucial de hoje.

As comunidades precisam retomar o exercício paciente e respeitoso de reaprender a comunicar: ajudar-se mutuamente a vigiar as mentiras, desmontar notícias falsas dando peso e autoridade aos fatos, interpretando-os coletivamente, com paciência, na escuta. Talvez, abraçar a ética do diálogo seja muito pouco, diante da máquina de ódio e da desinformação das redes sociais. Mas é nossa vocação mais urgente para os dias de hoje.

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

COMISSÃO EUROPEIA. Alta Representante da União para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança. **Comunicação conjunta ao Parlamento Europeu, ao Conselho Europeu, ao Conselho, ao Comitê Económico e Social Europeu e ao Comitê das Regiões: Plano de Ação contra a Desinformação.** Bruxelas, 5 dez. 2018. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=JOIN:2018:0036:FIN:PT:PDF>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ROCHA, João César de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio:** crônicas de um Brasil pós-político. [s.l.]: Caminhos, 2021. *E-book*.

II - A FÉ MANIPULADA

POLÍTICA E RELIGIÃO

Venício A. de Lima

O Observatório da Comunicação Religiosa tem procurado acompanhar a programação de emissoras de rádio e televisão de inspiração católica, bem como o conteúdo de mensagens religiosas nas diversas plataformas digitais.

Ao longo do ano de 2022, foi possível constatar a intensa utilização da religião para fins exclusivamente eleitorais. Posições políticas conflitantes, expressas por instituições e pessoas que se identificam como católicas – apesar de muitas vezes ignorarem e até mesmo se oporem aos ensinamentos do papa Francisco –, contribuíram para aumentar a intolerância e estimular uma linguagem de ódio que nada tem a ver com as lições do Evangelho.

Passadas as eleições, lamentavelmente, o problema permanece. A não aceitação do resultado por uma parte dos eleitores tem provocado cenas de radicalização antidemocrática que perturbam a ordem pública e dilaceram amizades e relações familiares entre pais e filhos, irmãos e irmãs, parentes próximos e distantes, esgarçando ainda mais o tecido social.

Além disso, temos testemunhado manifestações de hostilidade e preconceito dirigidas, principalmente, a irmãs e irmãos do Nordeste.

Os desafios são enormes. Milhões de pessoas se deixam enganar por notícias falsas disseminadas deliberadamente nas redes sociais digitais. Grupos organizados, financiados por interesses escusos – em sua maioria anônimos – trabalham incessantemente para criar uma realidade paralela, o que torna extremamente difícil o diálogo com quem se deixa enredar nas teias de desinformação.

Diante dessa situação, é preciso continuar firmes na prática dos valores cristãos que nos unem e trabalhar pela democracia, pela justiça e pela paz. Sobre tudo, não nos esqueçamos do mandamento maior do amor ao próximo.

A paz, como reiteram os ensinamentos da doutrina social da Igreja, é fruto da justiça. Só chegaremos a ela quando a lei for igualmente aplicada a todos os que a desrespeitam. A hora exige paciência, serenidade e muita tolerância. Que a democracia e a justiça prevaleçam, que o amor vença o ódio e que a paz social, que tanto almejamos, finalmente se estabeleça entre nós.

DESINFORMAÇÃO POR GRUPOS CATÓLICOS

Ir. Helena Corazza, FSP

A desinformação circula nas diferentes plataformas de internet, bem como nos grupos de *WhatsApp* de amigos e da família. Recebemos notícias e opiniões que abordam temas como a política, a religião e a Igreja católica.

Não é raro vermos cristãos que professam a fé Católica, Apostólica, Romana arrogarem-se o direito de se colocar acima de Deus e dos irmãos constituídos em autoridade na Igreja. Tais cristãos parecem esquecidos do mandamento central deixado por Jesus: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmos.

Esses grupos rejeitam o caminho do diálogo e da correção fraterna, e atuam para espalhar confusão e divisão. Negam o Concílio Vaticano II e os ensinamentos da Igreja que visam ao diálogo com a sociedade contemporânea. Essas campanhas são muito bem programadas e articuladas contra a Igreja Católica, a ponto de se levantar a questão sobre o modo como tais grupos são financiados. Os temas polêmicos parecem ser escolhidos e postados de modo a angariar cliques e obter monetização. Afinal, polêmica dá audiência.

Diante desses conteúdos, podem-se tomar algumas atitudes. Primeiramente, desenvolver a consciência crítica. Falamos muito em ser críticos em relação à televisão e outros meios de comunicação seculares, mas precisamos também ser críticos em relação a postagens feitas por influenciadores digitais e por grupos organizados que se denominam católicos, mas não estão em comunhão com a Igreja, o papa e os bispos. Por que dar audiência a eles?

Em segundo lugar, não passar adiante conteúdos que empregam uma linguagem e um formato feitos apenas para atrair atenção e obter visibilidade. Diante desse tipo de mensagem é preciso se perguntar se o que está sendo dito corresponde mesmo à verdade; se é um testemunho autêntico, ou algo pensado apenas para manchar a imagem de alguém.

É preciso agir como pessoas propositivas que vivam e pratiquem uma comunicação voltada para uma cultura de paz e de diálogo. Devemos

ser pessoas que constroem pontes e não disseminam a divisão. Devemos produzir e divulgar boas notícias. A comunicação verdadeira gera comunhão.

RELIGIÃO E DESINFORMAÇÃO NA MÍDIA

Ir. Helena Corazza, FSP

É bom estarmos atentos ao que circula pelas mídias, sobretudo às postagens nas redes sociais que causam indignação a quem professa a fé católica, apostólica, romana e está em comunhão com o papa.

É difícil compreender como pessoas – que se dizem líderes católicos e se apresentam nas redes sociais com trajes de religioso ou de presbítero – possam fazer uma leitura tão deturpada dos fatos, causando confusão na mente das pessoas. Numa fala mansa, fazem comentários míopes, enganosos e pretensiosos contra o Sumo Pontífice, simplesmente por acolher grupos diversos, tal como se deu no seu encontro com os humoristas em 14 de julho de 2024.

O referido encontro foi preparado pelo Dicastério da Cultura, no Vaticano, e reuniu cerca de 200 humoristas de diversos países, inclusive do Brasil. Alguém pode não concordar com a escolha dos participantes, pois alguns, bastante conhecidos, são controversos. Sabemos, porém, que o humor é uma forma de resistência, num mundo marcado pela dominação e pelo egoísmo.

Dirigindo-se aos humoristas, o papa diz:

À sua maneira, vocês unem as pessoas, porque o riso é contagioso. É mais fácil rir juntos do que sozinhos: a alegria permite o compartilhamento e é o melhor antídoto contra o egoísmo e o individualismo. Rir também ajuda a quebrar as barreiras sociais, a criar conexões entre as pessoas (Francisco, 2024).

O papa os chama de artistas, capazes de pensar e se expressar com humor em diversas formas e estilos. Afirmar ainda: “De qualquer forma, a linguagem do humor é adequada para entender e ‘sentir’ a natureza humana”.

O papa ainda lembra que o humor desperta a consciência crítica tão necessária nos dias atuais e observa que os humoristas conseguem o milagre de fazer sorrir mesmo quando lidam com problemas, pequenos ou grandes. O pontífice ressalta ainda que o humor é uma forma de denúncia:

“você denunciaram os excessos de poder; dão voz a situações esquecidas; evidenciam abusos; apontam para comportamentos inadequados. Mas sem espalhar alarme ou terror, ansiedade ou medo, como fazem muitos profissionais da comunicação” (Francisco, 2024).

Quando vejo, nas redes sociais, esses comentários maldosos de líderes religiosos, que se apresentam como padres, frades ou católicos praticantes, percebo a urgência de cultivar o senso crítico, buscar a verdade dos fatos, manter a comunhão com a Igreja e reparar o mal causado por essas pessoas. Sejam pessoas de luz e não de trevas.

A SAÚDE DO PAPA FRANCISCO

Pe. Dário Bossi

Nos dias de internação hospitalar do papa Francisco, suas condições de saúde foram um dos temas mais debatidos mundialmente. A doença do papa tornou-se um caso marcante de comunicação religiosa, que inclusive “revela os pensamentos de muitos corações”, como dizia o ancião Simeão (Lc 2,35).

As pessoas mais simples e transparentes veem espelhada no papa a imagem do avô, ou do pai. Recordam tempos de fragilidade atravessados em família, rezam sinceramente para que ele fique bem e, nessa oração, incluem a intenção por muitos outros doentes e acamados. Mas a oração nem sempre é bem-intencionada. O próprio Francisco brincava alguns meses antes, pedindo, como sempre fazia, que rezássemos por ele. Mas acrescentava: “porém, rezem a favor!”

Como descreveu o jornalista Leonardo Sakamoto, naqueles dias apareceu nas redes sociais “um rosário de autointitulados cristãos” que torciam pela morte do papa com “requintes de crueldade”. De forma não muito disfarçada, alguns centros ultracatólicos muito acessados na internet profetizavam que o papa Francisco teria menos de 72 horas de vida e em seguida pediam orações.

Enquanto o papa estava precisando de ar puro e oxigênio para respirar, outros grupos com pensamento contaminado pelo poder já espalhavam *fake news*, como uma imagem da Guarda Suíça ensaiando o funeral. Frequentemente, essas notícias falsas – que são aquelas que recebem mais audiência porque são “bombásticas” – traziam em seguida uma listinha de nomes dos possíveis sucessores, a maioria deles na contramão do espírito de Francisco. Percebe-se que ninguém mente à toa.

No entanto, muito mais do que esses casos de ódio, chamou a atenção naqueles dias a atitude do próprio Francisco: num dia em que teve uma leve melhora, o papa telefonou para um pároco em Gaza – um gesto muito significativo e condizente com sua conduta.

Os motivos e a força para seguir vivendo estão fora de nós: quando temos paixão, amor e preocupação pela vida dos outros, também a nossa própria vida se regenera e se fortalece.

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Discurso do papa Francisco aos artistas do mundo humorístico**. Roma, 14 jun. 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2024/june/documents/20240614-artisti-umorismo.html>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SAKAMOTO, Leonardo. Torcida pela morte do papa Francisco nas redes sociais mostra a escalada do ódio. **Uol**, 23 fev. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2025/02/23/torcida-pela-morte-do-papa-francisco-nas-redes-mostra-escalada-do-odio.htm>. Acesso em: 19 jul. 2025.

III - O VENENO DO ÓDIO: DA POLARIZAÇÃO AO FANATISMO

CULTURA DO ÓDIO

Venício A. de Lima

O Observatório da Comunicação Religiosa tem acompanhado a generalizada e crescente radicalização que alimenta uma cultura do ódio na sociedade brasileira. Os que divergem passam a ser tratados como inimigos a serem eliminados, e não como eventuais adversários com os quais se deva dialogar.

A campanha eleitoral de 2022, com o uso deliberado de notícias falsas, exacerbou essa cultura do ódio, que está na raiz das cenas de barbárie antidemocrática em Brasília, presenciadas por todos em 8 de janeiro de 2023.

Essa guerra cultural se reflete nos diferentes meios de comunicação e sua presença contribui para consolidar e aprofundar a intolerância. Disseminada por meios tradicionais como o rádio e a televisão, mas, sobretudo, pelas redes digitais (influenciadores, canais no *YouTube* e grupos no *WhatsApp*), tal guerra contaminou e exacerbou divergências também dentro da própria Igreja.

Esse é um tema delicado, mas ignorá-lo não contribui para sua solução. O primeiro passo, portanto, é reconhecer sua existência e falar sobre ele. Recentemente, o *YouTube* banuiu de sua rede um grupo de católicos radicais. Com sede no Rio de Janeiro, esse grupo trabalha agressivamente contra os ensinamentos do Concílio Vaticano II, tachado como “modernista” e acusado de haver destruído os valores tradicionais da Igreja, descaracterizado a liturgia e – até mesmo – de ter aberto as portas da Igreja para o comunismo.

Além disso, o referido grupo investe sistematicamente contra bispos e outras autoridades da Igreja, inclusive o próprio papa. Respeitados analistas têm se referido a uma Igreja “rachada”, “dividida” ou vivendo uma

“ruptura interna no tecido católico brasileiro”. O problema, infelizmente, não existe apenas no Brasil.

Na sua mensagem para o Dia Mundial da Comunicação Social, sempre celebrado no mês de maio, o papa Francisco reconhece:

Num período da história marcado por polarizações e oposições – de que, infelizmente, nem a comunidade eclesial está imune – o empenho em prol de uma comunicação «de coração e braços abertos» não diz respeito exclusivamente aos agentes da informação, mas é responsabilidade de cada um (Francisco, 2023).

É exatamente isso que precisamos fazer. Não apenas os profissionais da comunicação, mas todos nós. Devemos trabalhar incessantemente por uma comunicação “de coração e braços abertos”. Com justiça, sem radicalismos, sem polarizações. Pelo diálogo e pela tolerância, sempre em busca de uma cultura fraterna de acolhimento.

DISCURSOS DE ÓDIO

Robson Sávio Reis Souza

Desde sua criação, o Observatório da Comunicação Religiosa – vinculado à Conferência dos Religiosos e Religiosas do Brasil e à Comissão Brasileira de Justiça e Paz – vem alertando os cristãos sobre o perigo do uso da religião como instrumento de propagação de discursos de ódio, violência e divisão. Nos últimos anos, instituições e líderes religiosos aliados ao poder político e econômico de grupos neoliberais e antidemocráticos têm destilado todo tipo de veneno nas mídias sociais, usando o nome de Deus.

Há algum tempo, as redes digitais foram mobilizadas com o discurso veiculado por um autodenominado pastor, afirmando que Deus deveria arrebentar a mandíbula do presidente da República e que os fiéis deveriam pedir a Deus para que os ministros do Supremo Tribunal Federal ficassem doentes. O dito pastor, em companhia de um deputado federal antidemocrático e de viés fascista, demonstrou o que há de mais abjeto no uso da religião como instrumento de produção de uma cultura anticristã e antidemocrática.

Com razão, o então ministro da Justiça, Flávio Dino, informou que a Polícia Federal investigaria a fala do pastor por incitação à violência. Afinal, liberdade de expressão e liberdade religiosa não podem ser evocadas para práticas criminosas, entre elas a utilização da religião como instrumento de poder, manipulação e produção de uma religiosidade violenta e preconceituosa.

Além das ações do poder público, em seus diversos níveis, e da sociedade civil, que deve reagir à manipulação religiosa, cada um de nós precisa assumir sua parcela de responsabilidade no uso das redes sociais. É preciso que cada cidadão colabore no enfrentamento da mentira e dos discursos de ódio. Aqui vão algumas dicas:

1. Nas redes sociais, evite participar de grupos autodenominados religiosos que utilizam a religião com interesses ideológicos, econômicos, moralistas, discriminatórios, preconceituosos ou para a produção de discursos de ódio.

2. Desconfie sempre de informações alarmistas, moralistas, preconceituosas, salvacionistas e antidemocráticas recebidas nas mídias sociais, mesmo que essa informação seja enviada por um amigo, parente ou líder religioso.
3. Não divulgue informações recebidas nas mídias sem antes verificar a fonte e a veracidade.
4. Aja com responsabilidade e ética cristã: não se permita ser usado por grupos que propagam violência, preconceitos, discriminações e discursos de ódio.

O Observatório da Comunicação Religiosa recorda uma das passagens do *Sermão das bem-aventuranças*: “Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9).

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Mensagem do papa Francisco para o LVII Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Roma, 21 maio 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20230124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 10 jul. 2025.

IV - CAMINHOS CRISTÃOS DE RESPOSTA: ÉTICA, PAZ E VERDADE

COMUNICAÇÃO PROFÉTICA PARA ENFRENTAR O FUNDAMENTALISMO

Robson Sávio Reis Souza

Repercutiu com grande intensidade, nas redes digitais e na mídia empresarial do Brasil e do mundo, a pregação da episcopisa Mariann Edgar Budde, realizada na Catedral Nacional de Washington, nos Estados Unidos, em 21 de janeiro de 2025, dia seguinte à posse de Donald Trump.

Após tomar posse, o velho-novo presidente estadunidense anunciou uma série de medidas que atentam contra os direitos civis, políticos e sociais, principalmente de minorias. Criminalização de imigrantes e retirada dos Estados Unidos tanto da Organização Mundial da Saúde como do Acordo de Paris foram alguns dos anúncios de Trump, marcados por arrogância e prepotência, aos olhos estupefatos de cidadãos de todo o planeta.

Foi como parte dos eventos que acompanham a posse presidencial que, na mencionada data, Donald Trump foi a um serviço religioso na catedral de Washington. Na ocasião, a episcopisa Mariann Edgar Budde disse:

Há crianças gays, lésbicas, transgênero em famílias democratas, republicanas, independentes que temem por suas vidas. As pessoas que colhem nossas safras e limpam nossos prédios de escritórios; que trabalham em granjas avícolas e frigoríficos; que lavam a louça depois que comemos em restaurantes e trabalham à noite em hospitais, elas podem não ser cidadãs ou não ter a documentação adequada. Mas a grande maioria dos imigrantes não é criminosos. Essas pessoas pagam impostos e são boas vizinhas. Nosso Deus nos ensina que devemos ser misericordiosos com o estrangeiro, pois todos nós já fomos estrangeiros nesta terra (Budde, 2025).

Alguns dias antes da posse de Trump, o papa Francisco, numa entrevista a uma emissora de TV italiana, já tinha advertido sobre a indignidade do plano do presidente estadunidense contra os imigrantes. O pontífice

disse: “Se for verdade, será uma vergonha, porque faz os pobres coitados, que não têm nada, pagarem a conta não paga. Não vai dar certo. Não é assim que se resolvem as coisas” (Francisco, 2025).

A lição de humanidade e de cristianismo contida na advertência de Francisco e, principalmente, na homilia da episcopisa Mariann Edgar Budde, diante de um presidente que se posta como o dono do mundo, soou como um grito profético e um contraponto à sanha autoritária do mandatário que, inclusive, gosta de utilizar o cristianismo para justificar muitas de suas ações desumanas e até cruéis.

A maior lição nesse episódio é constatar que a comunicação assertiva, baseada na ética cristã e observada na homilia de Mariann Budde, mobilizou forte engajamento mundo afora ao denunciar os absurdos da política desumana de Trump. Isso sinaliza aos comunicadores da fé que os meios de comunicação não deveriam ser utilizados para a lacração, a monetização ou qualquer prática fundamentalista como, infelizmente, observamos em ambientes religiosos cristãos nas mídias digitais.

O Observatório da Comunicação Religiosa defende que a ética cristã aplicada à comunicação não é um produto que visa a agradar ao gosto do consumidor ou dos poderosos. Ao contrário, a comunicação cristã se compromete com a verdade, a justiça, a paz e, principalmente com a defesa da dignidade de todos os seres criados por Deus. Nesse sentido, a comunicação cristã sempre tem uma dimensão profética: incomoda os poderosos, desnuda a mentira, alia-se à verdade.

ÉTICA E COMUNICAÇÃO: COMPROMISSO COM A VERDADE

Ir. Natanael de Melo Carvalho

A comunicação é essencial para a convivência humana. Suas palavras podem construir pontes ou gerar divisões, fortalecer relações ou espalhar desinformação. Na perspectiva cristã, comunicar-se com ética significa unir verdade e caridade, promovendo o bem comum.

Vivemos em um mundo interconectado, onde a palavra gera grandes impactos. O papa Francisco alerta que a comunicação deve ser instrumento de encontro, não de separação. O respeito e o discernimento são essenciais para evitar discursos agressivos e desumanizadores. A tradição cristã ensina que a verdade deve ser protegida e vivida. O oitavo mandamento nos lembra da importância de evitar mentiras e manipulações.

Antes de compartilhar uma informação, devemos nos perguntar: essa informação é verdadeira? Promove o bem? Respeita a dignidade do próximo?

As redes sociais e os meios digitais ampliaram o alcance da comunicação, mas também trouxeram novos desafios. A interação *online* pode levar à desumanização do outro, fazendo com que pessoas se expressem de forma agressiva ou intolerante.

É fundamental lembrar que, por trás de cada tela, existem pessoas reais, com sentimentos e direitos. O discurso respeitoso, a escuta ativa e o diálogo construtivo são essenciais para um ambiente digital mais saudável. Como orienta São Tiago, quem sabe controlar suas palavras demonstra sabedoria (Tg 3,2). No ambiente digital, devemos agir com prudência e respeito, refletindo os valores cristãos.

A comunicação ética não é apenas um princípio moral, mas uma necessidade para a convivência social. Falar com responsabilidade, evitar a disseminação de desinformação e promover o diálogo são atitudes que fortalecem a democracia e a construção de uma sociedade mais humana e equilibrada.

Dessa forma, o Observatório da Comunicação Religiosa afirma que comunicar-se eticamente é um dever cristão e social. Como Jesus ensinou,

ser *sal da terra e luz do mundo* (Mt 5,13-14) também significa comunicar-se com responsabilidade e sabedoria.

LIBERDADE, RESPONSABILIDADE E TRANSPARÊNCIA NA INTERNET

Ir. Helena Corazza, FSP

Vamos refletir sobre o Projeto de Lei 2630, também chamado de *Lei das fake news*, que trata da liberdade, responsabilidade e transparência na internet. Diversos grupos e associações católicas já expressaram parecer favorável a esse projeto de lei, entre elas, a Signis Brasil – Associação Católica de Comunicação e o Observatório da Comunicação Religiosa.

Mesmo assim ainda restam questionamentos em relação ao que se pode esperar dessa lei, caso venha a ser sancionada. Essa dúvida tem surgido, em particular, pela disseminação da opinião de que o referido projeto atentaria contra a liberdade religiosa. Posicionando-se contra tal argumento, o Observatório da Comunicação Religiosa já se expressou em uma carta de apoio ao PL 2630/20, na qual declara:

Há grupos afirmando, de maneira inverídica, que com a aprovação desta lei, se quer cercear a liberdade religiosa das igrejas. Essa estratégia dos grupos extremistas visa apenas confundir o debate e propagar o medo, uma vez que a liberdade religiosa é garantida pela Constituição Federal (artigo 5º, inciso VIII), e isso não será alterado. Afirmamos que a fé não deve ser usada como ferramenta de manipulação (Entidades, 2023).

Voltando à questão, o que devemos esperar se a Lei 2630/20 for sancionada? Acreditamos que essa lei vai ao encontro dos valores nos quais acreditamos e os quais ensinamos: a verdade, os princípios éticos, o compromisso com uma sociedade fraterna, justa e solidária. Acima de tudo, o projeto é consoante à nossa missão de povoar o continente digital com a mensagem do Evangelho, da solidariedade, do respeito, da inclusão.

Outra questão: no caso de aprovação, qual será o impacto nos meios de comunicação e como isso influenciaria na vida digital e pessoal dos usuários? Constatamos que as pessoas estão saturadas de informações e, muitas vezes, já não conseguem distinguir o que é verdadeiro do que é falso. Pode-se prever que haverá menos intoxicação de notícias falsas, uma forma de educar os internautas e usuários, com práticas de informação e comunicação mais transparente e construtiva à qual os cidadãos têm direito.

Além do mais, havemos de nos manter alerta e críticos, dando razões à nossa fé e não simplesmente indo com a maré. O Evangelho e a prática de Jesus caminham na contramão de projetos que têm o mercado no centro e não o ser humano e sua dignidade.

A Igreja orienta para uma comunicação que tenha em conta a educação cristã, que os pais eduquem seus filhos e os acompanhem em relação às ofertas das mídias, sobretudo, às crianças e aos jovens. A Igreja trabalha a educação para a comunicação e a formação do senso crítico. O Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil tem um capítulo dedicado à educação para a comunicação.

Contudo, é preciso avançar e capilarizar a discussão da mídia em todas as pastorais, como na catequese e nas formações em geral. De fato, temos de partir da cultura assimilada pelas crianças, jovens e adultos cotidianamente. É preciso partir do mundo em que efetivamente as pessoas vivem, assim como daquilo que alimenta seu imaginário. Daí a constatação inevitável de que, de modo geral, os produtos das mídias trazem violência, discriminação, e não o amor ao próximo, como a Igreja ensina.

Na mensagem para o 57º Dia Mundial das Comunicações Sociais, o papa Francisco adverte:

Num período da história marcado por polarizações e oposições – de que, infelizmente, nem a comunidade eclesial está imune – o empenho em prol duma comunicação ‘de coração e braços abertos’ não diz respeito exclusivamente aos agentes da informação, mas é responsabilidade de cada um (Francisco, 2023).

Francisco pede para “desarmar os ânimos promovendo uma linguagem de paz. Hoje é tão necessário falar com o coração para promover uma cultura de paz, onde há guerra; para abrir caminhos que permitam o diálogo e a reconciliação, onde prevalecem o ódio e a inimizade” (Francisco, 2023).

Poucos dias após essa mensagem do papa, o Dicastério de Comunicação do Vaticano publicou um documento com um sugestivo subtítulo: “uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais”. Nesse documento, algumas perguntas provocam a reflexão: “Que tipo de humanidade se reflete na nossa presença nos ambientes digitais? Quem é meu ‘próximo’

nas redes sociais?” (Dicastério para a Comunicação, 2023). O documento também chama a atenção sobre as ciladas do mundo digital.

Tanto o ensino do papa como as reflexões do Dicastério da Comunicação reforçam a necessidade de apoiar o Projeto de Lei 2630 por liberdade, responsabilidade e transparência na internet.

O PROJETO DE LEI DAS *FAKE NEWS*

Pe. Dário Bossi

“É dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho”, como ensina o Concílio Vaticano II (GS 4). Assim, o Observatório da Comunicação Religiosa adotou uma posição clara sobre o “PL das *Fake News*”, em discussão no Congresso. Trata-se da Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet.

O papa Francisco disse, ainda em 2018, que “a desinformação é o descrédito do outro, a sua representação como inimigo, chegando-se a uma demonização que pode fomentar conflitos”. As notícias falsas são fruto da intolerância e geram arrogância e ódio.

A falta de controle das redes sociais pode gerar medo e insegurança na população, como se viu recentemente em uma onda de violência nas escolas brasileiras. Muitos dos crimes cometidos nesse âmbito aconteceram nas plataformas, onde criminosos publicaram ameaças e apologia ao nazismo.

Portanto, a regulação pública das plataformas é fundamental para combater a criminalidade, os discursos de ódio e a desinformação. Muitos países já adotaram leis desse tipo. Uma lei representa um passo importante para promover mais transparência na comunicação e responsabilizar as empresas que persistem na divulgação de conteúdos nocivos.

Há grupos que, de forma mentirosa, afirmam que essa lei vai limitar a liberdade das igrejas. A liberdade religiosa é garantida pela Constituição, no artigo 5º, e não será ameaçada. Um grupo de religiosos e religiosas de diversas confissões fez um ato na Câmara dos Deputados apoiando o referido projeto de lei e denunciando a falsa alegação de que o projeto implicaria restrição à liberdade de crença e culto. As grandes empresas das redes sociais não podem dominar o espaço digital sem se submeter aos princípios constitucionais.

Uma lei sozinha não vai resolver um problema tão complexo. Ela é apenas o início de um debate que precisa acompanhar a rápida evolução da comunicação *online*. A Pastoral da Comunicação do Brasil, a Conferência

dos Religiosos do Brasil e várias outras associações e grupos de reflexão da Igreja Católica apoiam o PL das *Fake News*, pois ele é necessário à proteção da família, da informação e da sociedade.

OMISSÃO E SILENCIAMENTO NA COMUNICAÇÃO

Venício A. de Lima

Uma das maiores dificuldades que o Observatório da Comunicação Religiosa enfrenta – assim como qualquer um de nós que acompanha as notícias pelos meios de comunicação – é perceber e ser capaz de identificar os temas, as instituições ou as pessoas que não aparecem nos noticiários.

Ao contrário da proclamada imparcialidade jornalística, estudos sobre a construção das notícias nos jornais, no rádio e na televisão chamam a atenção para as omissões, ênfases e distorções rotineiramente praticadas. Faz tempo que se sabe que “a maioria dos enquadramentos [das notícias] é definida por aquilo que omitem, da mesma forma que por aquilo que incluem, e as omissões [...] podem ser tão decisivas para conduzir a opinião das audiências, quanto as inclusões” (Entman, 1993).

Omissões praticadas rotineiramente no enquadramento das notícias, na maioria das vezes, obedecem a políticas editoriais específicas e são, na verdade, formas de silenciamento e de censura disfarçada a temas, instituições ou pessoas.

Há um sem-número de casos documentados que comprovam esse fato. Um projeto chamado “*Vozes silenciadas*” acompanhou, por mais de uma década, a cobertura jornalística – ou a ausência dela – de movimentos sociais, manifestações populares e direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. O resultado identificou as omissões, como ação intencional de colocar em silêncio ou impedir que certas vozes sejam ouvidas no espaço público.

Ao lado dessas ações de silenciamento na mídia, existem também instituições – religiosas ou seculares – que adotam como estratégia de comunicação o não se manifestar sobre fatos relevantes de interesse público. Ao pretender “ficar bem com todos” e acreditando desestimular eventuais conflitos ou controvérsias, escolhem o silêncio. Agem como se os fatos não existissem e renunciam ao seu dever e à sua responsabilidade proféticos, silenciando diante de questões como paz mundial, cuidado com a ‘casa comum’ ou direitos humanos fundamentais.

Precisamos, portanto, ficar sempre atentos, não só para perceber e identificar as omissões rotineiras do noticiário jornalístico, mas também para denunciar as omissões deliberadas, como resultado de estratégias de comunicação de instituições que escolhem o silêncio, e não a defesa pública do bem comum.

Comunicadores cristãos têm um compromisso permanente com a verdade. Não nos esqueçamos da advertência de Tiago: “Aquele que sabe que deve fazer o bem, e não o faz, comete pecado” (Tg 4,17).

Que assim seja!

QUANDO AS PALAVRAS FALAM E GRITAM, ISSO NÃO É MAIS SOBRE PALAVRAS

Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães

Tenho pensado que o nosso Observatório da Comunicação Religiosa, uma inspiração da Conferência dos Religiosos e Religiosas do Brasil e da Comissão Brasileira de Justiça e Paz, tem cumprido bem sua missão de analisar, formar, veicular e subsidiar instituições que levam a sério os processos comunicacionais, além de suas ferramentas tecnológicas, sobretudo no campo da evangelização.

Tudo é realizado por meio de palavras. Palavras falam, gritam, doem, alegram, rezam, mobilizam, quando são pronunciadas, escritas ou caladas e particularmente quando elas se transformam em poemas, assim como magistralmente Manoel de Barros – um dos mais interessantes poetas brasileiros – fez no poema *Ruína*:

Um monge descabelado me disse no caminho: “Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha ideia era de fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco, ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro”. (O olho do monge estava perto de ser um canto). Continuou: “digamos a palavra amor. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo”. E o monge se calou descabelado.

Nasça o amor das ruínas das Palestinas destruídas por animais ferozes; dos vitimados do ódio disseminado pelos mentirosos; dos maltratados pelos prepotentes; dos enganados e abusados por religiosos; da terra devastada pelos agros e mineradores; dos empobrecidos e miseráveis pelos acumuladores.

Faça-se o amor!

Façamos nascer o amor!

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

BARROS, Manoel de. Ruína. In: **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010, p. 385-386.

BUDDE, Mariann Edgar. Assista ao discurso crítico que a bispa de Washington fez a Trump. **Poder360**. 23 jan. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uMN-xTYEuaKQ>. Acesso em: 18 jul. 2025.

COLETIVO Interozes. *Vozes silenciadas: a cobertura da mídia sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra durante a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito*. São Paulo: Interozes, 2011.

ENTIDADES da Igreja Católica divulgam carta em defesa do PL 2630, de combate às *fake news*. **Contee**. 9 maio 2023. Disponível em: <https://contee.org.br/entidades-da-igreja-catolica-divulgam-carta-em-defesa-do-pl-2630-de-combate-as-fake-news/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

ENTMAN, R. M. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, 1993, p. 51-58, 1993. *Apud*: FERREIRA, Edjackson Marques; LUCENA, Nadja Livia. Mídia e gestão pública: dominação política das oligarquias brasileiras. **Anagrama**. São Paulo, v.3, n. 1, set.-nov. 2009. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anagrama/article/download/35470/38189/41764>. Acesso em: 19 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Concílio Ecumênico Vaticano II. **Constituição apostólica *Gaudium et spes* sobre a Igreja no mundo atual**. Roma, 7 dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 15 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). [Entrevista cedida a] Fabio Fazio. **Novel!**, 20 jan. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bTX0MQXsuyk>. Acesso em: 18 jul. 2025. [Em italiano.]

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Mensagem do papa Francisco para o LII Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Roma, 13 maio 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html#:~:text=O%20drama%20da%20desinforma%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9,a%20arrog%C3%A2ncia%20e%20o%20%C3%B3dio. Acesso em: 15 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Mensagem do papa Francisco para o LVII Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Roma, 21 maio 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20230124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 10 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Dicastério para a Comunicação. **Rumo à presença plena: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais**. Roma, 28 maio 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html. Acesso em: 7 jul. 2025.

VIEIRA, Alessandro. **Projeto de Lei 2630/2020**. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Brasília: Senado Federal, 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2256735>. Acesso em: 29 jul. 2025.

PARTE III:

COMUNICAÇÃO E CAMINHOS DE PAZ: HORIZONTES

I. JESUS, MODELO E FONTE DA COMUNICAÇÃO CRISTÃ

JESUS COMUNICADOR

Ir. Natanael de Melo Carvalho

Jesus Cristo é o Verbo Encarnado que veio ao mundo para anunciar a Boa Nova da salvação. Ele utilizava sua comunicação não apenas como um meio de transmitir ensinamentos, mas como um instrumento para tocar corações, transformar vidas e revelar o Reino de Deus.

Uma de suas principais qualidades como comunicador foi a utilização das parábolas. Essas narrativas simples, tiradas do cotidiano, carregavam lições profundas sobre a vontade de Deus. As parábolas do semeador, do bom samaritano e tantas outras nos mostram como Jesus falava de maneira acessível, alcançando tanto os humildes quanto os sábios: ele adaptava sua mensagem à realidade dos ouvintes, promovendo identificação e compreensão.

Jesus também ensina a importância de ouvir o próximo com o coração. Em seu encontro com a mulher samaritana, ele acolheu sua história e ofereceu palavras de vida eterna. Essa capacidade de escutar e responder com compaixão demonstra que a verdadeira comunicação deve ser movida pelo amor e pela misericórdia.

Outro aspecto essencial era sua coerência. Suas palavras e ações estavam em perfeita harmonia, pois ele não apenas anunciava o Evangelho, mas o vivia em plenitude. Esse testemunho de vida dava força à sua mensagem e atraía multidões.

A comunicação de Jesus tinha como objetivo a redenção das pessoas e a construção de um mundo fundamentado no amor a Deus e ao próximo. Seu exemplo nos ensina que, para comunicar a fé, é preciso unir verdade, compaixão e coerência.

Hoje, em tempos de ruídos e distrações, o Observatório de Comunicação Religiosa reafirma que o exemplo de Jesus permanece atual e convida

a sermos anunciadores da Palavra, comunicando boas notícias e comprometendo-nos com a construção de uma nova sociedade.

JESUS, O COMUNICADOR, VEM A NÓS NO NATAL

Ir. Maria Inês Vieira Ribeiro, MAD

A imagem viva que vamos acessando na manjedoura revela o rosto de um Deus ‘esvaziado’, de um Deus que assumiu a condição de servo, numa criança indefesa que olha para nós. Mas se não nos aproximarmos e nos abaixarmos, não poderemos ser iluminados pela luz de seus pequenos olhos. A nossa comunicação pode ser bonita, com efeitos da inteligência artificial, cheia de poesia, até profunda, mas não será palavra de fé. Será uma comunicação vazia.

Jesus, o Filho de Deus, que “não se apegou à sua condição divina”, como diz São Paulo, mas “esvaziou-se a si mesmo e tornou-se semelhante aos homens” (Fl 2,6-7), nos sugere não apenas reconhecer o outro como nosso semelhante, mas, como numa *selfie*, em nos identificarmos com ele. Isso é comunicação.

A comunicação supõe uma inversão de perspectiva. Nós é que devemos nos fazer semelhantes ao outro. Supõe que usemos a mesma linguagem, pensemos como o outro pensa, sintamos como ele sente, e assim, construamos a cultura do encontro.

Tudo está interligado. Com a sua *kénosis*, (isto é, o esvaziamento de si mesmo e a aceitação da vontade divina) no Advento, Jesus ensina que não se sustenta mais uma ‘comunicação-para’. A comunidade só existe e subsiste pela ‘comunicação-com’. Por isso, Jesus, o comunicador, que vem a nós no Natal, ensina-nos a sermos uma Igreja em saída. Isto é, pessoas que conseguem sair de si mesmas, de sua autorreferencialidade, de seu isolamento, de seu narcisismo, para ir ao encontro das demais.

Assim, antes de dizer-nos ‘ide’, Jesus vem a nós. Na pobreza da manjedoura, na fragilidade daquele bebê, o silêncio é mais eloquente do que as palavras. Por isso, quando falamos de comunicação entre as pessoas, referimo-nos não apenas às palavras, mas também aos gestos, às atitudes, aos silêncios e às ausências. Uma pessoa fala com tudo o que é e faz. Todos nós estamos em comunicação sempre. Vivemos nos comunicando, mesmo sem ser especialistas ou acadêmicos em comunicação.

No Natal, a comunicação perpassa todos os ambientes: o palácio de Herodes, os campos dos pastores, o caminho do Oriente e a periferia de Belém. Muitas linguagens, muitas pessoas e muitos momentos. Assim foi a comunicação dos pastores, dos magos, dos pobres, capazes de se deixar iluminar pelos olhinhos daquele bebê. Como diz o papa Francisco, “a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG 1).

É preciso proximidade para sermos alcançados pela luz dos olhos de Jesus Comunicador na manjedoura de Belém!

JESUS USARIA AS REDES DIGITAIS?

Robson Sávio Reis Souza

Outro dia, um amigo me fez uma pergunta instigante: se aqui voltasse, Jesus usaria as redes digitais? Fiquei pensando nessa provocação. Afinal, é importante que os que se dizem discípulos de Jesus no presente, a cada decisão, se perguntem: o que ele faria se estivesse nessa mesma situação?

Uma maneira de vivenciar a ética cristã está justamente na tentativa de aproximar nossas ações, no presente, do modo de agir de Jesus. Como canta o padre Zezinho:

Amar como Jesus amou,
Sonhar como Jesus sonhou,
Pensar como Jesus pensou,
Viver como Jesus viveu;
Sentir o que Jesus sentia,
Sorrir como Jesus sorria
E ao chegar ao fim do dia
Eu sei que dormiria muito mais feliz.

Aproveito essa oportunidade para refletir com você, amiga e amigo que acompanha os programas do Observatório da Comunicação Religiosa, sobre a ética da comunicação cristã. Neste breve espaço não será possível abordar todos os aspectos de um tema tão amplo. Ainda assim, pensemos em duas importantes dimensões da comunicação: a forma e o conteúdo das mensagens cristãs.

Tanto o conteúdo quanto a forma de uma comunicação pautada pela ética cristã devem considerar que o cerne da mensagem, a Boa Nova, é o próprio Jesus Cristo, sua vida, obra e ensinamentos. Assim, toda mensagem cristã deve reproduzir a pedagogia usada por Jesus para falar de Deus, o Pai que cuida e zela por todos, indistintamente, e do Reino – ou seja, da ‘casa comum’ – onde podemos experimentar, aqui e agora, a presença do Deus-Amor.

Jesus poderia utilizar as redes digitais se voltasse em nosso tempo. Mas certamente utilizaria os meios de comunicação em geral, e as redes

digitais, especificamente, com o mesmo zelo e cuidado que caracterizaram sua pedagogia de falar do Pai e do Reino, como está escrito nos Evangelhos.

Então, mirando naquilo que fez Jesus quando esteve neste mundo, podemos imaginar que se aqui estivesse, usaria as redes digitais. Mas ele não seria exibicionista. Não faria chantagem emocional, nem charlatanismo religioso. Não pregaria ódio, vingança, moralismo, nem daria receitas mágicas. Rejeitaria o fundamentalismo. Não atacaria a dignidade humana dos filhos e filhas de Deus. Não se postaria como rei, a defender um território ou “um povo escolhido”, nem valorizaria o templo e o dinheiro em detrimento das pessoas.

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

AMAR como Jesus amou. Intérprete: Padre Zezinho. *In*: HISTÓRIAS que eu conto e canto. Compositor: Padre Zezinho. Paulinas, Comep, 1974. Faixa 5. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QMhQDUFzKIM>. Acesso em: 17 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Roma, 24 nov. 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 2 jul. 2025.

II. COMUNICAÇÃO E MISSÃO NA IGREJA DE HOJE

COMUNICAÇÃO NA IGREJA: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Janaína Gonçalves

Uma comunicação cheia de desafios e oportunidades: é assim que precisamos enxergar o cenário da comunicação na Igreja Católica atualmente. São oportunidades quando percebemos que a distância não se torna um obstáculo para nos encontrarmos, quando utilizamos, com ética e responsabilidade, as inúmeras tecnologias, cada dia mais avançadas, instaurando novos padrões para comunicar o Evangelho.

Por outro lado, quando paramos para refletir sobre os desafios, entre tantos que existem, um deles é alcançar uma comunicação abrangente, para todos os públicos, todos os fiéis. Outro desafio é não se deixar padronizar, mas favorecer uma comunicação autêntica inspirada no Evangelho de Jesus Cristo, enraizada na realidade atual, sem querer trazer à tona uma Igreja do século passado, tendo em vista que vivemos o tempo presente.

Devemos nos desafiar, junto com a Igreja, para favorecer uma comunicação que não se deixe levar por *fake news*, pela desinformação, que não se abra à missão no ambiente digital apenas em busca de *likes*, mas à procura do compartilhamento de vidas, na tentativa de curar as feridas da sociedade, compreender as culturas e as realidades sociais.

Temos a oportunidade de reconhecer as diversas particularidades em cada canto onde há presença da Igreja Católica, respeitando as culturas, promovendo uma comunicação inclusiva. Ao mesmo tempo, o desafio bate à nossa porta quando precisamos lidar com as polarizações e os conflitos causados por formas individualistas de comunicação, tanto dentro quanto fora de nossas comunidades eclesiais. Diante disso, a Igreja necessita fortalecer, dia após dia, uma comunicação baseada no diálogo, no respeito, na solidariedade, promovendo a cultura do encontro.

Nós nos deparamos com a oportunidade de sermos ponte na comunicação digital, carro-chefe para dar visibilidade às ações evangelizadoras da Igreja, em sintonia com o próprio desafio, que insiste em nos mostrar que estar nas redes sociais é interagir com alguém, é praticar uma comunicação que não seja violenta, não excludente, inclusiva, com todos e para todos.

Tanto se fala em sinodalidade nos dias atuais que até a comunicação é convocada a esse olhar sinodal, e não poderia ser diferente, principalmente quando acreditamos que todos os desafios a serem vencidos podem ser vivenciados na colegialidade, caminhando juntos. A nossa oportunidade, nesse contexto, é praticar a comunicação como pede o papa Francisco: que não seja apenas para entreter ou persuadir, mas que possamos reconhecer a oportunidade de nos comunicarmos com amor e com empatia. Que vá além das palavras, que alcance as pessoas em sua realidade concreta, reduzindo os espaços de sofrimento. Uma comunicação que seja acolhedora.

Por fim, os desafios e oportunidades no ambiente da comunicação na Igreja se tornam quase um caminho único, pois para vencer os desafios, precisamos das oportunidades que nós mesmos podemos criar, sem perder a capacidade das relações humanas que envolvem o diálogo, o ouvir, o escutar, pois, como diz São Paulo, “a fé vem da escuta” (Rm 10,17). Precisamos deixar de lado a comunicação do ódio, a comunicação que ataca, que agride – não em nome do Evangelho de Jesus Cristo, mas apenas em nome de uma doutrina. Que saibamos fazer dos desafios a nossa oportunidade para nos comunicarmos, gerando sentimento de pertença e de participação ativa dos fiéis na vida da Igreja.

COMUNICAÇÃO PARA UMA IGREJA SINODAL

Pe. Dário Bossi

Muito se tem falado na Igreja sobre o Sínodo e a proposta de uma Igreja sinodal. Trata-se de um processo convocado pelo papa Francisco para renovar a vida e a missão da Igreja Católica a partir de uma escuta ampla, profunda e participativa. Houve uma fase local (diocesana), uma continental e o Sínodo se conclui com a etapa mundial.

Se você faz parte de uma comunidade cristã, provavelmente participou de alguma roda de conversa sobre isso e talvez até já conheceu os resultados das consultas feitas no Brasil e no continente latino-americano.

Acreditamos que, tão importante quanto os resultados do Sínodo, será o próprio processo, se realmente nossas igrejas fizerem a experiência de uma comunicação interna aberta, respeitosa da identidade de cada membro e de seu protagonismo, acolhedora também das vozes críticas e das categorias mais excluídas, que pedem espaço e escuta.

O instrumento de trabalho do Sínodo recorda que isso é um ensinamento do próprio Concílio Vaticano II: a principal missão da autoridade na Igreja é proteger a diversidade e valorizar as diferenças, para que compo-nham uma unidade mais rica e aberta.

É necessário sermos mestres na comunicação. O exercício de comunicar é o antídoto ao autoritarismo na Igreja; é um direito e um dever de cada cristão, do bispo até a coordenadora de uma comunidade de base.

Como é triste ouvir, hoje mais do que nunca, grupos cristãos fundamentalistas e arrogantes, que se acham os únicos donos da verdade e renegam a história da Igreja do Brasil e do Continente, taxando-a de ideologia. Não aprenderam com o Concílio Vaticano II, não estão caminhando em Sínodo e demonstram que são bons de comunicação, mas só para seus próprios pares, para confirmar aquilo que já pensam.

O instrumento de trabalho também destaca a necessidade de renovar a linguagem usada pela Igreja. Muitas das comunidades consultadas disseram que a Igreja precisa reaprender a se comunicar, para interagir com

os homens e as mulheres de hoje. Renovar a linguagem litúrgica, a pregação, as catequese e todas as formas de comunicação.

Não podemos perder o patrimônio de nossa tradição, a sabedoria e as raízes profundas do ensinamento da Igreja. Porém, aos olhos de muitos, a Igreja é um sistema que fala apenas para si mesmo, incapaz de conectar seus ritos, preceitos e discursos com a vida real das pessoas. Nessa perspectiva, a Igreja aparece amedrontada pelo desafio de dialogar com as culturas e deixar-se transformar por esse encontro. Ao contrário disso, a comunicação é decisiva em nosso jeito de ser Igreja, de nos relacionar entre nós, membros das comunidades cristãs, e de alcançar as pessoas que queremos apaixonar pelo Evangelho.

A MISSÃO DO COMUNICADOR E DA COMUNICAÇÃO CRISTÃOS

Venício A. de Lima

O Observatório da Comunicação Religiosa retoma a reflexão sobre o compromisso fundamental do comunicador e da comunicação cristãos, recorrendo ao discurso que o papa Francisco fez a aproximadamente 300 participantes da Assembleia Plenária do Dicastério para a Comunicação em 2024. Trata-se de um discurso breve, mas rico em diretrizes e orientações. Diz o papa:

[Vós comunicadores] sois chamados a uma grande e entusiasmante tarefa: construir pontes, quando tantos erguem muros [...]; favorecer a comunhão, quando tantos fomentam a divisão; deixar-se envolver pelos dramas do nosso tempo, quando tantos preferem a indiferença (Francisco, 2024).

Em seguida, o papa abre seu coração e revela aos participantes qual é o seu sonho em relação à comunicação:

Sonho com uma comunicação capaz de conectar pessoas e culturas. Sonho com uma comunicação capaz de contar e valorizar histórias e testemunhos que acontecem em todos os cantos do mundo, de os pôr em circulação, oferecendo-os a todos. [...]

Sonho com uma comunicação feita de coração a coração, deixando-nos envolver pelo que é humano, deixando-nos ferir pelos dramas que tantos dos nossos irmãos e irmãs vivem. É por isso que vos convido a sair mais, a ousar mais, a arriscar mais, não para difundir as vossas ideias, mas para contar a realidade com honestidade e paixão. Sonho com uma comunicação que saiba ir além dos *slogans* e que mantenha os holofotes sobre os pobres, os últimos, os migrantes, as vítimas da guerra. Uma comunicação que favoreça a inclusão, o diálogo, a busca da paz (Francisco, 2024).

Por fim, o papa conclama os comunicadores cristãos a fazerem uso de todos os recursos que as novas tecnologias oferecem, sem, no entanto, permitir que o virtual substitua as relações humanas verdadeiras:

Não tenhais medo de participar, de mudar, de aprender novas linguagens, de percorrer novos caminhos, de habitar o ambiente digital. Fazei-o sempre sem vos deixardes absorver pelos instrumentos que utilizais, [...] sem banalizar, nem “substituir” com o encontro *online* as relações humanas reais, concretas, de pessoa a pessoa. O Evangelho é uma história de encontros, gestos, olhares, diálogos na rua e à mesa. Sonho com uma comunicação que saiba testemunhar, hoje, a beleza dos encontros com a samaritana, com Nicodemos, com a adúltera, com o cego Bartimeu... (Francisco, 2024)

Que o sonho do papa Francisco oriente a prática de comunicadoras e comunicadores cristãos na esperança ativa de melhores dias.

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Discurso do papa Francisco aos participantes na Assembleia Plenária do Dicastério para a Comunicação**. Roma, 31 out. 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2024/october/documents/20241031-dicastero-comunicazione.html>. Acesso em: 18 jul. 2025.

III. A INSPIRAÇÃO DO PAPA FRANCISCO PARA OS COMUNICADORES

FALAR COM O CORAÇÃO

Venício A. de Lima

Uma das referências que o Observatório da Comunicação Religiosa utiliza para cumprir sua missão têm sido, naturalmente, as mensagens anuais do papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Quero retomar esse tema para destacar os exemplos apresentados na mensagem de 2023.

O papa nos convida a falar com o coração, isto é, a comunicar cordialmente. “Cordial” vem do latim *cor, cordis* (coração) e “cordialmente”, de *cordialis*, o que é relativo ao coração. Comunicar cordialmente, diz o papa, “quer dizer que a pessoa que nos lê ou escuta é levada a deduzir a nossa participação nas alegrias e receios, nas esperanças e sofrimentos das mulheres e homens do nosso tempo” (Francisco, 2023).

Ao longo da mensagem, são mencionados três exemplos desse “estilo” de comunicação. O primeiro é o do misterioso viajante que dialoga com os dois discípulos na estrada de Emaús, descrito no capítulo 24 de Lucas. Ele se aproxima e pergunta: “Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando?” Os dois estavam amargurados e frustrados pelos acontecimentos recentes da prisão e crucificação de Jesus. O misterioso caminhante, então, “falando com o coração”, explica a eles as passagens das Escrituras que antecipavam seu martírio. Quando já na aldeia, depois da partilha do pão, se dão conta de quem era o misterioso viajante, os discípulos dizem um ao outro: “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?”

No segundo exemplo de comunicação cordial, o papa recorre a um clássico romance italiano, publicado em 1827, que ele tem citado frequentemente em seu pontificado, inclusive após a recitação do *Regina Coeli*, no domingo de Pentecostes de 2023. Trata-se de *Os noivos*, de Alessandro Manzoni, autor ao qual o papa se refere como sendo o “cantor das vítimas e dos últimos”. A personagem Lúcia – sequestrada, amedrontada e fragili-

zada – fala com o coração ao seu alçoz de tal forma que ele “desarmado e atormentado por uma benéfica crise interior, cede à força gentil do amor”.

E por último, o terceiro exemplo invocado pelo papa vem da vida de São Francisco de Sales, proclamado padroeiro dos jornalistas e dos escritores por Pio XI. Tendo sido bispo de Genebra nos difíceis anos marcados pela disputa renhida com os calvinistas no século XVII, “sua mansidão, humanidade e predisposição a dialogar pacientemente com todos, e de modo especial com quem se lhe opunha, fizeram dele uma extraordinária testemunha do amor misericordioso de Deus”. A célebre expressão de São Francisco de Sales – “o coração fala ao coração” – inspirou São John Newman a escolher como lema “Basta amar bem para dizer bem”.

Esses três exemplos devem estar sempre conosco, comunicadores profissionais ou não, para que possamos falar com o coração e, portanto, comunicar cordialmente.

Termino com uma citação literal do papa Francisco. Afirma ele:

Num período da história marcado por polarizações e oposições – à qual, infelizmente, nem a comunidade eclesial está imune – o empenho em prol duma comunicação «de coração e braços abertos» não diz respeito exclusivamente aos agentes da informação, mas é responsabilidade de cada um. Todos somos chamados a procurar a verdade e a dizê-la, fazendo-o com amor. De modo particular nós, cristãos [...] (Francisco, 2023).

Que esse chamado à comunicação cordial inspire nossas ações. Que assim seja.

LIÇÕES DO PAPA FRANCISCO PARA COMUNICADORES CRISTÃOS

Venício A. de Lima

Em muitas de suas intervenções públicas, Francisco ofereceu os princípios que orientam nosso Observatório da Comunicação Religiosa em seu serviço de análise e avaliação da comunicação na rede católica de meios de comunicação em nosso país.

Neste texto, fazemos referência a dois eventos realizados no Vaticano, em janeiro de 2024. No primeiro deles, o papa recebeu uma delegação da Sociedade de Jornalistas Católicos da Alemanha e, no segundo, Francisco falou aos participantes do simpósio *Universidade de Comunicadores da Igreja*, promovido pela Conferência Episcopal Francesa.

O papa começa seu discurso à delegação alemã, citando o apóstolo Paulo ao dizer que a comunicação nos ajuda a ser “membros uns dos outros” (Ef 4,25). Para Francisco, isso significa que somos “chamados a viver em comunhão, numa rede de relações em contínua expansão”. Partindo dessa ideia inicial, o papa observa:

Quantos conflitos hoje, em vez de serem extintos pelo diálogo, são alimentados por notícias falsas ou declarações inflamadas que passam pela mídia? Por isso, é ainda mais importante que vocês [jornalistas], fortalecidos por suas raízes cristãs e pela fé vivida cotidianamente, ‘desmilitarizados’ de coração pelo Evangelho, apoiem o *desarmamento da linguagem*. Isto é fundamental: promover tons de paz e compreensão, construir pontes, estar disponíveis à escuta, exercer uma comunicação respeitosa para com os outros e as suas razões (Francisco, 2024a, tradução do autor).

O papa conclui então o seu discurso afirmando que, dos comunicadores cristãos, se espera que

[...] saiam ao encontro das pessoas marginalizadas. E por isso também são necessários comunicadores que destaquem as histórias e os rostos daqueles a quem poucos ou ninguém presta atenção. Quando comunicarem, pensem sempre nos rostos das pessoas, especialmente dos pobres e simples, e partam deles, da sua realidade, dos seus dramas e das suas

esperanças, mesmo que isso signifique ir contra a corrente e desgastar as solas dos sapatos (Francisco, 2024a, tradução do autor).

Dirigindo-se aos comunicadores franceses, o papa lembrou que

O desafio de uma boa comunicação é hoje mais complexo do que nunca, e o risco é abordá-lo com uma mentalidade mundana: com uma obsessão por controle, poder, sucesso; com a ideia de que os problemas são principalmente materiais, tecnológicos, organizacionais e econômicos. [...]

Para nós, comunicar é estar no mundo para cuidar do outro, dos outros, é ser tudo para todas as pessoas; é compartilhar uma leitura cristã dos acontecimentos; é não se render à cultura da agressão e da difamação; é construir uma rede de compartilhamento do bem, do verdadeiro e do belo, feita de relacionamentos sinceros [...] (Francisco, 2024b, tradução do autor).

O papa encerra seu discurso com três palavras-chave que ele apresenta como “pistas do caminho” a ser trilhado pelos comunicadores: o testemunho, a coragem e o olhar amplo.

A primeira: lembrar que a comunicação é, acima de tudo, testemunho. E quando ela é feita de palavras, de imagens, é uma forma de compartilhar esse testemunho. É isso que nos dá credibilidade em nossa relação com a mídia secular [não religiosa]. [...]

A segunda pista: não tenham medo, mas coragem. [...] Uma coragem que vem da humildade e da seriedade profissional, e que faz de sua comunicação uma rede coesa e, ao mesmo tempo, aberta e extrovertida. [...]

A terceira palavra é o olhar amplo: olhar para longe. Olhar para o mundo inteiro em sua beleza e complexidade. Em meio aos murmúrios de nosso tempo, à incapacidade de ver o que é essencial, descobrir que aquilo que nos une é sempre maior do que aquilo que nos divide; e isso deve ser comunicado, com a criatividade que vem do amor (Francisco, 2024b, tradução do autor).

OS GESTOS DO PAPA FRANCISCO

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, SSP

Nesta reflexão do Observatório da Comunicação Religiosa queremos recordar alguns gestos comunicativos do papa Francisco. Quem não se recorda de sua primeira aparição na varanda do Vaticano, em 13 de março de 2013: tão simples, com vestes leves, olhar suave e um sorriso que se estendia de um lado ao outro do rosto? Havia certo ar de espanto também. “Rezem por mim” foi o primeiro pedido do papa.

Ele adotou um estilo de vida austero. Dispensou as pompas do palácio apostólico para viver na casa Santa Marta, lugar de hospedagem. Preferiu uma cadeira simples a outra que mais parecia o trono de um imperador. Não pôs seus pés nos luxuosos sapatos Prada. Seus pés foram “pés de mensageiro que anuncia a paz” (Is 52,7). Sua cruz peitoral era a expressão do Cristo misericordioso, livre e acolhedor.

Em suas viagens, sempre conduziu uma pasta, aparentemente de muito uso. Decerto aquela pasta carregava sonhos de uma Igreja sinodal. Apesar de sua idade e dos problemas nos joelhos e no pulmão, Francisco foi um peregrino. Sua primeira viagem como papa foi ao Brasil, em 2013, por ocasião da 28ª Jornada Mundial da Juventude. Desde o início, preferiu visitar os países periféricos, não correu logo ao encontro das potências econômicas mundiais.

Insistiu no diálogo inter-religioso com ênfase no mundo islâmico e visitou vários países onde os católicos são minoria. Francisco fez jus ao título de pontífice: ele quis construir pontes e derrubar muros.

O papa falou para além das fronteiras da Igreja católica. Seu olhar mirou as periferias geográficas e existenciais, como bem ressalta em sua primeira exortação apostólica, *Evangelii gaudium*: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG 1). O ponto de partida do pontificado de Francisco foi o anúncio da alegria, a comunicação da Boa Notícia.

Para que essa alegria fosse realidade desde agora e se plenificasse no paraíso, Francisco foi uma voz que clamava para a necessidade da fraternidade humana. Para isso nos brindou com um belíssimo texto, a *Fratelli tutti*, uma das encíclicas mais notáveis de seu ministério, que indica a urgência

da fraternidade e da amizade social para construir um mundo de paz e justiça para todos, denunciando os que fazem guerra, os que concentram os bens da terra e deixam multidões na penúria, na fome, na dor.

O papa foi incansável no cuidado e atenção com a família, com a ecologia integral; no enfrentamento dos abusos no interior da Igreja. Além disso, no processo sinodal, valorizou o protagonismo dos cristãos leigos, com destaque para a participação das mulheres na vida eclesial.

É crucial seguirmos com o modo de ser Igreja do papa Francisco e promovermos seu pensamento: uma Igreja sinodal, aberta aos dilemas contemporâneos, mais acolhedora, plural, que se esforce para ler e compreender os sinais dos tempos. Nesses tempos tão desafiadores, de crise humanitária, o acolhimento é mais importante do que o apego às doutrinas – especialmente aquelas doutrinas que já não tocam mais a existência. Francisco insistiu e desejou uma Igreja ‘pronto-socorro’, assim como fez Jesus. Uma igreja capaz de acolher as diferenças, menos legalista, mais compassiva e amorosa.

A MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA UMA COMUNICAÇÃO VERDADEIRA E AMOROSA

Ir M. Neusa dos Santos, IIC

O Observatório de Comunicação Religiosa propõe uma reflexão sobre a mensagem do papa Francisco para o 57º Dia Mundial das Comunicações Sociais, com o tema “Falar com o coração: testemunhando a verdade no amor”. Os ensinamentos de Francisco são destinados àqueles que anunciam o Evangelho, servindo-se de todas as formas de comunicação na sociedade.

O papa descreve três condições necessárias para uma boa comunicação, sintetizadas por ele nos verbos ir, ver e escutar. Em seguida, Francisco aprofunda a ideia de comunicação como ato de “falar com o coração”. Após o treino na escuta, que requer saber esperar e renunciar à imposição dos nossos pensamentos aos outros, podemos entrar na dinâmica do diálogo, que é partilha e, concretamente, comunicar com cordialidade.

Se escutarmos o outro com o coração puro, conseguiremos também falar de forma a testemunhar a verdade no amor. Falar com o coração significa dar razão à esperança que há em nós e que também há no outro, e fazê-lo com mansidão, usando o dom da comunicação como ponte, e não como muro que separa. Se você pensa que não tem nada para oferecer a alguém, pense então nas pessoas que sofrem e precisam de uma escuta atenta.

Escutar o outro com atenção é um ato que revela amor e caridade. Para escutar, precisamos nos abandonar um pouco, adotando uma atitude de doação ao outro. Devemos escutar sem julgar, sem criticar, apenas receber, aceitar e acolher, reconhecendo no outro a nós mesmos. A ausência de escuta gera discórdia e desconfiança. Pode provocar separações e, em larga escala, até mesmo guerras.

Comunicar cordialmente significa que a pessoa que nos lê ou escuta se sente compreendida em suas alegrias, receios, esperanças e sofrimentos, assim como milhares de homens e mulheres do nosso tempo. Quem fala assim ama o outro e também se preocupa com ele.

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Carta encíclica *Fratelli tutti* do santo padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social**. Assis, 3 out. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 13 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Discorso del santo padre Francesco a una delegazione della Società dei Pubblicisti Cattolici della Germania**. Roma, 4 jan. 2024a. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2024/january/documents/20240104-giornalisti-cattolici-tedeschi.html>. Acesso em: 14 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Discorso del santo padre Francesco ai partecipanti al Simposio “Université des Communicants en Église” promosso dalla Conferenza dei Vescovi di Francia**. Roma, 12 jan. 2024b. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2024/january/documents/20240112-universite-communicants-eneglise.html>. Acesso em: 14 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Roma, 24 nov. 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 2 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Mensagem do papa Francisco para o LVII Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Roma, 21 maio 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20230124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 10 jul. 2025.

IV. COMUNICAR EM ESPÍRITO DE COMUNHÃO E ESPERANÇA

JUBILEU DO MUNDO DAS COMUNICAÇÕES

Ir. Maria Inês Vieira Ribeiro, MAD

Evocando o tema “*peregrinos da esperança*”, o papa Francisco convocou, como ano jubilar, o ano de 2025 em que se celebra o mistério da encarnação de Jesus no seio de Maria, para a salvação da humanidade.

Ao longo desse ano, muitos cristãos realizam peregrinações a Roma, sede da Igreja, para passar a “porta santa”, numa atitude de renovação da fé e da esperança em Jesus que veio a nós e anunciou o caminho de vida e libertação. As peregrinações ocorrem também a “lugares santos”, indicados pelas igrejas locais, em todas as dioceses.

Além disso, acontecem muitos jubileus temáticos. O primeiro deles foi o *Jubileu do mundo das comunicações*, realizado em janeiro, com a participação de comunicadores de todo o mundo. Um jubileu como esse fortalece a percepção de unidade da Igreja junto a seu pastor maior, o papa. A presença de muitos jovens no evento foi uma oportunidade para refletir sobre o papel das novas gerações na comunicação, bem como para aumentar a consciência quanto à realidade social vivida ao redor do mundo.

Esse *Jubileu do mundo das comunicações* reforçou a importância e a necessidade de sermos comunicadores da vida e da esperança, sempre voltados para os corações das pessoas. O diferencial dos comunicadores católicos está justamente nisso, construir o Reino de Deus não apenas como formadores de opinião, mas como construtores de processos e caminhos que geram vida em abundância.

Esse compromisso coloca os comunicadores cristãos na linha de frente do combate aos discursos de ódio, à violência, às divisões, à intolerância, à divulgação de notícias falsas e a tudo aquilo que não promove valores sólidos.

Os comunicadores, sejam experientes ou jovens, são chamados a atuar a partir de um profundo encontro pessoal e comunitário com o se-

nhor da vida, com Jesus, o grande mestre. Devem ser multiplicadores e construtores de comunidades onde quer que estejam, inclusive no ambiente digital – um espaço propício para sermos igreja, uma comunidade de comunidades.

No diálogo sobre inteligência artificial, fica claro que a Igreja não condena essa ferramenta, mas orienta a direcioná-la para o bem, facilitando a criação de conteúdos para a difusão da Boa Nova. O Departamento Vaticano para a Comunicação reforçou a urgência de nos habituarmos ao mundo digital, pois ele se tornou tão relevante quanto os espaços presenciais.

Os nativos digitais estão majoritariamente nesse ambiente, e nós todos – especialmente os evangelizadores: leigos e leigas, religiosos e sacerdotes –, precisamos estar ali como missionários da esperança, da unidade e da sinodalidade.

Nesse *Jubileu do mundo das comunicações*, além dos conteúdos enriquecedores dos encontros, foi profundamente significativa a presença de brasileiros e brasileiras que fortaleceram laços, construíram pontes e geraram relacionamentos de esperança a partir das realidades de cada um, na expectativa de melhorar esse importante serviço missionário, como comunicadores.

O papa Francisco, mesmo fragilizado, dirigiu uma mensagem aos comunicadores encorajando-os na missão:

A Igreja conta com esse apostolado de vocês, que é tão importante e genuíno como os outros. Mas, de modo especial, neste tempo, precisamos nos debruçar e ajudar a todos a compreender que, no digital, também somos Igreja. Assim como Francisco Xavier e Anchieta foram missionários, convido vocês a samaritanear esses lugares (Francisco, 2025).

Os comunicadores católicos tiveram ainda a oportunidade de compartilhar as experiências formativas que já vêm sendo desenvolvidas no Brasil e refletir sobre como as estruturas eclesiais têm mostrado disposição – ainda que lentamente – ao diálogo sobre essa temática do mundo digital e a inteligência artificial. Sabemos que essa transformação cultural exige tempo e investimento.

O jovem comunicador brasileiro, presente nesse Jubileu, Ronnald Oliveira, esteve em Assis e rezou diante do túmulo do Beato Carlo Acutis,

jovem missionário do mundo digital que nos inspira a olhar para o ambiente virtual como uma verdadeira oportunidade de santificação. Que ele interceda pelos comunicadores, influenciadores, missionários digitais e por toda a nossa Igreja, tanto local quanto universal.

Que todos os profissionais da comunicação, leigos, religiosos e sacerdotes, sobretudo os jovens, continuem contribuindo para que nossa sociedade seja sempre mais comprometida com a verdade, a ética, a moral, enfim, todos os valores do Evangelho.

Peçamos à nossa Mãe Maria, Senhora de Aparecida, primeira comunicadora de seu filho, que continue caminhando conosco e nos auxiliando nessa nobre e desafiadora missão de tocar os corações por meio da comunicação.

CONFERÊNCIA JUBILAR GLOBAL COM RELIGIOSOS: TECENDO A COMUNHÃO ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO

Ir M. Neusa dos Santos, IIC

O papa Francisco convida a Igreja a repensar o papel das redes sociais como ferramentas para construir comunidade e promover a fraternidade. Em uma Igreja sinodal, a comunicação é essencial, pois missão, participação e comunhão são processos intrinsecamente comunicacionais. Nesse contexto, os ambientes digitais tornam-se espaços fundamentais para enfrentar o desafio de “caminhar juntos” em missão, comunhão e participação.

Diante dessa realidade, o papa faz um chamado à responsabilidade compartilhada:

As redes sociais não são apenas plataformas de interação; elas moldam culturas, influenciam decisões e conectam a humanidade. Mas essa influência traz consigo uma responsabilidade: usar essas redes para semear esperança, fortalecer vínculos e oferecer um testemunho de unidade (Francisco, 2025).

A missão digital exige uma nova perspectiva sobre a Igreja: uma Igreja em rede, na qual todos têm voz e podem contribuir para a evangelização, tanto no mundo virtual quanto no presencial. O carisma da unidade emerge como um dos pilares fundamentais dessa missão, refletindo-se na maneira como nos comunicamos e interagimos.

A internet ressignifica a experiência do espaço, criando um mundo onde as distâncias se encurtam e é possível estar fisicamente *aqui* e, simultaneamente, digitalmente *lá*, interagindo com pessoas a milhares de quilômetros de distância.

O testemunho cristão no ambiente digital não pode se limitar à proclamação; ele precisa ser vivido. A comunicação na Igreja deve refletir sua missão de forma autêntica, promovendo o Evangelho não apenas como mensagem, mas como experiência real de comunhão e fraternidade.

No primeiro Jubileu temático do Ano Santo de 2025, milhares de comunicadores de 138 países reuniram-se para refletir sobre seu papel na sociedade e na Igreja. O papa Francisco destacou a comunicação como uma experiência que exige sair de si mesmo para encontrar o outro.

O convite foi claro: utilizar o poder da comunicação para contar histórias que inspirem esperança. Em sua mensagem, o pontífice exortou os jornalistas a olharem para além das dificuldades e a narrarem não apenas as adversidades, mas também as possibilidades de transformação. “Quando contarem sobre o mal, deixem espaço à possibilidade de consertar o que está rompido”, disse ele, enfatizando que a esperança pode estar presente mesmo nas situações mais desafiadoras (Francisco, 2025).

Nesse jubileu, o papa reforçou o papel dos comunicadores como construtores de pontes, narradores do bem e promotores de um diálogo que fortalece tanto a sociedade quanto a Igreja. Seu apelo ressoa como um compromisso: que a comunicação seja mais do que informativa –uma fonte de renovação e luz para o mundo.

O DIA MUNDIAL DA LIBERDADE DA IMPRENSA E DAS COMUNICAÇÕES

Venício A. de Lima

Em maio celebramos o Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, criado pelas Nações Unidas, e o Dia Mundial das Comunicações Sociais, criado pelo Concílio Vaticano II. Este texto trata das razões que levaram à instituição dessas datas.

De acordo com o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, “todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão”. Ao lado desse direito, também a Declaração de Windhoek (Namíbia), firmada pela Unesco, reafirma a imprensa independente, pluralista e livre como princípio essencial para a democracia. Um documento trata do direito de todo indivíduo à liberdade de se expressar; o outro expressa a defesa da liberdade de imprensa que protege os veículos de comunicação como entes jurídicos.

A liberdade de expressão é muito anterior à liberdade de imprensa. Na Grécia antiga, ao lado da igualdade perante a lei, a livre expressão era considerada um dos dois pilares da democracia. Já a liberdade da imprensa requer não só a invenção da máquina de imprimir, mas a formação de um público leitor e o aparecimento dos jornais. O direito à liberdade de expressão se fundamenta na necessidade de todos, mulheres e homens, poderem manifestar opinião no debate público, o que contribui para a formação de uma opinião pública democrática.

O surgimento das empresas que publicam e vendem jornais fez com que a circulação de informações não mais ocorresse apenas face a face, mas passasse a ser majoritariamente mediada pela imprensa. Estenderam-se, então, à imprensa as responsabilidades já atribuídas à liberdade de expressão. Todavia, como diz a Declaração de Windhoek, é condição necessária que a imprensa seja independente, pluralista e livre.

Nossa Constituição garante a liberdade de expressão, mas veda o anonimato e assegura o direito de resposta. Além disso, declara invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assim como veda toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

Por outro lado, a liberdade da imprensa pressupõe a inexistência de monopólios ou oligopólios nos meios de comunicação. O Supremo Tribunal Federal firmou jurisprudência afirmando que “a liberdade de expressão não pode ser usada para a prática de atividades ilícitas ou discursos de ódio, contra a democracia ou contra as instituições” (STF, 2022).

Setores políticos que se identificam com a extrema direita têm criticado o que chamam de censura e de ausência de liberdade de expressão no Brasil. Para tanto, costumam tomar como referência o Judiciário dos Estados Unidos. Lá a Corte Suprema, embora reconheça a existência de limites, trata essa liberdade – em prejuízo de outros direitos como igualdade, privacidade, reputação e dignidade – com uma amplitude sem equivalente em outros países. As consequências negativas para a sociedade americana, sobretudo em relação ao acirramento da chamada “guerra cultural” e das questões raciais, têm sido cada vez mais questionadas.

As celebrações do mês de maio, criadas pela ONU e pelo Vaticano, constituem uma excelente oportunidade para se refletir sobre os direitos e princípios que fundamentam a liberdade de comunicação. Em tempos de *Big Techs*, inteligência artificial, redes digitais, *influencers* e notícias falsas, é preciso rediscutir as liberdades de expressão e de imprensa e, com isso, garantir a sobrevivência das liberdades – e da democracia.

Que assim seja!

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Liberdade de expressão e limites – AP 1044/DF. **Informativo STF**, n. 1051. 20 abr. 2022. p. 8-9. Disponível em: https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/informativoSTF/anexo/Informativo_PDF/Informativo_stf_1051.pdf. Acesso em: 12 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Dicastério para a Evangelização. **Jubileu do Mundo das Comunicações**. Roma, 24-26 jan. 2025. Disponível em: <https://www.iubilaeum2025.va/pt/pellegrinaggio/calendario-giubileo/GrandiEventi/Giubileo-del-Mondo-della-Comunicazione.html>. Acesso em: 18 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Discurso do papa Francisco aos jornalistas e comunicadores participantes no jubileu do mundo da comunicação**. Roma, 25 jun. 2025a. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2025/january/documents/20250125-giubileo-comunicazione.html>. Acesso em: 18 jul. 2025.

UNICEF. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Adota e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III). Nova York, 10 dez. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 29 jul. 2025.

V. COMUNICAÇÃO PARA A PAZ E A JUSTIÇA

COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA

Ir. Helena Corazza, FSP

Quando falamos de comunicação não-violenta, pensamos em geral na violência física. No entanto, a pacificação passa também pelo modo de falar, de escrever, de expressar nossas ideias. Na solução dos conflitos, busca-se o entendimento de modo a não romper o relacionamento. Evita-se a discriminação para tornar possível conviver em paz.

Estamos acostumados a ver violência no trânsito, agressões entre pessoas, violência doméstica e tantas outras. Mas a violência não é só física; é psicológica, é verbal tanto nas famílias quanto no trabalho, nas comunidades, na escola, nas relações entre as pessoas.

Uma violência intensa se vê nas redes sociais, com postagens que rebaixam a imagem do outro, seja quem for: escolas, igrejas e até há quem ache que tem o direito de falar mal do papa. É difícil entender tanta violência entre cristãos e pessoas que se dizem mais católicas que o próprio papa.

Para praticar uma comunicação não-violenta é preciso, primeiro, tomar consciência de si, dos próprios pensamentos, sentimentos e atitudes. Segundo, é necessário manter o cuidado com a linguagem. É importante pensar antes de falar, publicar ou curtir. É preciso falar com respeito e consideração, o que constrói. Deve-se ter atenção à comunicação do corpo: o olhar, a escuta, a atenção. Ao tratar de questões delicadas, é preciso fazê-lo de forma objetiva, sem emitir opiniões que atinjam a reputação.

A comunicação não-violenta favorece a empatia, os laços humanos, cria conexões. A comunicação de paz gera comunhão e ajuda a crescer. O convite é para sermos pessoas de paz conforme a mensagem de Belém: paz a todas as pessoas que Deus ama.

COMUNICAÇÃO PARA UMA CULTURA DA PAZ

Ir. Helena Corazza, FSP

“Bem-aventurados os que promovem a paz”, diz Jesus (Mt 5, 9). A comunicação para uma cultura de paz é uma meta de muitas pessoas e grupos. Essa é a meta de cada um e cada uma de nós que dedicamos nossa vida para que a paz prevaleça nos corações das pessoas e na sociedade.

Nas palavras do papa, “a paz tem que ser construída”. Francisco também afirma que a paz “nunca é violenta, nunca está armada”. É no solo da vida que germina a semente da paz. Ela cresce em silêncio como resultado das obras da justiça e da misericórdia. Francisco convida a “desarmar o coração”, pois “todos estamos equipados com pensamentos agressivos”. O papa então conclui: a cruz é a “cátedra da paz” (Francisco, 2022).

Basta observar os fatos relatados pela mídia, tanto a internacional como a brasileira, para constatar o alto nível de violência individual e coletiva: verbal, textual, gestual, no trânsito, nas estradas. A gente se pergunta por que tanta violência. Parece que o nível de suportação chegou ao limite nas famílias, nos grupos, nas cidades, na sociedade e no relacionamento em geral. Os ânimos se exacerbaram nas eleições recentes, tanto entre os que venceram quanto entre os que perderam.

É tempo de pacificar o coração e a sociedade. Mas pacificar não é permanecer neutro, nem passivo, é continuar agindo com espírito cívico. Por isso, convido você a ser um agente pacificador, um promotor da paz. Vamos começar por nós mesmos, pelo nosso coração. Pergunte-se: o que sinto dentro de mim é paz ou agitação? Talvez até violência?

Promova a paz em sua família, com as crianças em casa, entre pais e filhos. Continue a promover a paz na escola, no seu trabalho, em sua comunidade. Vamos acolher familiares e vizinhos, independentemente da opção político-partidária.

O Brasil é nosso. Portanto, cada um de nós tem, como cidadão e cidadã, sua parte na construção da cidadania, do respeito mútuo, da cultura, da economia. Todos temos o direito de ser felizes. Todos temos o direito de ir e vir. Todos queremos a proteção de nossas famílias, das pessoas que

amamos. É o momento de exercitar o civismo e construir a sociedade que queremos e sonhamos.

A paz depende de mim, de você, de todos nós. Promover a paz é ser capaz de respeitar posições diferentes, sem fazer uso da violência. Essa é a mensagem dos anjos na gruta de Belém: Glória a Deus e paz na terra às pessoas que Deus ama. Feliz é você, promotor da paz!

A ESPERANÇA NÃO ENGANA

Ir. Helena Corazza, FSP

Para proclamar o Jubileu Ordinário de 2025, o papa Francisco escreveu uma carta intitulada “A esperança não engana” (Rm 5,5). Esse texto bíblico, escolhido para o Ano Santo, nos impulsiona a sermos peregrinos e romeiros da esperança. O pontífice lembra que “sob o sinal da esperança, o apóstolo Paulo infunde coragem à comunidade cristã de Roma. A esperança é também a mensagem central desse Jubileu [...]. Penso em todos os peregrinos de esperança” (Francisco, 2023).

Na vida vivemos de esperança. Olhando para a natureza, esperamos que chova, que a semente nasça e cresça. Esperamos uma flor desabrochar, um fruto amadurecer. Mas na sociedade em que vivemos, parece que tudo é para agora, tudo já, tudo na velocidade da máquina. O ser humano não é uma máquina; tem seu tempo de gestar, crescer, conviver e amadurecer. Parece que perdemos a paciência. Já não há tempo para nos encontrarmos e, com frequência, as famílias sentem dificuldade para se reunir e falar com calma. A pressa pode causar danos às pessoas. Com isso, surgem a intolerância, o nervosismo e, por vezes, a violência gratuita, gerando insatisfação e isolamento.

O papa convida a percebermos os sinais de esperança no mundo: “que o primeiro sinal de esperança se traduza em paz para o mundo, mais uma vez imerso na tragédia da guerra”; que haja “abertura à vida com maternidade e paternidade responsáveis”. Sinais de esperança aos presidiários; “aos doentes, que se encontram em casa ou no hospital”; aos jovens, para que possam cultivar os seus sonhos; aos migrantes, aos idosos, aos milhares e milhões de pobres.

Esperar é fazer acontecer, promover processos de mudança, esperar: ser alguém que sonha, planeja, mobiliza para uma boa causa. Esperamos uma comunicação que promova a paz, a justiça, a solidariedade. Para isso, sejamos pessoas de paz, justas e solidárias, pessoas capazes de viver essa comunicação no dia a dia. O apóstolo Paulo nos convida a sermos “alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração” (Rm 12,12). Como nos exorta o papa Francisco, sejamos, de fato, peregrinos da esperança.

A FOME E O QUARTO DE DESPEJO

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, SSP

“O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças”. Essa frase é da escritora e favelada Carolina Maria de Jesus, autora do livro *O quarto de Despejo: diário de uma favelada* (Jesus, 2001, p. 26). Essa obra serve de estímulo para a presente reflexão do Observatório da Comunicação Religiosa sobre a fome, esse problema que faz tantos brasileiros sofrerem.

É muito importante conhecer ou revisitar a obra dessa grande brasileira, Carolina Maria de Jesus, que aprendeu a extrair palavras do lixo e a transformar a realidade de miséria em protesto contra os esquemas injustos que geram violência, miséria, fome e toda espécie de precariedade.

A fome é um dos flagelos mais tristes. É paradoxal um país tão rico quanto o Brasil ter tanta gente passando fome. Neste exato momento, multidões estão sofrendo a dor de ter o estômago vazio. Disse certa vez Carolina Maria de Jesus: “A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago” (Jesus, 2001, p. 39).

Ter só o ar no estômago: isso clama aos céus. O Brasil é considerado o celeiro do mundo. Não é estranho que também seja o país de famintos? Todo ano a safra nacional de grãos bate recorde, o agronegócio se orgulha dos lucros, mas o povo continua em filas para conseguir como alimento alguns ossos.

Alimentar-se bem é um direito humano fundamental. Para que a pessoa se desenvolva, antes de tudo, ela precisa da satisfação fisiológica, isto é, da garantia do acesso à comida, à água, ao abrigo, ao sono. Além disso, necessita da segurança da família, do corpo, da propriedade. Em seguida, vem a necessidade dos afetos, do amor, da amizade, da família, da comunidade. Se tudo isso for realizado de forma integrada, teremos a possibilidade de formar pessoas talentosas, criativas, realizadas e felizes. Depois de saciada a fome do estômago, todos precisamos do alimento da alma, da beleza: a cultura, as artes, a literatura, a dança, a festa, a alegria.

Que cada um de nós, as instituições e, sobretudo, as políticas públicas cuidem de saciar a fome e livrem nossos irmãos e irmãs desse flagelo. Não nos conformemos com as reações do mercado. O mercado não fica nervoso com a multidão de famintos. Como bem assinalou Carolina Maria de Jesus, “quem inventou a fome são os que comem”.

UMA REPORTAGEM DA TV APARECIDA SOBRE A POPULAÇÃO DE RUA

Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães

A TV Aparecida veiculou uma reportagem sobre a população em situação de rua, que mostra a contradição de riquíssimas capitais do Brasil e um de seus maiores escândalos: a miséria do povo de rua. O programa “*Desafios da igreja: povo de rua*” foi exibido em 21 de dezembro de 2023. Os produtores e diretores de programação são o irmão Alan Zuccherato e padre Mauro Vilela.

A jornalista e produtora da TV Aparecida Camila Morais, com grave semblante e voz assertiva, assume, com competência e indignação, senso de justiça e compaixão, a tarefa de nos inserir no mundo das pessoas que vivem nas ruas. São mais de 281 mil no Brasil, sendo mais de 52 mil em São Paulo; 13 mil no Rio de Janeiro; 11 mil em Belo Horizonte e quase 8 mil em Salvador e Brasília.

A reportagem afirma, com exemplar profetismo jornalístico, que este é um dos maiores desafios para a Igreja no mundo: dar pão – símbolo de tudo que é necessário à vida – a quem tem fome. O desafio é mostrado com imagens impactantes, colhidas pelo cinegrafista Diego Rosa.

Às pessoas de rua é dada a palavra. Elas narram, analisam e provocam sentimentos e reações em nós, com uma linguagem de quem sabe o que é a dor causada pela violação de seus direitos por parte de maus governantes, legisladores, magistrados e da indiferente e atrasada elite brasileira, que tem aversão aos pobres e intolerância à justiça.

Alguns projetos da Pastoral do Povo de Rua são destacados pela prática da fraternidade e pela pedagogia que considera o povo de rua sujeito de sua libertação. São mostrados leigos e leigas, padres, religiosas, cristãos e não cristãos, amantes da dignidade humana, praticantes do novo humanismo solidário, de que tanto fala o papa Francisco. Todas essas pessoas se colocaram ao lado dos perseguidos, excluídos e difamados e, por essa razão, também elas são perseguidas, excluídas e difamadas.

Vejam o trabalho do padre Júlio Lancellotti, do padre Paolo Parisi e dos missionários scalabrinianos, do padre João e do irmão Henrique, da Comunidade da Trindade, dos muitos colaboradores e servidores da vida.

Belo Horizonte tem sido uma boa referência dessa Pastoral. Tem preparado líderes para o trabalho de promoção humana e está desenvolvendo o *Canto da Rua*, um projeto que ocupará 13 mil metros quadrados para atendimento integral a essa população.

A Pastoral do Povo em Situação de Rua encontra na Comissão Episcopal Sociotransformadora da CNBB e em alguns parceiros públicos o apoio que possibilita continuar o caminho.

Ela está presente em 18 Estados e 39 cidades brasileiras, escutando o constante clamor, às vezes só gemidos, das pessoas que se encontram em situação de rua, em busca de autonomia de vida, de oportunidades, paz e dignidade, de justiça e alegria de viver, de renda e moradia para que sejam contados como gente.

Essa é a Igreja sendo “Igreja pobre, para os pobres”, como deve ser. Assistir a essa reportagem é como ter o Evangelho aberto diante de nós, a nos interpelar: convertei-vos! Amai-vos uns aos outros!

DIA DOS POBRES

Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães

O Observatório da Comunicação Religiosa no Brasil apresenta-se no programa *Igreja em saída* para ajudar a ver (para entender mais), a julgar (para discernir bem) e a agir (para melhorar) no campo da comunicação. Essa comunicação se relaciona com os assuntos mais importantes da caminhada da Igreja, rumo às periferias existenciais, sociais, geográficas, socioambientais e à própria sociedade dilacerada em que vivemos.

Por meio de uma boa comunicação aumentamos o nosso engajamento e participação nas questões em que somos interpelados por Jesus Cristo e seu Evangelho do Reino de Deus. Não podemos ficar alheios e distraídos diante do que acontece no mundo e à nossa volta. A indiferença mata. A desinformação também.

Por meio da boa comunicação nos informamos e nos formamos, para construir uma Igreja viva, sinodal, de verdadeiros discípulos e discípulas de Jesus. Ao mesmo tempo, construímos uma sociedade justa, que pratica a amizade social. Em tal sociedade, todos podem conviver com dignidade, porque não há Igreja verdadeiramente cristã, católica, desligada do mundo em que se encontra e que não clame pelo respeito às diferenças e pela superação das desigualdades.

A mobilização por uma comunicação propositiva, profética e mobilizadora é urgente, em especial, em face do Dia Mundial dos Pobres, celebrado anualmente em novembro. Esse dia foi instituído pelo papa Francisco, porque a presença dos pobres e suas lutas no dia a dia evidenciam o conteúdo central do Evangelho: o amor do Reino, que nos arrasta para a prática da solidariedade e da justiça. Francisco escreveu uma bonita e forte mensagem às comunidades do mundo inteiro, inspirada em Tb 4,7: “Não desvies o teu rosto de nenhum pobre, para que de ti não se desvie a face de Deus”.

Não podemos correr o risco de reduzir o Dia Mundial dos Pobres a dar-lhes uma marmita sob cliques de máquinas fotográficas. Temos muito mais a fazer, juntamente com os pobres – e não simplesmente para eles. Podemos começar envolvendo os bons comunicadores na causa dos pobres, para que, com fome, tenham o que comer; com sede, tenham o que beber;

migrantes, tenham acolhida digna; nus, tenham com o que se vestir; doentes, tenham bons cuidadores; presos, tenham visitas afetuosas e restauradoras. A comunicação nos ajude a tocar a carne dos pobres.

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

DESAFIOS da Igreja: povo de rua. TV Aparecida. 21 dez. 2023. 1 vídeo (60min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WVHY5QyMl-k>. Acesso em: 17 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Angelus**. Roma, 1 nov. 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2022/documents/20221101-angelus.html>. Acesso em: 30 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Mensagem do santo padre Francisco para o VII Dia Mundial dos Pobres**. Roma, 13 jun. 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20230613-messaggio-vii-giornata-mondiale-poveri-2023.html>. Acesso em: 17 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). ***Spes non confundit***; bula de proclamação do jubileu ordinário do ano 2025. Roma, 9 maio 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.html#:~:text=1,em%20vinte%20e%20cinco%20anos. Acesso em: 17 jul. 2025.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.

VI. COMUNICAÇÃO E COMPROMISSO SOCIOAMBIENTAL

A COMUNICAÇÃO DA COMISSÃO DE ECOLOGIA INTEGRAL E MINERAÇÃO NAS ELEIÇÕES

Pe. Dário Bossi

O Observatório da Comunicação Religiosa destaca o trabalho de uma das mais novas comissões criadas pela CNBB. Trata-se da Comissão Especial para a Ecologia Integral e Mineração, que se coloca a serviço da vida, especialmente nas situações em que a vida está mais ferida por violações socioambientais.

Essa Comissão teve uma boa iniciativa de comunicação durante o período eleitoral em 2022. Conseguiu sintetizar em dez pontos algumas orientações para o voto, apresentadas em um formato de fácil divulgação. Os bispos encontraram maneiras simples, imediatas, diretas e corajosas para se comunicarem.

Mostrando-se preocupados com os rumos da conjuntura política nacional, apontaram alguns temas a serem observados durante o segundo turno eleitoral:

- Defesa da biodiversidade e o combate ao desmatamento e ao garimpo.
- Proteção aos povos indígenas e comunidades tradicionais e luta pela demarcação dos territórios.
- Fortalecimento dos órgãos de controle e fiscalização de crimes sociais e ambientais.
- Superação de altos índices de veneno nas lavouras.
- Defesa dos bens comuns (água, terra, petróleo, minério).
- Combate às violações dos direitos humanos.
- Geração de trabalho digno, revogação da reforma trabalhista e redução da inflação com valorização dos salários.
- Combate à corrupção e revogação de decretos que retiraram direitos.

- Defesa, fortalecimento e ampliação dos valores democráticos e participação popular na construção de políticas públicas.
- Enfrentamento urgente da fome que atinge milhões de brasileiros.

O Observatório da Comunicação Religiosa agradece aos bispos da Comissão Especial para a Ecologia Integral e Mineração, reconhecendo sua eficácia na comunicação da fé em conexão com a vida.

O PACTO EDUCATIVO GLOBAL E O DESAFIO DA CULTURA DO ENCONTRO

Ir M. Neusa dos Santos, IIC

O avanço das redes de comunicação transformou profundamente as dinâmicas sociais, ampliando o alcance da informação e a interconexão entre povos e culturas. No entanto, esse progresso também impõe desafios significativos, entre eles a necessidade de cultivar e disseminar uma cultura do encontro, fundamentada no diálogo intercultural e no respeito à diversidade. Nesse contexto, o Pacto Educativo Global, iniciativa promovida pelo papa Francisco, surge como um chamado urgente à construção de um futuro mais justo e sustentável, no qual a educação seja reconhecida como um direito fundamental e um bem comum acessível a todos (Francisco, 2019).

Essa proposta visa mobilizar indivíduos, instituições, igrejas e governos a assumirem um compromisso com uma educação humanista e solidária, capaz de promover a dignidade humana e a justiça social. Diante da fragmentação e da polarização que marcam o cenário contemporâneo, o Pacto Educativo Global reforça a necessidade de um esforço coletivo para reconstruir laços sociais, fortalecer a cooperação entre diferentes setores e garantir que a comunicação esteja a serviço da inclusão, da paz e do desenvolvimento integral da pessoa humana.

A essência do Pacto Educativo Global “transcende barreiras geográficas e diferenças religiosas, orientando-se pelo compromisso inabalável com a formação integral do ser humano”. Sua principal aspiração é “promover a dignidade humana, a justiça social e a sustentabilidade ambiental, preparando as futuras gerações para os desafios contemporâneos” (*Laudato Si'*) (2015). Para tanto, exige-se a reavaliação dos modelos educacionais tradicionais, “incentivando abordagens pedagógicas inovadoras que valorizem a diversidade cultural, o diálogo intercultural e a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem” (Freire, 1996).

Ademais, o pacto enfatiza “a necessidade de colaboração entre diferentes atores sociais, incluindo famílias, escolas, comunidades e governos, a fim de consolidar ambientes educativos inclusivos e transformadores”. Um dos pilares centrais desse compromisso é a educação ecológica, que deve se manifestar “tanto em práticas cotidianas quanto em mudanças estruturais

nos hábitos de consumo, produção e convivência social” (Francisco, 2015). Esse enfoque visa “sensibilizar a sociedade para a interdependência entre os seres humanos e a natureza, incentivando práticas sustentáveis que garantam a preservação do planeta para as futuras gerações”.

No âmbito da sociedade civil, “a construção da ‘aldeia educativa’ emerge como um elemento fundamental para garantir que famílias e escolas mantenham um compromisso sólido com a educação integral da pessoa”. Valores como “responsabilidade ambiental, solidariedade e respeito à diversidade biológica e cultural devem ser promovidos para consolidar a ecologia integral como um estilo de vida”, assegurando “a justiça socioambiental e a harmonia entre os seres humanos e a criação” (Boff, 2017).

Dessa forma, “o resgate da solidariedade universal e a construção de uma sociedade mais acolhedora são condições imprescindíveis para enfrentar os desafios ecológicos e sociais contemporâneos”. “O combate à pobreza e a reintegração dos excluídos devem ser conduzidos de maneira articulada com a proteção do meio ambiente”, assegurando “uma transformação estrutural que concilie justiça social e sustentabilidade” (Sachs, 2012).

A sobrevivência da humanidade está diretamente vinculada à saúde do ecossistema, que tem sofrido as consequências da exploração predatória de seus recursos. Fenômenos como “enchentes, queimadas, ciclones, mudanças climáticas, migrações forçadas e conflitos de terra evidenciam a urgência de uma conversão ecológica integral”, capaz de modificar a mentalidade predominante e substituir “a lógica do individualismo pela cooperação e pelo cuidado com o bem comum” (Francisco, 2015).

Nesse contexto de avanço das redes de comunicação, “impõe-se o desafio de cultivar e disseminar uma cultura do encontro, baseada no diálogo intercultural, no respeito às diferenças e na construção de pontes entre diferentes grupos sociais”. Essa cultura é “fundamental para a superação da polarização e da fragmentação social, promovendo um *ethos* de cooperação e convivência harmônica” (Bauman, 2003).

Para tanto, é essencial “fomentar espaços de partilha e aprendizado mútuo, nos quais as pessoas possam estabelecer conexões significativas, trocar experiências e fortalecer laços de amizade e solidariedade”. “Somente assim será possível construir uma sociedade mais justa e fraterna”, pautada pelos valores do Pacto Educativo Global e comprometida com a educação como ferramenta de transformação social.

O CHAMADO DA *LAUDATO SI'* PARA O CUIDADO DA CASA COMUM

Ir M. Neusa dos Santos, IIC

A encíclica *Laudato Si'*, publicada pelo papa Francisco em 2015, marca uma reflexão contemporânea sobre a relação entre a humanidade e o meio ambiente. O papa propõe uma conversão ecológica que vai além da conscientização ambiental, exigindo uma transformação existencial do ser humano, fundamentada no reconhecimento da interconexão entre todas as criaturas e na responsabilidade moral decorrente dessa compreensão. Ele vincula a crise ecológica a uma crise ética, pois a degradação ambiental agrava as desigualdades sociais e a marginalização dos mais vulneráveis, convocando os seres humanos a reconsiderarem sua relação com a Terra como um dom divino, digno de cuidado e respeito.

Essa perspectiva ética e teológica embasa o compromisso com a preservação do ambiente como uma expressão de fé que transcende a esfera religiosa e se torna uma responsabilidade universal. Em consonância com pensadores contemporâneos, como Leonardo Boff, o papa sublinha que a crise ecológica e a pobreza estão interligadas, sendo consequência de um modelo de desenvolvimento que prioriza o lucro e explora de maneira desmedida os recursos materiais e humanos, negligenciando a dignidade humana e o equilíbrio natural. Assim, ele convoca os cristãos a se comprometerem com uma mudança de paradigma que inclua justiça social e solidariedade universal, capazes de sanar as feridas sociais e ambientais de nosso tempo.

O conceito de 'casa comum' delineado por Francisco é central para a compreensão da conversão ecológica. A Terra, como um bem compartilhado, deve ser preservada para as futuras gerações e respeitada no presente. A conversão ecológica exige uma ética de gratuidade, motivada pelo amor e pela responsabilidade – não pelo egoísmo ou busca incessante por lucro. Esse compromisso também envolve uma espiritualidade ecológica que integra as dimensões espirituais e materiais da existência humana, levando a uma ação concreta de preservação e construção de um mundo mais justo e sustentável.

A conversão ecológica implica, ainda, uma nova visão de solidariedade, como observa o teólogo José María Vigil, que defende a solidariedade intergeracional, com ênfase na preservação da vida e na justiça social. A urgência da crise ambiental, que afeta a biodiversidade e a dignidade humana, especialmente dos mais empobrecidos, exige uma transformação nas estruturas políticas e econômicas, criando modelos sustentáveis que promovam inclusão social e respeito ao meio ambiente.

A interdependência entre pobreza e degradação ambiental, central na *Laudato Si'*, destaca que as populações vulneráveis, dependentes dos recursos naturais, são as mais afetadas pela destruição ambiental. A conversão ecológica requer reformas profundas nas estruturas políticas e econômicas, com ênfase na criação de modelos sustentáveis.

O chamado do papa Francisco à conversão ecológica, expresso na encíclica, convoca a uma integração harmônica entre os seres humanos e o planeta, exigindo uma revisão das práticas cotidianas e das estruturas sociais, econômicas e espirituais que sustentam a exploração da Terra. Esse compromisso com a 'casa comum' deve ser vivido como um ato de gratidão, generosidade e amor, fundamentais para a construção de um futuro mais justo e sustentável.

AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS E A COMUNICAÇÃO

Pe. Dário Bossi

Em agosto de 2023, aconteceu na cidade de Belém, no Pará, a Cúpula da Amazônia, que reuniu chefes de Estado dos oito países que compõem a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica. Também estiveram presentes quase 30 mil pessoas: povos indígenas, comunidades tradicionais, habitantes dos grandes centros urbanos e de outros territórios da Amazônia.

Esse evento oferece uma oportunidade para dialogarmos sobre um tema urgente e muito atual: a comunicação em defesa da ‘casa comum’, em tempos de emergência climática. O fato de que a notícia de um acontecimento como esse possa ou não ter chegado até você é muito importante. Mais relevante ainda é o modo como essa notícia foi veiculada. Isso nos faz refletir sobre a urgência de uma comunicação pautada pela gravidade da situação socioambiental em que nos encontramos.

Como todos os temas delicados, também a emergência ambiental é um argumento tratado de modos diferentes, a depender dos interesses de quem fala. Os indígenas ou as famílias de pequenos agricultores lutam pelo direito à terra e afirmam que são seus modos de vida e de preservação dos biomas que podem garantir o equilíbrio climático.

As companhias petroleiras admitem que o petróleo é uma das causas do aquecimento global, mas afirmam poder fornecer os lucros necessários para uma mudança de sistema, que virá, possivelmente, apenas quando o petróleo terminar. O agronegócio continua a dizer que é *pop*, mas continua a usar agrotóxicos que contaminam a água e os alimentos. Quando a disputa é por dinheiro, cada um constrói a sua própria versão dos fatos e faz muita propaganda dela.

Talvez não haja muita dúvida quanto aos efeitos das mudanças climáticas, mas há muita confusão e divisão no que diz respeito à compreensão das causas do fenômeno. Uma ferramenta muito comum para criar essa confusão na comunicação é o negacionismo. Este, em geral, opera pelo apagamento da diferença entre, de um lado, o método e afirmações científicas, caracterizados pelo rigor e pela estrita observação dos fatos, e de outro a leviandade das propagandas e das opiniões sem fundamento que circulam nas redes sociais.

Outra estratégia do negacionismo consiste em gerar a sensação de impotência. Uma certa forma de comunicação negativa mostra que os problemas socioambientais são tão grandes e tão distantes que não cabe a nós nenhuma conduta; não são um assunto para nós e não vale a pena organizar-se para enfrentá-los. Cria-se a sensação de que é melhor cuidar da própria vida e deixar que outros (talvez) cuidem do resto.

Outra ação típica dos defensores da degradação ambiental é atacar a Igreja, dizendo que não cabe a ela falar desses assuntos ou empenhar-se neles. Na contramão dessa atitude de fuga, o papa Francisco escreveu a encíclica *Laudato Si'* e nos incentiva a cuidar da ecologia integral.

Diante desse cenário, para ser um evangelizador, peça a Deus a sabedoria e o espírito crítico para interpretar a comunicação feita por outras pessoas. Não se deixe enganar e torne-se alguém que comunica a serviço da vida e da proteção de nossa 'casa comum'.

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOFF, Leonardo. **A ética da terra: sustentabilidade e espiritualidade ecológica**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é, o que não é**. Petrópolis: Vozes, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Carta encíclica *Laudato Si'* do santo padre Francisco sobre o cuidado da casa comum**. Roma, 24 maio 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 14 jul. 2025.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo**. Roma, 12 set. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html. Acesso em: 15 ago. 2025.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

VIGIL, José María. **Teologia da terra: espiritualidade, ecologia e transformação social**. São Paulo: Paulus, 2016.

VII. DESAFIOS ÉTICOS E TECNOLÓGICOS DA ERA DIGITAL

OS RISCOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Robson Sávio Reis Souza

A inteligência artificial é uma tecnologia em rápido desenvolvimento, com ampla possibilidade de uso em várias áreas da vida cotidiana. No entanto, também traz consigo várias questões éticas e potenciais perigos que precisam ser considerados.

A inteligência artificial pode, por exemplo, ser usada para automatizar tarefas repetitivas e de baixo valor agregado, liberando os seres humanos para se concentrarem em atividades mais complexas. Também pode ser aplicada na análise de grandes volumes de dados médicos para diagnósticos mais precisos e tratamentos personalizados.

Na área da comunicação, a inteligência artificial pode entender e processar comandos de voz para realizar tarefas como fazer chamadas telefônicas ou enviar mensagens. A inteligência artificial é utilizada em aplicativos e plataformas para traduzir textos e vozes entre diferentes idiomas. Os algoritmos de inteligência artificial são usados para personalizar *feeds*, recomendando conteúdo com base nos interesses dos usuários.

Não se pode descartar, no entanto, que interesses não confessados de anunciantes e das próprias plataformas influenciem no direcionamento do conteúdo sugerido. Além disso, esses algoritmos podem refletir preconceitos presentes nos dados utilizados para seu treinamento, levando a informações e decisões discriminatórias e injustas.

O desenvolvimento de inteligência artificial altamente avançada e autônoma pode apresentar riscos potenciais se não for devidamente controlada. A automação decorrente da inteligência artificial, por exemplo, pode levar à perda de empregos, exigindo adaptação e reconversão da força de trabalho.

Uma outra questão é que a coleta e o uso de dados pessoais para alimentar sistemas de inteligência artificial também representam riscos à

privacidade das pessoas. Além disso, do ponto de vista do impacto dessas ferramentas sobre seus usuários, a dependência excessiva de inteligência artificial pode tornar as pessoas dependentes e menos capazes de realizar tarefas por si mesmas.

A inteligência artificial tem um papel significativo nas redes digitais, especialmente no que diz respeito à privacidade e à manipulação do conteúdo. As redes sociais coletam uma enorme quantidade de dados e essa coleta massiva levanta questões sobre como essas informações são armazenadas, usadas e compartilhadas e se os usuários têm controle suficiente sobre suas próprias informações. Vazamentos de dados ou falhas de segurança podem resultar na exposição de informações pessoais sensíveis de usuários, governos e empresas.

As ferramentas da inteligência artificial se agregam a outros aspectos já bastante nebulosos do funcionamento das redes sociais. A combinação desses recursos pode agravar fenômenos como as bolhas geradas nas redes sociais, pois os usuários tendem a ser expostos a conteúdos que reforçam suas crenças existentes, isolando-os de perspectivas diferentes das suas. Isso pode agravar ainda mais os casos de extremismo político e o fundamentalismo religioso, por exemplo. Afinal, a manipulação de conteúdo nas redes sociais pode contribuir para a polarização e a divisão da sociedade, incentivando a disseminação de visões extremas e desinformação.

As situações aqui pontuadas são apenas ilustrativas, mas destacam suficientemente a importância de uma regulamentação adequada e da transparência por parte das plataformas de redes sociais quanto ao uso da inteligência artificial. Também é essencial que os usuários estejam cientes dos riscos e adotem práticas de segurança e privacidade para proteger seus dados pessoais enquanto navegam nas redes sociais.

Em todas as interações com a inteligência artificial, é muito importante considerar os aspectos éticos e estar ciente dos possíveis perigos associados à sua utilização. A governança adequada e a supervisão humana são fundamentais para garantir que a inteligência artificial seja usada de maneira responsável e benéfica para a sociedade.

UM POUCO MAIS SOBRE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Robson Sávio Reis Souza

O filme *Frankenstein* aborda questões ainda muito atuais. Essa história é um clássico do gênero terror, lançado em 1931, baseado em um romance do século XIX. Um médico produz uma criatura com partes de cadáveres. Ao ganhar vida, a criatura enfrenta rejeição e provoca medo, levando a consequências trágicas.

Além de uma história fictícia e fantástica, trata-se também de uma complexa mistura de metáforas e reflexões sobre a humanidade. Um dos dilemas éticos contemporâneos diz respeito aos interesses, sobretudo econômicos, implicados na relação com as tecnologias. Como, afinal, lidamos com as tecnologias e as máquinas? Nossa sociedade – hiperindividualista, narcísica, consumista – deveria ser acolhedora e cuidadora das pessoas. Ao contrário disso, ela se mostra uma sociedade invasiva, segregadora, preconceituosa. Nela há muitas pessoas que desumanizam as outras, em especial aquelas que são diferentes ou não se encaixam em parâmetros considerados normais.

Essa reflexão esteve presente no encontro do papa Francisco com o chamado G7, o grupo que reúne os líderes das maiores economias mundiais. O encontro ocorreu na Itália, na primeira quinzena de junho de 2024. No encontro com esses poderosos líderes econômicos – não necessariamente líderes de países onde seus cidadãos são felizes –, o papa Francisco alertou sobre as potencialidades e os perigos da inteligência artificial.

Francisco reconheceu que o uso da inteligência artificial representa uma transformação histórica para a humanidade, mas a tecnologia precisa estar a serviço da vida e da dignidade humanas. Disse o papa: “Condenaríamos a humanidade a um futuro sem esperança se retirássemos das pessoas a capacidade de decidir sobre si mesmas e sobre as suas vidas, obrigando-as a depender das escolhas das máquinas” (Francisco, 2024).

O Observatório da Comunicação Religiosa lembra que há algum tempo o papa já tinha advertido que a inteligência artificial deveria servir à humanidade e não enriquecer apenas alguns “gigantes tecnológicos”.

Aí está o dilema de Frankenstein e da humanidade: a luta pelo espaço negado, as expectativas e os desejos frustrados de cada um de nós, somados à insensibilidade daqueles que estão na posição de poder, podem fazer com que o uso das ferramentas de comunicação, como a inteligência artificial, desperte o monstro que habita em nós.

Há muitas pessoas que, na busca de caminhos independentes para tentarem se fazer acreditadas, compreendidas, amadas e aceitas, rejeitam qualquer limite ético. Desse sentimento de rejeição, do medo e do ódio, inclusive o religioso, surgem ações monstruosas que podem estar presentes na comunicação, incluindo no uso da inteligência artificial.

VIDA ACELERADA

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, SSP

As tecnologias da comunicação aceleraram nossos dias. Há uma tendência disseminada nas consciências de que a vida precisa ser sempre acelerada. Ocorre que nosso corpo não é uma máquina e sua complexidade não se resolve num clique.

As máquinas movidas pela inteligência artificial, por meio de um clique ou de um comando de voz, nos oferecem textos e imagens à exaustão. Por ser tudo tão veloz, já não temos tempo para esperar. São mais cômodos os vídeos breves e textos curtos. A paciência se abala se a mensagem do *WhatsApp* não for respondida imediatamente. Nas ruas, os humanos, dentro de suas máquinas velozes e potentes, não suportam o passo lento e cansado de um idoso. A faixa de pedestre é um risco. A sabedoria ancestral não encontra assento na velocidade.

Estamos em uma grande correria, sabe-se lá para onde. Isso é muito real no corre-corre das multidões nas longas escadas rolantes do metrô da cidade de São Paulo. Se alguém é pisado, não espere desculpas. Na velocidade, não há espaço para a delicadeza.

Corremos porque precisamos marcar o ponto no relógio da empresa. Corremos porque o pequeno que nasceu precisa de fraldas. Corremos para não perder o emprego. Corremos porque já estamos há mais de duas horas no trânsito e a tarifa vai subir. Corremos porque a companhia elétrica nos deixa no escuro e nos endivida com suas altas taxas de cobrança. Corremos.

Tudo parece instantâneo. O celular atesta isso em nosso bolso e ao alcance de nossos dedos e olhares. O lume frio da tela parece nos absorver. A instantaneidade, porém, não estanca as contas e elas nos custam tempo, o tecido da vida.

“Fraternidade e ecologia integral” é sobre o tecido da vida. O ritmo acelerado e desumano nos expulsa do jardim do Éden. Deus nos colocou em um jardim (Gn 2,8) e nos encarregou de guardá-lo e cuidar dele. Infelizmente, em vez do cuidado, há exploração e abusos. O aquecimento global e os eventos climáticos extremos são o grito do jardim.

Pensem no nosso jardim chamado Brasil, declamado como “país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza, mas que beleza”. Maior beleza terá quando os mais sofrendores que o habitam puderem desfrutar das sombras, dos frutos, da orquestra dos passarinhos e do colorido desse Éden, sua brisa, os movimentos das árvores, das águas, da beleza da diversidade de bichos, as cores e os aromas dos dias. Das noites. As estrelas...

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-2025: Francisco). **Discurso do papa Francisco**; papa Francisco participa da sessão do G7 sobre inteligência artificial. Borgo Egnazia, 14 jun. 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2024/june/documents/20240614-g7-intelligenza-artificiale.html>. Acesso em: 16 jul. 2025.

PAÍS tropical. Intérprete: Jorge Ben Jorge. *In*: JORGE Ben. Compositor: Jorge Ben Jor. Universal Music, 1969. Faixa 5. Disponível em: https://open.spotify.com/track/4877bJ149OUJ-ZHTiU5Jg8P?si=2wIbsjJ6S_-dxggbAKunKw. Acesso em: 30 jul. 2025.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein; ou, o Prometeu moderno**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

WHALE, James (Direção). **Frankenstein**. [Filme]. Roteiro de Garrett Fort e Francis Edward Faragoh. Produção de Carl Laemmle Jr. Los Angeles: Universal Pictures, 1931. 71min.

VIII. FÉ, POLÍTICA DISCERNIMENTO COMUNICACIONAL

RELIGIÃO E POLÍTICA

Robson Sávio Reis Souza

Análises produzidas pelo Centro de Estudos da Religião e Políticas Públicas da Universidade de São Paulo (Cerp), tendo como fontes tuítes publicados por lideranças religiosas, em 2022, indicaram o impacto das opiniões de líderes religiosos na opinião pública. O monitoramento concluiu que a religião está cada vez mais presente na discussão pública, e os valores religiosos estão imprimindo formas de comportamento social.

Religião e política podem ser forças polarizadoras, justamente porque tratam de assuntos importantes, profundamente pessoais e próximos de nossas paixões. O velho ditado “não misture religião e política” não perde sua utilidade, porque representa uma verdade poderosa: quando a religião é usada para fins politizeiros, ela esvazia seu significado e se torna apenas mais um método cínico de adquirir poder (Corbi e Miessi, 2022).

Pesquisadores de várias áreas do conhecimento e de várias partes do mundo têm observado a utilização da religião para a manipulação político-eleitoral, conquista do poder do Estado ou para a difusão de discursos de ódio e notícias falsas. Algumas pesquisas apontam para a apropriação do cristianismo por grupos políticos da extrema-direita em várias partes do mundo.

Esses grupos da extrema-direita global, utilizando principalmente as redes digitais e os influenciadores digitais, manipulam a identidade cristã para reforçar um pertencimento religioso e social radicalizado, criando a chamada “guerra cultural”.

O teólogo e pesquisador Ronilso Pacheco (2022), professor assistente do Departamento de Filosofia na Universidade de Oklahoma, nos Estados Unidos, em entrevista à *Deutsche Welle* (empresa pública de radiodifusão

da Alemanha), afirma que a ideia de que o cristianismo deve orientar a vida social com um projeto de poder político está presente também no Brasil.

Uma reportagem do jornal *Le Monde Diplomatique Brasil* associa a ascensão da extrema-direita em nosso país ao crescimento dos evangélicos. Porém, vários ataques à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e a lideranças e clérigos católicos considerados progressistas ou aliados do pontificado do papa Francisco demonstram que setores fundamentalistas da extrema-direita também estão presentes no universo católico (Pinezi, 2019).

Quando analisamos os fenômenos como os atentados antidemocráticos do dia 8 de janeiro de 2023 contra os Três Poderes da República, verifica-se a presença de lideranças e igrejas por trás de tais atividades. Diante disso, o teólogo e pesquisador Élio Gasda (2022), da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte, defende uma relação estreita entre neoliberalismo, pentecostalismo evangélico, reacionarismo católico e extrema direita.

O catolicismo no Brasil sempre foi plural e apresenta várias formas de expressão, inclusive no campo político. Há que se observar, porém, que nos últimos anos setores fundamentalistas dentro do catolicismo se associaram a grupos religiosos da extrema direita do campo evangélico e protestante, inclusive em ações coordenadas de ataques à democracia, às instituições democráticas, a lideranças e movimentos sociais nos parlamentos e nas mídias sociais.

Portanto, é fundamental que os cristãos, em geral, e os católicos, especificamente, fiquem atentos a esses fenômenos que se circunscrevem a um espectro social, político, cultural e religioso de extrema polarização e disputas de visões de mundo dentro do próprio cristianismo.

RELIGIÃO, POLÍTICA E FANATISMO NA COMUNICAÇÃO

Pe. Dário Bossi

Tem acontecido uma perigosa conexão entre religião e ideias políticas fundamentalistas. Nos últimos anos, viu-se com frequência a religião sendo utilizada para iludir pessoas, motivar atitudes de ódio e até ações violentas e antidemocráticas, como a ocupação da praça dos Três Poderes, no dia 8 de janeiro de 2023.

Alguns pregadores nem se preocupam em ter igrejas ou espaços físicos onde reunir seu rebanho: optaram pelas redes sociais para alcançar números maiores de pessoas de várias partes do país.

Por causa da concorrência religiosa nas redes sociais, dos tempos curtos e da necessidade de chamar a atenção e cativar a audiência das pessoas, as pregações *online* fazem ainda mais apelo aos sentimentos e às emoções, especialmente ao medo do inimigo e à euforia. Muitas vezes, é necessário criar um inimigo imaginário, ou satanizar os adversários, para santificar as crenças e justificar as ações dos seguidores do profeta de turno, que grita no *YouTube*.

Esse tema preocupa bastante o Observatório da Comunicação Religiosa. Como falar de Deus, na televisão ou nas redes sociais, sem manipular as pessoas e sem cair num dos pecados mais antigos e comuns, muito criticado na Bíblia, que é usar o nome de Deus em vão (Ex 20,7; Dt 5,11)?

É impressionante quanto os pregadores e pregadoras *online*, para cativar a atenção e a fidelidade da audiência, fazem referência a sonhos, visões, inspirações e encontros diretos com Deus: “Deus me disse”, “O Senhor me revelou”, “Apareceu-me um anjo”... Nesse tipo de discurso há até uma postura covarde, porque se alguém criticar ou denunciar tal pregador por algum aspecto do conteúdo pregado, ele pode dizer que não se tratava de calúnia ou de incitação à violência, mas simplesmente de uma visão, de um sonho compartilhado.

Desconfie de quem tem sempre o nome de Deus na boca, porque Deus pode estar sendo utilizado indevidamente apenas para manipular consciências. No Evangelho, Jesus diz à samaritana que Deus não se deixa

capturar ou adorar no monte dos samaritanos ou no templo dos judeus, mas deve ser encontrado “em espírito e verdade” (Jo 4,23-24). Quando falamos de Deus, precisamos fazê-lo com muito respeito, na ponta dos pés, frente ao mistério que nunca podemos possuir ou controlar.

Quando falamos de fé e política, precisamos conhecer o ensino social da Igreja, recordar o magistério de tantos mestres na fé, respeitar o grito das pessoas empobrecidas, que são as mais amadas por Deus: é a elas que a política deve servir, para proteger os fracos, para cuidar da vida, para organizar a sociedade em relações de amor.

COMUNICAÇÃO E ENCARNAÇÃO

Pe. Dário Bossi

Numa época do ano em que já se avizinha o Natal, o Observatório da Comunicação Religiosa colhe a oportunidade de refletir sobre a relação entre a encarnação do Filho de Deus e a comunicação. Vem à mente o início do Evangelho de João – “No princípio era a Palavra” (Jo 1,1) – e daí surge a compreensão de que Deus, desde o começo, se revela como um comunicador.

João segue dizendo que, no princípio, a Palavra estava “voltada para Deus”. É uma imagem muito bonita da Trindade: Deus em contínua comunicação de amor e de diálogo. Ele não é um ser isolado, distante e sozinho. É um ciclo envolvente de relações.

Tudo foi feito por meio dessa Palavra envolvente. É um círculo criativo, fecundo, que dá a vida. Assim, nasce o círculo de todas as criaturas: entre elas existe uma comunicação amorosa, como tem demonstrado a ciência biológica mais recente. Por exemplo, está demonstrado que as árvores numa floresta se comunicam entre si e até se ajudam, intercambiando substâncias e alimentos.

Temos muito a aprender com o círculo de comunicação que Deus inspirou ao criar o Universo. Mas não é suficiente: a comunicação de Deus precisa entrar na história. “A Palavra estava no mundo”, diz o Evangelho de João. Como os humanos não a compreendiam, foi necessário que ela se tornasse carne, que se tornasse humana, um de nós. Jesus é Deus comunicador que se encarna.

O que significa, então, uma comunicação encarnada? Quero dar três palpites, entre muitos possíveis:

1. Não julgar as pessoas e os fatos a partir de preconceitos, de *slogans*, de rótulos ou difamações.
2. Escolher a partir de onde escutamos e comunicamos a realidade. Escolher um lado da história, como fez Jesus ao encarnar-se: o lado dos empobrecidos e das vítimas. É muito diferente a comunicação dos poderosos e aquela das vítimas.

3. Dar consistência a nossas palavras. Comprovar com nossas atitudes e compromisso pessoal e comunitário aquilo que dizemos e defendemos.

O Observatório da Comunicação Religiosa deseja a você uma comunicação encarnada, coerente e empenhada na promoção da paz e da vida dos pequenos. Feliz Natal, festa da encarnação de um Deus que não se cansa de se comunicar.

PARA APROFUNDAR A REFLEXÃO

CORBI, Raphael; MIESSI, Fabio. O poder da persuasão dos líderes religiosos. **Cerp USP**, São Paulo, n. 2, jan. 2022. Disponível em: https://sites.usp.br/cerp/wp-content/uploads/sites/1070/2022/02/Opinioao2022_2.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

GASDA, Êlio. Afinidades eletivas: sintonia entre neoliberalismo, pentecostalismo evangélico, catolicismo reacionário e extrema direita. [2022]. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/simposio2022/arquivos/conferencias/Elio%20Gasda.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

PACHECO, Ronilso. Nacionalismo cristão se tornou uma ideologia política. [Entrevista cedida a] João Pedro Soares. **Deutsche Welle Brasil**, 29 out. 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/nacionalismo-crist%C3%A3o-se-tornou-uma-ideologia-pol%C3%A9tica/a-63594546>. Acesso em: 16 jul. 2025.

PINEZI, Ana Keila Mosca. Evangélicos e a ascensão da extrema-direita no Brasil. **Le Monde Diplomatique Brasil**. 13 maio 2019. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/evangelicos-e-a-ascensao-da-extrema-direita-no-brasil/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

SOBRE OS AUTORES

ANTONIO IRAILDO ALVES DE BRITO é religioso da congregação dos Paulinos (Paulus). Antes da Filosofia e da Teologia cursou Jornalismo. É mestre em Letras, doutor em Comunicação e Semiótica. Professor no curso de Jornalismo da Faculdade Paulus de Comunicação (Fapcom). É coordenador dos periódicos *Paulus* e editor da revista *Vida pastoral*. Autor, dentre outros, de *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo* (Paulus, 2009).

CLAUDEMIR FRANCISCO ALVES, é filósofo, mestre e doutor em Estudos Literários (UFMG). Professor de iniciação filosófica na PUC Minas. Durante de 10 anos (2013-2023) foi membro do Grupo Gestor do Nesp (Núcleo de Estudos Sociopolíticos da PUC Minas e da Arquidiocese de Belo Horizonte). Dedicar-se principalmente ao estudo da Filosofia Política e das interseções entre linguagem e epistemologia.

DÁRIO BOSSI, missionário comboniano, assessor da Comissão Socio-transformadora e da Comissão para Ecologia Integral e Mineração da CNBB, membro da coordenação da rede ecumênica latino-americana Iglesias y Minería.

HELENA CORAZZA pertence à Congregação das Filhas de São Paulo. É jornalista, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). É autora, dentre outros, de *Educomunicação: Formação pastoral na cultura digital* (Paulinas, 2016).

JANAÍNA GONÇALVES, jornalista, mestra em Ciências da Religião, especialista em Gestão de Mídias, analista de comunicação da PUC Minas e coordenadora da Pascom no Brasil. Uma das autoras de *Comunicar para humanizar: a comunicação a partir do papa Francisco* (Paulinas, 2023).

JOAQUIM GIOVANI MOL GUIMARÃES, bispo para servir a Igreja Local de Santos (SP). Teólogo, pastoralista, professor da Faculdade Jesuíta em Belo Horizonte. Publicou, com outros, *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco* (2022).

MARIA INÊS VIEIRA RIBEIRO, Congregação das Irmãs Mensageiras do Amor Divino, ex-presidente da CRB Nacional.

NATANAEL DE MELO CARVALHO, missionário redentorista, tem formação em *design* gráfico (Comunicação Visual) pela Estácio FIC (Ceará). Atua na formação, assessoria e acompanhamento de agentes pastorais e lideranças da Pascom nas paróquias e comunidades onde exerce sua missão. Assessor de comunicação da CRB Regional Maranhão durante quatro anos. Membro da equipe de comunicação da CRB Nacional

NEUSA SANTOS, doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e mestra em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM). Jornalista e assessora de comunicação da CRB Nacional. Diretora geral dos Cursos de Comunicação e Mídias Digitais da CRB Nacional. Membro da Comissão de Comunicação e Cultura Digital da CLAR. Redatora da revista *Convergência* da CRB. Integra as comissões de comunicação do V Congresso Vocacional da CNBB e da COP 30.

ROBSON SÁVIO REIS SOUZA, professor do Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas. É especialista em teoria e prática da comunicação social; doutor em Ciências Sociais, com pós-doutorado em Direitos Humanos. Preside o Conselho Estadual de Direitos Humanos de Minas Gerais; é membro do grupo de análise de conjuntura sociopolítica da CNBB, da Comissão Brasileira de Justiça e Paz, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter).

VENÍCIO A. DE LIMA, professor titular de Ciência Política e Comunicação (aposentado) e emérito da Universidade de Brasília. Autor, dentre outros, de *Paulo Freire, a prática da liberdade para além da alfabetização* (Autêntica/Perseu Abramo, 2021).